

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

EDUARDO DAS CHAGAS OLIVEIRA

DO DIÁLOGO NA EDUCAÇÃO:
Diálogo em torno da Filosofia de Martin Buber e a Educação

Maceió

2017

EDUARDO DAS CHAGAS OLIVEIRA

**DO DIÁLOGO NA EDUCAÇÃO:
Diálogo em torno da Filosofia de Martin Buber e a Educação**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas (grupo: Filosofia e Educação / Ensino de Filosofia) como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Junot Cornélio Matos

Maceió

2017

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

O48d Oliveira, Eduardo das Chagas.

Do diálogo na educação : diálogo em torno da filosofia de Martin Buber e a educação / Eduardo das Chagas Oliveira. – 2017.
103 f.

Orientador: Junot Cornélio Matos.

Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2017.

Bibliografia: f. 103.

1. Buber, Martin, 1878-1965. 2. Freire, Paulo, 1921-1997. 3. Educação – filosofia. 4. Diálogos. I. Título.

CDU: 37.01

Universidade Federal de Alagoas
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Diálogo em torno da filosofia de Martin Buber e a educação

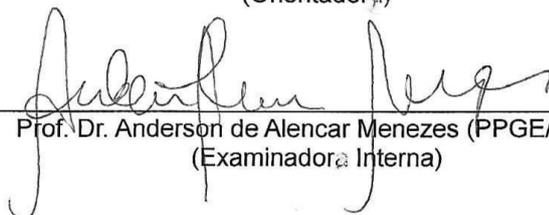
EDUARDO DAS CHAGAS OLIVEIRA

Dissertação de Mestrado submetida à banca examinadora, já referendada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 22 de setembro de 2017.

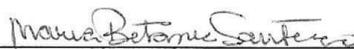
Banca Examinadora:



Prof. Dr. Junot Cornélio Matos (PPGE/UFAL)
(Orientador)



Prof. Dr. Anderson de Alencar Menezes (PPGE/UFAL)
(Examinadora Interna)



Profa. Dra. Maria Betânia do Nascimento Santiago (UFPE)
(Examinadora Externa)

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Junot Cornélio Matos que acreditou na minha capacidade de realizar esse trabalho, apesar de todos os problemas que passei, me deu forças para não desistir e seguir em frente, até mesmo quando tudo estava perdido para mim, estendeu-me a mão. Muito obrigado por toda ajuda e paciência, e a toda sua orientação Filosófica e contribuição pedagógica. Obrigado, Junot, por ser esse grande Professor, orientador e amigo. Obrigado por não desistir de mim e ser essa grande Alma.

Ao meu Pai Salomão Lourenço de Oliveira, pela insistência para que eu continuasse a caminhada, por não me deixar desistir e por não permitir que eu dissesse não. Por acreditar que eu pudesse pular os obstáculos e finalizar essa jornada.

O experimentador não participa do mundo: a experiência se realiza "nele" e não entre ele e o mundo. O mundo não toma parte da experiência. Ele se deixa experienciar, mas ele nada tem a ver com isso, pois, ele nada fez com isso e nada disso o atinge (BUBER, Martin. 1979. p. 6).

RESUMO

Este trabalho busca apresentar o Diálogo e a Educação como partes independentes, e ao mesmo tempo dependentes uma da outra, já que apresentamos o Diálogo Buberiano, que traz uma visão do respeito com o outro e uma transformação da Pedagogia em Dialogia, como também apresentamos alguns aspectos sobre Filosofia, Educação e Diálogo. Em relação ao pensamento Dialógico e Educacional de Martin Buber, mostraremos um pouco de sua vida desde criança e como ela o influenciou a ser o grande pensador contemporâneo que foi. Como sabemos, Buber teve uma infância difícil, e essa mesma dificuldade trouxe-lhe um grande aprendizado para a construção do seu Diálogo e sua Educação. No que se refere à Educação, iremos trazer alguns pontos do Diálogo de Paulo Freire, como também de sua pedagogia, não querendo traçar nenhum tipo de diálogo entre ele e Martin Buber, mas sim apenas apresentar o seu diálogo como mais um ponto a ser trabalhado no capítulo da educação. Também apresentaremos alguns aspectos da Educação sobre a Sociedade, Cultura e Política. A comunicação entre as pessoas é um aspecto que ainda precisa ser investigado na área da Educação, por envolver tal complexa dicotomia Docente-Discente, Educador e Educando. O pensamento Dialógico e filosófico de Martin Buber voltado para os processos Educacionais, junto ao conceito Pedagógico de Freire, e toda a multiplicidade que a educação nos apresenta constituirão esse trabalho.

Palavras-chave: Diálogo, Educação, e Sociedade.

ABSTRACT

This work intends to present the Dialogue and the Education as independent parts, and at the same time dependent of each other, since we are going to present the Buberian Dialogue, which brings a vision of respect with one another, and a transformation of the Pedagogy into Dialogic, as well as some aspects about Philosophy, Education and Dialogue. Regarding Martin Buber's Dialogical and Educational thinking, we will show a bit of his life since childhood and how it influenced him to be the great contemporary thinker he was. It is well known that Buber had a difficult childhood, and this difficulty taught him a valuable lesson for the construction of his Dialogue and Education theories. With regard to Education, we will discuss some points of Paulo Freire's Dialogue, as well as his pedagogy. In addition to that, we will present some aspects of the education about Society, Culture and Politics. The communication among people still needs to be more investigated in field of Education, since it involves the complex dichotomy of Teacher-Student, Educator and Educated. Martin Buber's dialogical and philosophical thinking on the Educational processes, along with Freire's pedagogical concept, and all the multiplicity that is educated, will constitute this work.

Keywords: Dialogue, Education, Personal and Pedagogical Relations, Family, Man, Otherness, Philosophy, Politics and Society.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 MARTIN BUBER: VIDA, OBRA E FORMAÇÃO ACADÊMICA	10
2.1 Seu Pensar e Agir.....	14
2.2 Hassidismo.....	18
2.3 O Eu e Tu Formador do Diálogo.....	24
2.4 Diálogo e Educação em Martin Buber.....	38
3 EDUCAÇÃO	43
3.1 Paulo Freire: Educação e Diálogo.....	44
3.2 Alguns desafios e demandas da educação nos dias de hoje.....	59
3.3 O Diálogo para uma Educação na Sociedade.....	65
4 O DIÁLOGO NA EDUCAÇÃO: UMA POSSIBILIDADE FORMATIVA	70
4.1 O Diálogo e a Educação como consciência da realidade.....	74
4.2 A Educação e aquele que ensina.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho vem de um estudo biográfico de um grande autor contemporâneo chamado Martin Buber, bem como de outro grande tema da nossa época que é a educação. Após quatro anos de estudo na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde me dediquei ao estudo da Filosofia, vi que faltava algo para acalmar minhas inquietações sobre a vida e a própria Filosofia. Foi então que me voltei para a área da educação e todas as suas ramificações, e descobri o quanto a educação é importante para a completude não apenas da filosofia, mas também de qualquer outra área do estudo ou ciência.

Durante minha graduação, muito ouvi falar que a filosofia pura era o que interessava e que aspectos educacionais, de modo geral, em nada contribuiriam para meu crescimento filosófico. Porém o que vi foi totalmente ao contrário, percebi que todas as lacunas existenciais presentes na filosofia poderiam ser preenchidas por esses aspectos. Após uma leitura inicial de Paulo Freire e todo o seu diálogo voltado para as interações sociais e para o outro, percebi o quanto existia de filosofia nisso. Da mesma forma quando tomei conhecimento de alguns conceitos educacionais de Gramsci, tive a certeza do quanto a discussão sobre a educação era importante para todo o processo educacional e filosófico.

Como não bastasse todo esse conhecimento extra filosófico e educacional, o encontro com o diálogo e modo de vida de Martin Buber foi o que faltava para me dar a certeza de quanto era necessário ter esse tipo de conhecimento e o quanto ele poderia adicionar na minha vida acadêmica e pessoal, como também na minha relação com o outro dentro da sociedade. O diálogo de Buber fala entre outras coisas do amor e da alteridade, discorrendo também sobre aspectos humanos e sociais, conhecimentos de grande importância para a vida em coletivo.

Durante minha trajetória na graduação de Filosofia, tive oportunidades de conhecer diversas obras e autores, o que permitiu uma viagem desde a Grécia Antiga com Sócrates e Platão, passando pelo período do medieval com Tomás de Aquino e Santo Agostinho até chegar ao período contemporâneo, com tantos outros pensadores (Kant, por exemplo). Como havia falado anteriormente sobre a filosofia pura, muitos estudos foram feitos através dos pensadores alemães e suas doutrinas

e éticas, porém pude ver o quanto os processos educacionais poderiam ser de grande utilidade junto a todos esses conhecimentos.

Uma viagem foi feita até esse encontro dialógico e até essa descoberta educacional. Sinto-me muito feliz por ter encontrado o outro lado da “moeda acadêmica”, se assim posso dizer, e poder discordar de todos os que desprezaram esse conhecimento no que tange à educação, que para muitos já são científicos. A educação é certamente um grande manancial para todo conhecimento, é fonte de estudo, mas também de poder; o poder da educação.

Voltando a Martin Buber (1979), ao conhecer todo o conjunto da sua obra, considero *Eu e Tu* seu trabalho de maior importância. A partir disso, tive certeza do quanto o autor tinha de ser pesquisado e estudado, e o quanto iria trazer de contribuição para minha jornada acadêmica.

Concentrando-me um pouco mais no pensamento filosófico e educacional de Martin Buber, (1979) pude constatar que ele busca em suas experiências respostas para sua vida pessoal, para através da inquietude interior e reflexão poder encontrar respostas para a vida, mantendo uma relação estreita com o outro, mas dando a si espaço para viver sua própria. Desde a Primeira Guerra Mundial, as relações humanas vêm tomando um rumo diverso do seu natural, pessoas vêm se matando e se destruindo por apenas não se respeitarem, um grande problema relacional – para Buber (1979) dialógico –, pois é pela falta do diálogo que muitas mazelas humanas ainda existem em nosso período.

O pensamento Buberiano traz uma série de perguntas sobre a nossa vida em sociedade, e a busca pelas respostas seria já um dos caminhos para a nossa sociedade individualista e singular. Para Buber, o ser humano é também um ser de relações, porém o que todo o seu conceito prega é a possibilidade de se chegar a um encontro de forma verdadeira, ou seja, que não possamos ferir princípios pré-estabelecidos para tal encontro (alteridade, amor, respeito, cumplicidade). De modo geral, o conhecimento educacional adquirido pelas leituras aqui descritas me fez ter a certeza do quanto a educação é importante para os processo de humanização.

2 MARTIN BUBER: VIDA, OBRA E FORMAÇÃO ACADÊMICA

Martin Buber foi um grande autor e escreveu diversas obras em vários campos, dissertando sobre educação, filosofia, religião, arte, antropologia entre outros. Também foi um grande intérprete da bíblia, porém, em todos esses escritos e estudos, o diálogo sempre esteve presente. O diálogo para Martin Buber foi objeto de pesquisa por se tratar, da mesma forma, de uma dimensão espiritual e pedagógica. Foi um grande pensador do século passado e um grande filósofo, levando a sério uma pedagogia que unia várias áreas do saber, tendo como fundo o diálogo.

Martin Buber nasceu em Viena, no dia 8 de fevereiro de 1878. Ele passou por várias situações difíceis em sua vida, situações essas que o ajudaram a formar sua maneira de ser, pensar e agir. Desde cedo vivenciou problemas que apesar de lhe trazer dificuldades em sua criação, também pôde agregar em sua vida uma maneira singular de interpretá-la. Como garoto, por volta dos três anos de idade, pôde presenciar a separação do seus pais, ou seja, já pequeno o primeiro problema e também a sua primeira lição, pois aos quatro anos teve que deixar os pais e partir para Lemberg, situada na Galícia, para dar início a uma convivência com seus avós, convivência essa que o ajudou a formar sua maneira de ser, construindo com isso, o seu grande e poderoso diálogo.

Não podemos afirmar ao certo os verdadeiros motivos que levaram a sua mãe a abandoná-lo, o que podemos ratificar é que essa separação foi extremamente traumática para aquele menino. A separação dos pais é objeto de trauma e conflito para qualquer criança, e não foi diferente para Buber, foi algo tão chocante para ele, que até ele mesmo pôde relatar essa experiência em sua infância. Como qualquer criança, Buber também gostaria de saber o que levou seus pais a se separarem, porém ao que se sabe sua família não lhe deu nenhuma explicação sobre tal fato, o que ajudou a traumatizar ainda mais aquela situação e a aumentar a sua vontade de poder encontrar seus pais novamente e, mais ainda, sua mãe. Mais tarde, ele mesmo afirmou sobre o amor que guardava em relação à mãe. Ele relatou em sua autobiografia tal situação, descrevendo como pôde perceber que seus pais haviam se separado e se questionar o porquê de não poderem ter-lhe explicado tal fato.

Os anos se passaram e Martin Buber continuou morando sem sua mãe. Anos após anos, Buber viveu apenas com o desejo de poder rever a sua genitora, algo que só pode acontecer em vida adulta, já casado e com seus filhos. Antes disso, Buber voltara a morar com seu pai, porém o desejo de rever a mãe e o seu amor por ela não desapareceram. Após essa experiência com seu pai, Martin Buber a reviu, fato tão esperado por ele, mas também tão marcante negativamente, pois o reencontro não foi tudo aquilo que ele esperava. Como dito anteriormente, toda essa situação de separação e reencontro serviram não apenas de experiência para Buber, mas foi fator determinante para a formação e criação do seu diálogo e de sua filosofia educacional, ou seja, serviu para a construção de sua própria pedagogia.

Após a separação dos pais e, em seguida, a moradia com seus avós, Martin Buber inicia sua nova vida, tendo novas experiências e ensinamentos, já que seu avô Salomão era um estudioso da tradição judaica verdadeira. Nesse sentido, Buber pôde experimentar e viver essa forma de vida espiritual. O avô de Buber tinha muita influência e foi um grande líder da tradição judaica Haskalah. O jovem Buber teve uma vida muito harmoniosa com essa família, apesar de todo trauma da separação dos seus pais, pois havia um ambiente muito propício para os estudos, no qual teve a oportunidade de aprender o Hebraico, ler vários textos bíblicos e se aproximar e entender toda a tradição judaica.

Após os 14 anos matriculou-se no ginásio polonês de Lemberg. A filosofia exerceu grandes influências em seus pensamentos e na forma de enxergar o mundo. Dois livros o marcaram e o ajudaram a formar seu senso crítico. Nessa época, o jovem Martin Buber (1979) estava tomado e cheio de ideias sobre tempo e espaço. Escreveu uma obra na qual relata uma experiência que o ajudou a concatenar suas ideias. O problema do homem foi uma obra que exerceu influência em toda sua vida. Várias foram as inquietações que tomaram a sua cabeça no início de seus estudos filosóficos e bíblicos, porém nenhuma foi tão forte quanto as questões do espaço e do tempo.

Um livro que ajudou Martin Buber a encontrar respostas para suas inquietações e frustrações subjetivas foi o Prolegômenos de Kant, livro esse que trouxe algumas respostas para suas indagações. Suas questões sobre o espaço e o tempo tiveram algumas respostas, pois obteve conhecimento e verificou que o

espaço e o tempo não são nada mais que formas através das quais abstraímos as coisas, sendo que elas em nada afetam o ser das coisas existentes.

Haskalah representa o movimento entre os judeus, que teve início no fim do século XVIII, na Europa Oriental, onde dava-se extrema atenção às normas e tradições judaicas. Também admitiu-se uma grande aquisição de conhecimento, normas e aspirações de vida moderna pelas nações que gentilmente permitiriam a residência dos judeus. Em outras palavras, o termo significa o estudo do hebraico bíblico e partes da literatura hebraica poética, científica e crítica. O termo é usado algumas vezes para descrever o estudo crítico moderno de livros religiosos judeus, tais como o “Talmude e o Mishna”, quando usado para fazer algum tipo de diferenciação sobre os estudos modernos de antigos métodos usados pelos judeus ortodoxos. As pessoas que aderem a esse tipo de religião ou movimento são chamados de Maskilim.

Também pode perceber que as formas conseguem de alguma maneira entrar na formação de nossos sentidos. Martin Buber completa sua abstração e reflexão sobre o tempo e o espaço após a descoberta sobre o conhecimento Kantiano: “Eu podia dizer a mim mesmo que o Ser mesmo está subtraído tanto ao infinito quanto ao finito espacial e temporal, pois que não faz senão aparecer no espaço e no tempo, e não se esgota a si mesmo nessa sua aparência”. (Buber, 1979. p. XII)

Outro grande livro lido por Martin Buber e que também exerceu fortes influências em sua vida foi *Assim Falava Zaratustra* de Nietzsche. Esse foi um livro que empolgou tanto o jovem, que mais tarde ele mesmo o traduziu para o polonês. A visão e o pensamento de Nietzsche em relação ao tempo como eterno retorno colocou Buber em uma situação de impedimento em relação à concepção diferente do tempo e da eternidade. O que podemos notar é que o grande Martin Buber passou por um longo processo de subjetivação e inquietudes durante sua adolescência, e que todos os livros lidos por ele, inclusive os dois citados, ajudaram-no a buscar as respostas necessárias para suas perguntas.

Em 1896, Buber entrou para a Universidade de Viena, e matriculou-se no curso de Filosofia e História da Arte. Vale a pena ressaltar que Viena era um grande centro educacional e cultural, flexível e aberto a culturas do mundo intelectual, misturando-se várias culturas, como eslavos e judeus. O diálogo já estava presente

em sua formação e expressão. Viena e toda a sua grandiosidade intelectual foi de grande valia para a formação não apenas acadêmica, mas também pessoal do jovem Martin Buber, contribuindo para o seu pensamento filosófico e literário.

No ano de 1901, ele entrou para a Universidade de Berlim, onde foi aluno de Dilthey e G.Simmel. Também em Leipzig e Zurich, Martin Buber dedicou-se ao estudo da Psiquiatria e da Sociologia, onde mais tarde recebeu o título de doutor em Filosofia.

Buber também fez parte de uma comunidade que exercia uma grande influência entre os jovens, que podiam se expressar livremente, cujos desejos eram respirar novos ares e viver de forma mais profunda a humanidade e o próprio homem. Foi nessa época que Buber conheceu Gustav Landauer, pessoa que o influenciou de forma grandiosa.

Martin Buber sempre foi um líder, e não foi diferente no meio universitário. Agindo sempre de forma bem ativa, se reunia com seus amigos acadêmicos constantemente para poder discutir problemas de interesse comum a todos. As reuniões eram bem parecidas com seminários acadêmicos, ou seja, dava espaço para todos terem voz, mostrando assim, já naquela época, um exercício praticado por Buber e seus amigos em relação ao diálogo autêntico e a liberdade de expressar seus pensamentos e opiniões. Em um desses seminários, o próprio Martin Buber afirmou: “nós não queremos a revolução, nós somos a revolução” (1979. p. XIV). As exposições foram relacionadas a Jakob e Boehme, antiga e nova comunidade.

Martin Buber também foi muito ativo nos primeiros congressos dos movimentos sionistas. Foi escolhido o primeiro secretário, o qual alguns anos mais tarde chefiou uma revolta de cisão no seio do movimento, por não ser adepto ao pensamento e discordar do presidente e fundador Theodor Herzl. No período entre 1916 a 1924, ele foi editor do jornal DER JUDE e também nessa mesma época foi nomeado professor de História das Religiões e Ética Judaica pela Universidade de Frankfurt. Apesar dessa ascensão, Martin Buber logo após foi destituído do cargo pelos nazistas e teve que manter residência em Heppenheim.

Buber também lecionou Sociologia pela Universidade Hebraica de Jerusalém. Por volta dos 60 anos de idade, Martin Buber passou por um momento de intensa atividade intelectual, tendo um aprofundamento intenso em suas pesquisas e áreas.

Vários foram os tipos de estudos praticados por Buber, e muitos foram os seus esforços para atingir uma maior quantidade de pesquisas tanto acadêmicas quanto bíblicas e políticas. Estudos sobre a Bíblia, o Judaísmo, o Hassidismo, A Política, a Sociologia e, por fim, a Filosofia completaram seus esforços intelectuais. Martin Buber morreu em Jerusalém em 13 de junho de 1965.

2.1 Seu Pensar e Agir

É de grande importância para o conhecimento da filosofia e da educação de Martin Buber compreender o significado do encontro, do evento capaz de criar uma abertura para a construção de um diálogo genuíno e verdadeiro, aquele que tem a intenção de se buscar a eternidade. Assim, fazendo uso das palavras de Bachelard, iniciamos nossa compreensão do pensamento de Martin Buber, tentando buscar a essência do seu pensar, para só assim se ter uma noção do seu agir.

O que podemos entender sobre esse grandioso Educador e Filósofo é que seus estudos e pesquisas estavam diretamente ligados à sua vida e à forma que ele acreditava que deveria ser. Estudioso do homem, do ser, e da sociedade, procurou usar em vida o que escrevia e dizia, ou seja, procurava fazer do encontro com o outro uma celebração da própria vida. Podemos ver claramente o que o interlocutor enxergava com a presença de Buber com o que relata G. Marcel: “Fiquei profundamente impressionado, desde o início, com a grandeza autêntica de tal homem que parecia realmente comparável aos grandes patriarcas do Antigo Testamento”.

No trecho, vemos claramente a grande admiração de Marcel, e mais do que isso, o espanto de se ter um personagem que faz do encontro algo especial, que desde o primeiro contato faz como se fosse único, tornando-o assim um encontro verdadeiro e capaz de se dar abertura para um diálogo autêntico, uma plenitude como ele mesmo designa. Não só o conhecimento de Buber o fazia uma pessoa diferente, mas também sua forma de agir e de se comportar, que tornavam-no não apenas uma pessoa admirável, mas também única. Um olhar que falava por si só,

que era capaz de permitir no outro segurança e vida, elementos também necessários para a construção de uma relação dialógica.

Segundo o seu pensamento e baseado em tudo em que ele acreditava, buscava em si mesmo esse encontro verdadeiro, único e singular, só para depois poder ter o encontro com o outro, ou seja, Martin Buber só era capaz de perceber o outro em sua singularidade porque tinha a capacidade de se encontrar em si mesmo anteriormente, buscando sempre a beleza do encontro, valorizando sempre a alteridade. A abertura encontrava sempre apoio no seu silêncio pessoal e reflexivo sobre as coisas e o mundo a sua volta, tentando a perfeita compreensão do outro e do seu mundo, procurando ser ator de sua atitude e comportamento, e também passivo em respeito à busca pela confiança do outro, em que o olhar servia de instrumento pedagógico nesse processo dialógico.

Sua experiência com o Hassidismo lhe proporcionou uma capacidade extrema e disponibilidade para ouvir o outro, além de procurar entender o que se passa nesse evento representado no encontro, fazendo-o buscar sempre uma resposta para as perguntas existentes nesse ato e em toda essa experiência. Todo o conhecimento absorvido da vivência com seu avô Salomon serviu de base para o futuro encontro com o outro e suas particularidades, em que a percepção do “Tu” já começara a brotar em sua vida. O já experiente Buber tinha a noção da importância de que o lugar do outro é de grande valor para qualquer realização existencial.

É bom lembrar que toda a abertura dada por Martin Buber ao outro em relação ao encontro não seria sinônimo de aceitação plena e íntegra de todos os fatos e discussões tidas como verdades absolutas. Ele tinha seu ponto de vista e sua própria verdade, a qual ele iria defender e aplicar não apenas em sua vida, mas também na celebração desse encontro. O ponto crucial aqui seria que mesmo o encontro não demonstrando sinônimo de coerência entre as partes, a verdade para Martin Buber seria algo que iria buscar a todo custo. Apesar de sua personalidade firme e forte, a procura pelo verdadeiro seria algo a ser objetivado.

O diálogo Buberiano era algo sempre caracterizado por uma postura aberta e respeitosa. Intelectual como era, sempre tinha suas ideias e saberes do mundo como uma forte base para suas convicções e valores, no qual ele defendia por acreditar nelas. O diálogo de Martin Buber não era algo insólido de sua vida nem

apenas um estudo acadêmico ou algum objeto de pesquisa, mas sim sua própria maneira de ver o mundo e interagir com ele. O seu diálogo fazia parte de sua vida e servia como uma forte base para suas convicções acadêmicas e pessoais.

Ele também fez parte do movimento sionista¹, e como não poderia ser diferente, também discordou de seus dirigentes pela forma que tomavam suas decisões com bases apenas políticas e diplomáticas. Buber, com seu caráter e sua personalidade de líder, sempre buscou formas de trazer a igualdade entre todos, e dessa forma defendeu um lado do sionismo que fosse mais aberto e amplo para todas as convicções e pertinências em relação a todos do grupo. Com base nessa sua filosofia, procurou uma libertação e purificação interior melhorando o nível social e cultural de todos, inclusive do povo em geral, em relação ao Judaísmo.

A personalidade de Buber e seu caráter são sempre marcados por uma visão social e uma compreensão geral de todos. Sua vida interior era representada por suas atitudes exteriores de total compreensão sobre as coisas e o mundo, ou seja, sua vida pública era o reflexo de tudo que Martin Buber pensava, algo extremamente inerente a sua filosofia de vida e caráter existencial, pois, mesmo como um judeu, foi capaz de enxergar todas as coisas com um olhar humano e sem nenhuma discriminação de qualquer natureza.

A grande fé no ser humano é uma das características mais marcantes em Martin Buber. Suas convicções filosóficas e seu espírito acolhedor foi muito bem representado por essa condição humana e pessoal de crença no ser humano e no outro. Sempre procurou uma solução dos problemas da humanidade; a existência do próprio homem era objeto de estudo para esse filósofo e educador. O homem atual e seus inúmeros problemas despertaram em Buber o desejo de descobrir formas de amenizar suas angústias e problemas. Era, também, observador de sua voz interior, voz essa que o dirigia e o ajudava a caminhar em direção ao outro.

O Menschensein fazia parte do seu ideal de vida. Buber buscou viver de forma autêntica com uma imensa crença no ser humano, tinha como missão de vida ou vocação o objetivo de elevar o homem ao seu maior grau de experiência nessa vida; queria que o próprio homem se descobrisse, mas que também descobrisse o

¹Sionismo. Disponível em: Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sionismo>. Acesso em 22 de ago. 2017

outro em todas as suas complexidades. Tinha, ainda, em seu interior, a consciência de saber elevar o homem ao posto de subjetivação maior, no qual pudesse descobrir a realidade da vida e de sua própria existência. Ele não queria ser visto como alguém que apenas levava uma informação de algum sistema político ou filosófico, mas sim um homem cuja vocação era ajudar as pessoas em sua vida diária.

Ao olhar para Martin Buber e sua forma de viver e olhar ao mundo em sua volta, logo nos recordamos ao grande pensador Sócrates e sua filosofia de vida, pois ambos, da mesma forma, ajudaram os outros em seus problemas mais íntimos e comuns. Ambos ajudaram a darem parto às suas ideias e a solucionarem seus próprios problemas com suas próprias abstrações. O fim era o mais importante para Buber, pois se caracterizava pelo objetivo final, era a grande esperança para se alcançar o bem maior.

Martin Buber não gostava de rótulos ou comparações, pois isso representaria uma ligação direta com qualquer forma doutrinária ou sistema político. Ele tinha a plena certeza de que ligá-lo a qualquer ser místico ou ser existencial, o deixaria mais distante do que realmente era, ou que gostaria que o vissem, pois sua obra representava muito mais do que doutrinas ou religiões, era sua própria vida. O próprio Martin Buber se qualificou como um *Atypischer Mensch*.

Menschensein era uma forma de vida a qual Martin Buber aceitou viver, buscando ardentemente solucionar os problemas do homem e suas dificuldades pessoais e existenciais. O *Menschensein* fez Buber depositar uma fé no homem e compreensão mais clara no outro, fez também o próprio Martin Buber superar a si mesmo. *Atypischer Mensch* tem uma origem alemã moderna e pode ser traduzido como "Homem Atípico", um Ser diferente dos demais.

Martin Buber (1979) é o que podemos chamar de um homem a frente do seu tempo. Pôde, como ninguém, unir raízes profundas do Judaísmo, seus costumes e sua cultura, com aspectos e pensamentos de um homem antenado ao seu período, o século XX. Uma constante inquietação tomava-o diariamente a respeito de mostrar aos homens a necessidade da mudança em relação às suas situações atuais. Por vezes um sábio, por outras profeta, Martin Buber sabia como ninguém descrever as mazelas humanas e ao mesmo tempo tentar corrigi-las, no intuito de trazer ao homem tradicional uma condição humana perfeita.

Não me coloco numa larga e alta planície de um sistema feito de proposições seguras quanto ao Absoluto, mas sobre uma senda estreita de um rochedo, entre dois abismos, onde não existe segurança alguma de ciência enunciável, mas onde existe a certeza do encontro com aquilo que está coberto (BUBER, 1979, p. 92).

Podemos ver com facilidade, com essa forma de pensar de Martin Buber, o quanto ele levava a sério sua própria filosofia, como seu pensamento era sua bússola e direção. Aqui há uma mistura de insegurança com expectativa do encontro. Insegurança por parte de não se ter em mãos algo capaz de tirar todas as nossas dúvidas existenciais, mas ao mesmo tempo, uma esperança na nossa própria vida e na do outro. Aqui se vê com clareza a possibilidade do encontro do “Eu e Tu”, dessa pequena vírgula que os separa, mas que ao mesmo tempo tem o poder de unir e celebrar.

Não é a paz e a harmonia que irão criar a possibilidade do encontro e, com ele, uma relação de cumplicidade. Pelo contrário: é nessa disputa de ideias e emaranhado de complicações que se faz o encontro do EU com o TU. É nos espíritos inquietos e nas personalidades fortes que se funda e se recria o ser em suas particularidades. É no fogo heraclítico que, por vezes, está embaixo e por outras, acima; às vezes nos aparecendo como chamas vermelhas, e outras vezes, amarelas, capazes de nos permitir enxergar o outro e nós mesmos. A diferença aqui se faz importante para a criação do encontro, é um processo difícil, mas necessário para a abertura da possibilidade.

2.2 O Hassidismo e suas Influências

Educador, filósofo, acadêmico e professor, Martin Buber é conhecido por vários nomes e títulos, apesar de não gostar de rótulos; ele também era conhecido, além do seu diálogo pessoal e singular, pelos seus conhecimentos sobre o Hassidismo, tendo como grande obra: *Die Erzaehlungen der CHassidim*, que tem como tradução *Histórias do Rabi*. Como já dito, Martin Buber desaprovava os rótulos por não terem a capacidade de expressar o que ele realmente pensava e não

esclareciam de fato a beleza e a simplicidade do seu diálogo. Diante disso, não afirmava nenhuma forma de trabalhos hermenêuticos e históricos.

Entretanto, seus trabalhos e conhecimentos foram de grande importância para o mundo ocidental, e apesar de religiosos, místicos, espirituais, ou não, foi apresentado e mostrado a todos, e visto por muitos dessa forma. O Hassidismo de fato influenciou muito Martin Buber, e por muitas vezes foi visto como um místico, pelo fato de o próprio Hassidismo trazer essa forma religiosa e misteriosa de conhecimento e cultura. Essa cultura hassídica em muito moldou e acrescentou para a forma de pensar e agir de Buber.

No Hassidismo havia um costume comum entre eles de narrar histórias e contos sobre acontecimentos passados e sobre seus líderes, os Tzadikim. Esse costume dos Hassidim vai muito mais além do que contar uma história, ele incentiva os seus participantes a manter e dar continuidade a esse processo, como também valorizar todo o conhecimento adquirido pelos seus líderes. A palavra é o 'verbo' e, como tal, detém o poder de criação e transformação do ser, por isso Martin Buber não apenas valoriza o diálogo, como também faz uso dele no dia-a-dia, tendo a própria palavra como algo sagrado.

Martin Buber (1979) valorizava todo o sistema adotado pelos Hassidim, isso porque não era algo de fácil compreensão para a sociedade e o povo em geral, pois dependia de uma capacidade de subjetivação elevada, como também conhecimento do próprio Hassidismo. Os louvores narrativos em favor de seus mestres eram mais do que conhecimentos literários ou religiosos. Segundo o próprio Martin Buber: "O ritmo interno dos Hassidim é por demais acelerado para a forma calma de narrativa popular, queriam dizer muito mais do que ela podia conter" (Idem, p.12).

Buber valorizava muito a filosofia do Hassidismo por entender que muito dos seus conhecimentos e indagações foram criados e plantados no terreno dos Hassidim. Muitos foram os ganhos intelectuais, religiosos e filosóficos ali assimilados, e apesar de saber que nem tudo era perfeito, de modo geral, os conhecimentos adquiridos eram de suma importância para sua caminhada. "Essa lenda é metal preciso, embora por vezes impuro, misturado à escória." (Idem, p.13).

Martin Buber em relação a tudo quanto ele aprendeu e ouviu sobre o Hassidismo, sempre falou o que ele acreditava, e não o que o próprio Hassidismo

queria que fosse falado, o que caracterizava seu senso crítico, ou seja, todo o conhecimento adquirido por Buber serviu para sua formação, e não serviu de nenhuma maneira de objeto de manipulação da massa. Buber acredita que os conhecimentos adquiridos no Hassidismo poderiam ser modificados em alguns casos ou melhorados, e podemos ver claramente esse ponto de vista quando o mesmo se refere ao metal precioso que pode ser lapidado, ou seja, ajustado.

Todo o conhecimento absorvido por Buber serviu para o seu próprio crescimento e todo o ajuste feito por ele só o tornou mais forte e poderoso, pois após a lapidação de qualquer erro encontrado por ele em relação aos conhecimentos do Hassidismo, ele pode alcançar a plenitude de um senso crítico aguçado. Mais tarde, quando Buber escreveu o seu livro *História do Rabi*, ele mesmo afirma que o livro foi escrito e influenciado pelo Hassidismo e suas lendas e histórias. Esse livro mostra o quanto o Hassidismo influenciou Buber, quando ele mesmo relata as quantidades de pedras preciosas que existem, quando fala de religião e da própria existência do ser humano. Herman Hesse, referindo-se a esta obra de Buber, afirmou em carta datada de 1950: “Buber como nenhum outro autor vivo enriqueceu a literatura universal com um genuíno tesouro”. (Zuben, 1979)

O Hassidismo foi algo muito presente na vida de Martin Buber, pois pôde obter bastante experiência junto a essa comunidade, cultura e religião. Ainda quando criança, Buber teve seu primeiro contato com essa comunidade, na época junto ao seu pai, que fez uma visita à comunidade na Galícia, Polônia. Claro que nessa época Martin Buber era apenas uma criança e não tinha capacidade cognitiva suficiente para abstrair sobre tudo o que estava em volta dessa cultura, porém, o autor relata que foi uma grande experiência ocular que lhe trouxe grandes recordações e que também lhe atribuiu grande conhecimento.

Como toda criança aberta a tudo e a todos, Buber também pôde, de maneira espontânea, experimentar um pouco desse mundo e, mesmo sem fazer ideia do que se tratava ao certo, obteve o seu primeiro diálogo com essa cultura, já que sua experiência teve abertura com essa primitiva comunidade dos primeiros discípulos do Baal-Schen-Tov. Buber, mais tarde, relata toda essa experiência quando criança com o Hassidismo, e no seu trabalho *Meu caminho para o Hassidismo* fala que essas experiências cheias de imagens e pensamentos contribuíram para sua formação humana e o preparou também para o segundo e futuro encontro.

Essa primeira experiência que Buber obteve com o Hassidismo logo cedo trouxe-lhe muitas recordações e o ajudou a construir sua autoafirmação, além de o ajudar a encontrar o caminho do movimento sionista, algo que lhe proporcionou uma nova experiência com toda essa cultura e com o Judaísmo. Com o passar dos anos e a maturidade lhe batendo à porta, suas inúmeras leituras foram se estruturando em pensamentos e ações, e dentro desse universo literário, outro grande escrito lhe chamou a atenção e também serviu de norte junto a sua caminhada. O livro *Testamento de Israel* de Baal-Schen-Tov mais uma vez aproximou Buber ao conhecimento do Hassidismo, e novamente as lembranças de infância o tomaram, e toda aquela experiência do passado pôde ser vivida novamente.

Esse livro ajudou Buber a se encontrar com o Hassidismo de forma mais interior e pessoal, fazendo-o experimentar a própria alma hassídica e despertar sobre sua autoafirmação como judeu, trazendo uma clara visão do Judaísmo. Diz Buber:

Eu vivo em harmonia completa.“ o Judaísmo como religiosidade, como piedade. Como Hassidismo. As imagens de minha infância, a lembrança do Tzadik e de sua comunidade me iluminaram e me levantaram, e reconheci a ideia do homem perfeito. Ao mesmo tempo descobri a vocação de proclamar isto ao mundo” (*Meu caminho para o Hassidismo*. HINWEISE. 1979, p. 89).

Como podemos ver claramente, tanto a primeira experiência quanto a segunda sobre o Hassidismo mexeram com a mente e o corpo de Martin Buber. As lembranças do passado nunca foram apagadas, mas antes, serviram de base para essa segunda experiência. Além disso, o livro *Testamento de Israel* exerceu uma forte mudança na vida de Buber, o qual lhe trouxe a capacidade de enxergar o homem em si mesmo, descobrindo essa ideia humana de perfeição, e também aproximando-o do Judaísmo e de seu lugar dentro dessa cultura e religião. Passado e presente se uniram para a formação do novo Martin Buber.

A mensagem hassídica “Deus pode ser contemplado em cada coisa, e atingido em cada ação pura”, também trouxe para Buber um novo sentido para sua caminhada, pois lhe mostrou que o Hassidismo é capaz de levar o homem a uma vida mais alegre, mais fervorosa, e que serve de orientação para os caminhos do ser. “O ensinamento

hassídico é essencialmente uma orientação para uma vida de fervor (História do Rabi, p.20).

Essa frase mostra claramente a essência do Hassidismo e a teoria vivida por Tzadikim, ou seja, não é um ensinamento escrito e dito fora de um contexto de vida, tampouco uma doutrina religiosa, mas sim, uma forma de vivência para todos que se habilitam a viver de forma plena os conhecimentos do Hassidismo.

Todo esse tipo de conhecimento adquirido por Martin Buber até então, abriu-lhe a mente para novas formas de ver a vida e o mundo. Pôde ter ciência da relação entre dois mundos, ou duas formas de enxergá-los, já que uma nova forma de relação entre Deus e o mundo começa a existir para ele, relação essa de experiência, cumplicidade, mas nunca de absorção e hierarquia.

O comércio real do homem com Deus tem não só seu lugar, mas também seu objeto no mundo. Deus se dirige diretamente ao homem por meio destas coisas e destes seres que ele coloca na sua vida: o homem responde pelo modo pelo qual ele se conduz em relação a estas coisas e seres enviados de Deus” (Prefácio de Livros Hassídicos, cfr. Tradução francesa do prefácio na revista Dieu vivant, 1945, p. 18).

Martin Buber afirma que o Hassidismo ajudou a criar um pensamento entre Deus e o mundo em relação a uma vida de separação: para uma vida com Deus, será necessária uma vida longe dos preceitos mundanos. Para ele, o Hassidismo trouxe mais clareza para esse problema, considerando que para uma convivência entre Deus e o mundo, não é preciso escolher uma forma de vida, mas sim equalizar ambas, já que para Buber qualquer separação entre Deus e o mundo é vista como um grande perigo para o homem, chegando a usar o termo para essa separação de “Pecado original” e até de “Doença religiosa” (BUBER, 2001, p. 27).

Para Buber é como se o Hassidismo tivesse uma grande função social de aproximar o homem de Deus, quebrando barreiras religiosas e paradigmas políticos. Ele vê que o Hassidismo traz uma grande contribuição para o homem, pois esclarece fatos e quebra mitos antes impostos por culturas e religiões, quebrando o muro entre o sagrado e o profano, beatificando o profano e aproximando ainda mais

o sagrado. O Hassidismo acaba por unir e reunir esses dois elementos (sagrado e profano), antes separados pela religião e cultura, destruindo qualquer comparação com o Panteísmo. Diz Buber:

[...] que [o Panteísmo] aniquila ou debilita o valor dos valores – a reciprocidade da relação entre o humano e o divino, a realidade do Eu e do Tu que não cessa mesma à beira da eternidade – o Hassidismo tornou manifestas, em todos os seres e todas as coisas, as irradiações divinas, as ardentes centelhas divinas, e ensinou como se aproximar delas, como lidar com elas e, mais, como elevá-las, redimi-las e reatá-las à sua raiz primeira (Histórias do Rabi, p. 21)

Em suma, muitas foram as coisas que marcaram a vida iniciante de Buber, muitos foram os conteúdos apreendidos por ele durante sua caminhada. Várias foram as influências e muitos os ensinamentos religiosos, acadêmicos e culturais que o acompanharam. A religião e toda sua força, a vida de servidão e prática, uma nova visão em relação a Deus e, conseqüentemente, um novo convívio, também fizeram um Martin Buber mais forte e mais humano.

Durante toda sua caminhada, Buber foi criando um espírito de comunidade em relação ao próximo, tendo o outro como parte integrante de si mesmo. O amor foi um dos elementos fundamentais para essa construção humana e social. Claro que sua formação acadêmica em sociologia também lhe deu um conhecimento técnico para tal comportamento, porém o seu lado humano prevaleceu sobre todos os outros tipos de conhecimentos, sejam eles acadêmicos ou religiosos. A inter-relação, no autêntico inter-humano do Tzadik e seus Hassadim ajudaram também a formar a sua mentalidade em relação à comunidade.

O mundo com seus novos sentidos e cores, as relações humanas sem amarras religiosas e, é claro, a quebra de qualquer barreira entre o sagrado e o profano fizeram Martin Buber ter o Hassidismo não apenas como um lugar de aprendizagem, mas inclusive de vivência no mundo e de uma forma mais relacional, trazendo mais sentido à vida e ao mundo. Martin Buber e o Hassidismo estão diretamente ligados numa história de amor e cumplicidade, simpatia e coerência, ao mesmo tempo em que ajudou todas as histórias do Hassidismo de forma mais clara para todos os homens.

2.3 O Eu e Tu Formador do Diálogo

Essa obra sem dúvida foi uma das maiores obras de Martin Buber (1979), foi aqui que ele pôde exercitar o seu grande pensamento em relação ao diálogo; foi nessa obra que sua filosofia foi apresentada de uma maneira mais madura e consciente. A obra *Eu e Tu* mostra-nos um Martin Buber completo, maduro e reflexivo sobre a vida e o outro, que ele mesmo considera como sua maior obra prima por trazer uma grande contribuição também para a filosofia.

A obra *Eu e Tu* trata-se de um trabalho completo por trazer aspectos que falam de uma fenomenologia humana, retratando as atitudes e pensamentos dos homens em relação ao mundo que o cerca, sua interação com o outro com o exercício da palavra e, de grande importância, uma ontologia da relação. Nessa obra, Martin Buber tem uma grande preocupação em buscar e descobrir o verdadeiro sentido da relação, para só assim poder descrever com mais objetividade o seu conceito sobre a relação humana e conseqüentemente o seu diálogo.

A relação entre o homem e o homem, o homem e Deus foi objeto de estudo em sua obra, pois buscava aqui uma intuição capaz de desvendar e descobrir a verdadeira essência da relação, do diálogo e da interação entre os seres. Em geral, o livro *Eu e Tu* nos mostra a palavra como sendo uma expressão dialógica, onde a dialogicidade da palavra é o “entre”. Aqui a palavra adquire vivência, ou seja, vida própria e não se submete a normas linguísticas, lógicas ou semânticas, mas destrói essa forma materialista de palavra, construindo uma forma ontológica e colocando a palavra como portadora de “ser”.

A palavra traz com ela uma forma de introduzir o homem no seu próprio mundo, traz existência à sua própria natureza e sentido para a vida. Aristóteles, na *Política*, no livro 10, fala que o homem só se torna homem na interação com o outro, e vai mais além quando afirma que este deixa de existir como tal a partir de quando deixa de exercitar o diálogo com o próximo, ou seja, é no diálogo e no seu exercício que nos afirmamos como ser humano.

A palavra desempenha um papel de grande importância na vida do homem, para Martin Buber a palavra o ajuda a conduzir a sua vida, ela é uma atitude efetiva, uma ação atualizadora que mantém o ser presente no homem. “Não é o homem que conduz a palavra, mas é ela que o mantém no ser” (Eu e Tu, p. 61). Para Buber a palavra é um ato do homem, algo parecido com o que falamos há pouco. Buber busca o sentido existencial da palavra para poder afirmar que ela pode trazer existência e intencionalidade para o mesmo, animando-o e transformando-o em um ser dia-logal e dia-pessoal. As palavras-princípio “Grundwort” trazem em si suas formas de intenção dinâmicas que apresentam um caminho entre dois pontos ou polos, entre duas formas de pensar e de se ter consciências sobre a vida. Aqui Buber busca provar que a palavra traz sentido ao homem aproximando-o de sua própria existência, trazendo a ele uma visão sobre si mesmo e sobre o outro.

A obra *Eu e Tu* serviu de base para muitas outras obras que Martin Buber escreveu ao longo do tempo, é uma obra prima não só pelo seu potencial e conteúdo, mas por trazer ao próprio Buber a capacidade reflexiva de escrever sobre muitos outros assuntos. Foi uma obra de incentivo e maturidade do grande pensador e educador, em que filosofia e religião junto com sociologia e estudos bíblicos, manifestaram-se em forma de conhecimento e domínios nessa grande obra e também em outras. *Eu e Tu* mostrou o pensamento atual e maduro e trouxe uma mensagem que serviu de base para todas as outras.

Praticamente todas as outras obras de Martin Buber foram influenciadas pela obra *Eu e Tu*, ela teve consequências diretamente sobre a antropologia filosófica, sobre a educação, política, sociologia, como também o ajudou a fazer a exegeses da bíblia, Hassidismo e Judaísmo. A obra é extremamente atual, pois trata de temas de suma importância para o ser humano, como também é de grande ajuda a convivência em sociedade, algo tão importante nos dias atuais de grande perturbação e contraste social. Ainda podemos encontrar nessa obra influências do Taoísmo, Budismo e a mística judaica, o que coloca essa obra como sendo uma das maiores não apenas de Martin Buber, também da história da humanidade.

A obra descrita não é um estudo acadêmico, experiência política ou judaica, mas sim uma própria vivência do ser, uma caminhada descrita pelo próprio Martin Buber, algo que faz parte do seu ser e está diretamente ligada à forma de como ele pensa e age, é a própria experiência existencial de Buber se revelando e se

constituindo no seu caminhar diário. Uma fenomenologia começa a ser descrita e criada cujo objetivo é a formulação de uma relação autêntica entre os homens, buscando uma ontologia que possa se manifestar ao homem na presença do ser, uma verdadeira contemplação da vida e da relação. Aqui, a palavra é o veículo que conduz ao ser, e se torna o lugar onde esse mesmo ser se desenvolve e se revela.

Para Buber, o mundo é duplo para o homem, segundo sua própria dualidade, porém é sua atitude dupla que o ajudará a proferir as palavras-princípio EU-TU, que nunca são vocábulos isolados e separados. Também temos as outras palavras-princípio EU-ISSO. Sabemos que o EU da palavra-princípio é duplo e é também diferente, pois nas duas palavras denotam significados diferentes. As palavras-princípios não exprimem nada que esteja fora do seu conteúdo e contexto, elas denotam e fundamentam a existência.

As palavras-princípio são ditas pelo ser e a palavra-princípio EU-TU só poderá ser proferida pelo ser em sua totalidade. Por outro lado, a palavra-princípio EU-ISSO não pode jamais ser dita ou pronunciada pelo ser em sua totalidade. Martin Buber nos ensina que não existe o EU em si, mas o EU da palavra-princípio EU-TU e EU-ISSO. Podemos ver claramente que o EU não existe por si só, nem é algo já construído e pronto, pelo contrário, é algo que se funda e se constrói na relação conjunta, no encontro com o TU e o ISSO. Quando o homem profere a palavra EU, ele quer dizer um dos dois.

O EU sempre se faz presente nessa relação e aparece quando é pronunciado seja em qualquer das duas opções (TU e ISSO). Segundo Buber, “Aquele que profere uma palavra-princípio penetra nela e aí permanece.” (Eu e Tu, p. 4). Martin Buber faz uma crítica à forma de vivência do ser humano, afirmando que não podemos viver apenas na forma dos verbos transitivos, pois viver assim é viver de forma limitada e estar também limitado a alguns tipos de atividades, objetivando assim nosso viver e toda a nossa vida. A vida não poderá ser restringida apenas à percepção de algo ou alguma coisa. A vida do ser humano não poderá jamais ser assemelhada a isso. Toda essa advertência que Buber faz em relação a essa forma de viver, não apenas objetiva o homem e tudo que está ao seu redor, mas coloca o “ISSO” da palavra-princípio no centro do domínio humano, destruindo o mundo do “TU”, que para ele tem mais importância e valor.

O “TU” é algo que destrói por completo qualquer forma de objetivação, é no “TU” que a relação se faz presente e toda a magia do encontro acontece, pois onde existe o “ISSO” ali também existirá o objeto, porém, onde for proferida a palavra-princípio “TU” ali estará toda a destruição do “ISSO” e, conseqüentemente, do objeto, e o nascimento do ser relacional, trazendo a presença da liberdade consigo, pois quem profere o “TU” não confina nada, não aprisiona ninguém, apenas cria um ambiente relacional.

Afirma-se que o homem experiencia o seu mundo. O que isso significa? O homem explora a superfície das coisas e as experiencia: ele adquire delas um saber sobre a sua natureza e sua constituição, isto é, uma experiência. Ele experiencia o que é próprio às coisas. Porém, o homem não se aproxima do mundo somente através de experiências. Estas lhe apresentam apenas um mundo constituído por ISSO, ISSO E ISSO, de ELE e ELA, ELA e ISSO. (Buber. p. 5).

Mais uma vez, Martin Buber faz uma crítica à forma das pessoas se relacionarem umas com as outras e com o mundo. Aqui podemos ver de forma clara que a experiência não nos traz uma realidade das coisas que estão ao nosso redor, que a experiência tem sua importância nesse processo de significação e busca do saber, porém ela é muito limitadora e superficial, pois acaba por objetivar as coisas tornando-as um ISSO e, dessa forma, destruindo qualquer forma de relação. As experiências nos apresentam um mundo formado por objetos, o que materializa-nos apenas esse mesmo mundo como também a todos nós.

Buber completa dizendo “O experimentador não participa do mundo: a experiência se realiza “nele” e não entre ele e o mundo. O mundo não toma parte da experiência. Ele se deixa experienciar, mas ele nada tem a ver com isso, pois ele nada faz com isso e nada disso o atinge. O mundo como experiência diz respeito à palavra-princípio EU-ISSO. A palavra-princípio EU-TU fundamenta o mundo da relação”. (Eu e Tu, Buber).

A advertência mais uma vez é em relação à não participação do homem no mundo, ou seja, a falta de ação própria em sua vida. O homem para quebrar essa vida experiencial e passiva deverá se tornar o ator principal dela, deverá tomar uma atitude ativa e participativa nesse processo relacional, caso contrário, se tornará

objeto da mesma. Buber aqui nos mostra o quanto a experiência nos torna paralisado diante da vida e do mundo, pois, com ela, a experiência nos traz um conhecimento com algo, mas não é o suficiente para tornar essa relação genuína e perfeita, ou seja, a experiência não nos permite ter uma relação com o outro de maneira total. É importante lembrar que para Martin Buber a passividade também é importante nesse processo dialógico, pois a passividade também traz a construção da vida e ajuda a construir todo esse processo relacional, pois a passividade também é reciprocidade.

A reciprocidade não é absoluta e não pode ser aplicada a tudo, como por exemplo uma relação entre um adulto e uma criança, o que talvez entre um educador e um educando seja diferente. O EU-ISSO só poderá nos fornecer uma experiência e nunca uma relação. Toda e qualquer relação só poderá ser construída na presença do EU-TU, ou seja, na relação, o mundo desta se realiza e se manifesta em três esferas: 1) a da natureza, que se faz presente e se realiza numa penumbra às margens da linguagem. Dessa forma, as criaturas possuem um movimento diante de nós, porém sem nenhuma possibilidade de nos alcançar e chegar diante de nós. Dessa forma, o TU no qual lhe endereçamos depara-se com o limiar de uma palavra. 2) A comunicação e vivência com o homem. Já nessa esfera existe uma relação a qual é manifestada e explícita e, conseqüentemente, poderá existir uma interação e comunicação plena, e o TU poderá receber e ser endereçado. Aqui o homem se faz presente em sua plenitude, é nessa esfera que o TU não é objetivado nem experienciado, mas sim aceito de forma livre e aberta numa perfeita relação. 3) relação direta com a espiritualidade, ou seja, nessa esfera, a vida está ligada aos seres espirituais. Essa relação ainda que seja misteriosa, confusa e, em meio às nuvens, nos revela uma grande e importante linguagem da qual poderemos proferir as palavras-princípio de forma pura, externando todo nosso ser, porém, de forma silenciosa e secreta.

Martin Buber afirma que essa relação entre o EU-TU só poderá existir e ser proferida pelo ser em sua totalidade, não poderá de forma alguma existir uma relação ou comunicação sem um desses elementos. A união e fusão desses elementos são primordiais para tal realização. Esse encontro não poderá ser formado sem “mim” nem por “mim” apenas, afirma Buber, porque a realização do EU

será sempre em relação ao TU, e o EU vai necessitar sempre do TU para essa formação e constituição.

Buber é categórico ao afirmar tal sentença. O EU e o TU são elementos que necessitam um do outro, precisam estar em conjunto para que nesse encontro seja construída toda a magia da relação autêntica; como diz o grande pensador e educador “Toda vida atual é encontro” (Eu e Tu, Buber). Temos que nos relacionar para que possamos exercer esta vida em sua plenitude total; é no exercício diário e cotidiano que viveremos e aprenderemos também a viver. Aqui a vida em conjunto e compartilhada é o grande desejo desse pensador, é a partir dessa forma de vida que a construção acontece.

Como sabemos, essa relação que existe entre o EU e o TU é algo que acontece de forma rápida, e esse encontro é capaz de quebrar as barreiras conceituais e sociais impostas por qualquer regra existente porque é assim que deve ser para que a totalidade desse encontro possa se fazer presente, sem nenhuma reserva e sem nenhum esquema pré-definido. Porque para que o encontro desses dois elementos seja realmente vivido em sua totalidade, não deverá existir nenhum fim ou qualquer outra forma, apenas um desejo e uma aspiração que se transformará e se condensará no encontro.

O sonho deve sempre se transformar em realidade, isso porque é essa a aspiração que deve existir no encontro, esse é o desejo que deve nutrir o encontro entre o EU e o TU, onde todo meio que tiver no caminho será visto sempre como um obstáculo. É na dissolução dos meios e na destruição das reservas que o encontro irá se fundir e se concretizar, pois quando a relação se faz presente, todos os significados também se farão e, dessa forma, todos os meios serão meros objetos sem valor e sem significação alguma para essa relação.

Vários são os aspectos e pontos relevantes para a criação de um encontro genuíno e verdadeiro, e muitos são os cuidados que devem existir para que o TU não possa ser transformado em um ISSO. Diante disso, temos que tomar alguns cuidados para que tal problema não possa ocorrer em tal encontro e, deste modo, destruir toda a relação. O instante atual deve ser plenamente presente, é no momento que há o encontro que as reservas e os obstáculos devem deixar de existir, o momento presente é algo mágico e exprime amizade e companheirismo.

O compromisso aqui deve ser algo de suma importância porque o encontro deve ter em sua constituição tal elemento. A presença sem reserva, o instante atual vivido plenamente, são coisas que devem estar presentes nesse encontro, porque é só na presença, no encontro e na relação, que tudo se faz e acontece, e o ISSO dá lugar ao TU, cheio de multiplicidades de conteúdos, valores e palavras. A satisfação aqui é existente apenas pela magia do encontro que constitui a relação, e não pela experiência que o encontro pode proporcionar, pois, como sabemos, a experiência é limitante e prisioneira, capaz apenas de levar o homem para o passado e privá-lo do instante da presença.

Os objetos são sinônimos do passado e em nada têm a ver com o instante presente do encontro, os fatos do passado devem ser deixados para trás para que toda presença se faça presente. A presença nunca é passageira, nem tampouco fugaz, mas, pelo contrário, é um ser constituinte e formador do encontro e que enriquece a duração do encontro, transformando-o na tal desejada e necessária relação dual. O objeto, que é algo que deve ser evitado e esquecido, muitas das vezes se apresenta diante de nós com o intuito de nos tornar também outro objeto e interromper toda a criação. Quando falamos sobre uma quebra do objeto, estamos nos referindo ao termo ISSO, que é visto como o objeto da relação. A quebra do objeto é a transformação do ISSO em TU. É simplesmente fazer que o outro deixe de ser o ISSO, ou seja, o objeto e se transforme em o TU, tão importante para a construção da relação e do diálogo Buberiano.

O objeto não é duração, mas antes uma estagnação, uma grande interrupção desse encontro entre o EU e o TU, ele nada mais é do que um destruidor da relação e conseqüentemente consegue desvincular toda presença. “O essencial é vivido na presença, as objetividades no passado” (Eu e Tu, p. 15).

Martin Buber nos adverte sobre o problema de um “mundo de ideais”, onde o homem se fecha em seu próprio mundo e começa a arbitrar sobre a vida e as coisas a partir de suas próprias experiências, pensamentos e ideias. O mundo não pode ser visto de forma alguma como um EU em si mesmo, preso e único. Buber fala aqui de um homem atual cheios de verdades próprias e com isso objetivado em coisas e experiências, como também, objetivando o próprio mundo. Para este homem, Buber afirma: “é necessário atravessar o mundo das ideias”.

“O mundo das coisas é também o mundo das experiências”, afirma Martin Buber, que apesar de trazer tranquilidade e um pseudo-refúgio, vive de forma enganosa e medíocre diante da realidade da vida. Como Buber mesmo fala, viver no mundo das ideias é viver vestido em puro linho, e reconfortar-se com o nada e o medíocre, é viver na contemplação e no engano que ele revela. Dessa forma, reduzimos a humanidade a um ISSO e ela é, assim, reduzida a um nada também.

Essa ficção para Martin Buber não passaria de um fetiche e vício. Toda vida que não é um encontro, e todo o encontro que não se torne uma relação, talvez possa se encaixar nesse ponto de vista Buberiano. Buber tenta nos alertar da importância não do belo, não de regras de valores ou éticas políticas, mas sim de uma verdade incontestável e indiscutível, que sempre se apresentará para aqueles que estiverem dispostos à abertura da presença, e ao momento sublime da relação.

Numa relação verdadeira e genuína, livre dos preceitos fictícios e mentirosos, é necessário um elemento capaz de construir tudo o que precisamos para um encontro aberto e seguro. Estamos falando da AÇÃO. Em toda e qualquer relação, a ação será sempre uma grande atitude de interação e capacitação desse encontro, vai sempre implicar no “face a face”. É um ato de essencial importância para toda construção dialógica, pois quando nos dispomos a agir, estamos também tomando as rédeas do nosso destino, somos sempre dessa forma o ator de novas vidas. A ação traz a aproximação do EU com o TU, formando e unindo todo processo, ou seja, a ação é algo que termina a obra.

O encontro que será realizado e manifestado no face a face tem a capacidade de penetrar no mundo das coisas como também na vida, tem plena capacidade de modificar as coisas, pois com uma característica indefinida, pode se transformar em um ISSO, mas também tem pleno poder de retornar ao TU, modificando as coisas ao seu redor, iluminando e trazendo a tão esperada felicidade. A ação traz consigo a capacidade e o poder de estar fora do tempo e do espaço, também de estar sempre na presença e em busca da existência.

Claro que a ação não se apresenta de forma tão evidente quando se trata de uma relação com o TU humano, pois tal ato se revela e se apresenta na imediatez e pode ser facilmente interpretado de forma errônea, confundindo com sentimentos que, em muitas das vezes, acabam nos equivocando e nos trazendo o

desconhecido. O ato da imediatez não traz tanta clareza ao momento, mas antes confusão por se tratar de muitos sentimentos envolvidos. Os sentimentos sempre vêm acompanhados de fatos metafísicos (amor), mas sem o constituir por serem diversos.

Um exemplo clássico que Martin Buber nos traz é o de Jesus onde o sentimento de Jesus para com o possesso é diferente do sentimento de Jesus para com o seu discípulo, porém o sentimento que é o amor é apenas um. E termina concluindo que os sentimentos todos nós temos, porém, o amor é algo que acontece (Buber, p.17).

Para Martin Buber, a relação é reciprocidade, o meu TU sempre age sobre mim, mas eu também ajo sobre ele. Isso é o que constitui uma relação recíproca, uma sucessão de intervalos recíprocos entre um e outro, sem um querer ser maior ou melhor, mas único e verdadeiro. Em uma relação verdadeira o amor terá que se fazer presente da mesma forma que, como o amor, também o ódio existe e está presente nas relações pessoais e interpessoais. O grande desafio será separar o mau (ódio), que será sempre algo nocivo para qualquer relação genuína, e aproximar o amor para, só assim, a totalidade do ser se fazer presente.

TU e ISSO se alternam ao longo da vida trazendo um grande desafio para o EU verdadeiro, essa é a grande e melancólica problemática da relação, uma alternância entre esses dois elementos que durante toda a vida vão se modificando e transformando também coisas ao seu redor, pois a presença é o que garante ao EU a presença do TU, porém, após a sua partida, quebra-se a relação e imediatamente o TU se transforma em um ISSO. O desafio aqui é descobrir como se fazer sempre presente no encontro e nunca deixarmos nos transformar em um objeto, ou seja, jamais objetivar o TU.

A partir do momento em que o TU se transforma em objeto, ele também se torna um elemento limitado e fraco, a sua transformação em objeto a partir da distanciação da presença faz com que a relação se quebre, e causa também a desatualização dos sentidos e da vida, colocando toda a ação e todo o agir em uma situação de contemplação e, com isso, destruindo o amor que nunca fica presente numa imediatez. Assim, o amor nunca se faz presente em uma relação imediata. A latência e a alternância de dualidade trazem força ao amor, completa o ser.

Martin Buber coloca o homem em uma relação EU-ISSO como sendo:

Ele percebe o ser em torno de si, as coisas simplesmente e os entes como coisas; ele percebe o acontecimento em seu redor, os fatos simplesmente e as ações enquanto fatos, coisas compostas de qualidades, fatos compostos de momentos [...] (BUBER, 1979, p. 35).

Ainda sobre o EU-TU, coloca Buber:

Por outro lado, na relação EU-TU, o homem encontra o Ser e o devir como aquilo que o confronta, mas sempre como uma presença e cada coisa ele a encontra somente enquanto presença; aquilo que está presente se descobre a ele no acontecimento e o que acontece se apresenta a ele como o Ser. Nada mais lhe está presente a não ser isso, mas isso enquanto mundano. Medida e comparação desaparecem. Depende de ti que parte do incomensurável se tornará atualidade para ti. Os encontros não se ordenam de modo a formar um mundo, mas cada um dos encontros é para ti um símbolo indicador da ordem do mundo [...] (BUBER, 1979, p. 35).

O universo no qual o ISSO está inserido é um local de raciocínio e materialismo, é onde muitas vezes estamos, moramos e permanecemos. Já por outro lado, o mundo e o universo do TU é onde desenvolvem-se ocasiões em que notamos uma harmonia e perfeição no mundo. Muitos desses momentos são inesquecíveis e fugazes e é aqui também que podemos falar com nós mesmos; é onde toda a magia do nosso interior acontece e centelhas de intuições aparecem em nossa mente, nos dizendo o que fazer e quais atitudes tomarmos.

É no mundo do TU que nos deparamos com nossa própria realidade e a do mundo, mesmo com uma rápida passagem da vida, em que o TU eterno acabe por ser o elemento conduzinte do ISSO nessa caminhada ordenada e, muitas das vezes, sabemos das mudanças necessárias que irão ocorrer nesse percurso entre esses dois elementos, transformando a vida e seguindo o fluxo existencial do ser. Muitas vezes, as palavras não conseguem de forma fácil seguir as percepções das coisas, isso porque existe uma ordenação universal.

Todo universo, com todas as suas ordens e programas, está nas possibilidades do homem, ao seu alcance e precisa da sua capacidade intuitiva e de

seu pleno exercício como humano para poder ter a total percepção das coisas. O distanciamento do ISSO é um dos caminhos para se chegar a tal objetivo e estágio.

Se entregar ao Ser e à toda a sua magnitude e complexidade fará do homem um animal dotado de capacidades subjetivas e profundas, pois, como já sabemos, a existência do homem vai sempre estar ligada a essa mudança e alternância entre o EU e o ISSO. Entretanto, é no mundo e no universo do TU que tudo acontece, mesmo sabendo de toda construção que o ISSO nos traz (ciência).

Para a existência de uma relação verdadeira, o homem se torna o EU nessa relação com o TU e o face a face se faz presente nesse momento. É algo de grande importância nessa relação, pois ele, por vezes aparece e, por outras, se desvanece; assim, todo o evento da relação acaba se condensando e também se dissimulando e é nesse momento que o outro, o parceiro, começa a entender e enxergar um pouco não apenas de todo esse processo e relação, mas também do outro como o outro, um ser dotado de capacidades e interações, cheio de vida.

É na presença do EU que as coisas se esclarecem e aparecem para o outro. É na sua chegada que o ISSO se aproxima e se transforma no TU relacional e amigável; é uma consciência gradativa que se move por vezes lentamente, buscando uma consciência das coisas e do outro, em que o TU, que ainda não é o TU, começa a se tornar tanto para o outro como para si mesmo. A criação e a constituição de uma consciência capaz de observar todo esse sistema e tudo o que está acontecendo é algo lento e singular, e é preciso estar atento para perceber quando também ele se desfaz, deixando o próprio EU sozinho em seu caminho.

Essa alternância entre o EU e o ISSO é de grande contribuição para a aquisição das ideias e das coisas que estão ao nosso redor, porque quando toda essa ligação se desaparece o nada e a solidão se fazem presentes, trazendo ao EU uma subjetividade antes não encontrada e percebida, e ele fica diante de si mesmo, que é um momento que traz a ele próprio a capacidade de retorno para seu estado de consciência e de relação. Ou seja, o estado relacional é constituído e terminado nesse instante de solidão vivido pelo EU.

Nem sempre o TU nessa relação se transforma no ISSO de um EU ou um mero objeto, mas talvez, um ISSO em si mesmo, parado e latente, aguardando o momento certo para voltar à sua plena capacidade relacional.

O mundo é duplo para o homem, pois sua atitude é dupla. Ele percebe o ser em torno de si, as coisas simplesmente e os entes como coisas; ele percebe o acontecimento em seu redor, os fatos simplesmente e as ações enquanto fatos, coisas compostas de qualidades, fatos compostos de momentos, coisas inseridas numa rede temporal, coisas e fatos limitados por outras coisas e fatos, mensuráveis e comparáveis entre si, em um mundo bem ordenado e um mundo separado. Esse mundo inspira confiança, até certo ponto; ele apresenta densidade e duração, numa estrutura que pode ser abrangida pela vista, ele pode ser sempre retomado, repetidos com os olhos fechados e experienciado com os olhos abertos; ele está aí, junto à tua pele, se tu o consentes, encolhido em tua alma, se tu assim o preferes (BUBER, 1979, p. 35).

A atitude do ser humano não pode ser a mesma de forma alguma porque o mundo também não é o mesmo, as coisas mudam o tempo todo, nada está no mesmo lugar. Como dizia Heráclito, “não se pode banhar no mesmo rio duas vezes, ou o rio mudou ou você não é o mesmo”. A atitude do homem é dupla para poder perceber as variações da vida e das coisas que estão ao seu redor. Para poder perceber o ser em torno de si mesmo tem que existir nele essa dupla atitude, da mesma forma que para poder captar as coisas que o rodeiam, o “ente”, e até as coisas mais simples, deverá ter a capacidade e flexibilidade de se tornar mais de um.

As coisas são temporais e muitas vezes imensuráveis, variáveis e limitadas; uma sensibilidade de percepção, seja pelo simples olhar e abstração ou pelo nível espiritual e da alma, é necessária para se chegar ao pleno conhecimento das coisas. Em meio a esse mundo de transformações o homem encontra o Ser e o devir como aquilo que o confronta, porém, é uma confrontação cheia de presença, pois é nessa presença que o homem terá a condição de perceber cada coisa, é naquilo que está presente que o homem será capaz de descobrir o acontecimento que se faz na presença, chega ao homem como o Ser.

É na presença e na magia do acontecimento das coisas que o Ser se apresenta ao homem, medida e comparação desaparecem, pois os encontros não se ordenam de modo a formar o mundo, mas cada um dos encontros para o homem tem uma representação e simbologia, sua importância. Esses encontros que o homem obtém na sua relação com o mundo trazem para si mesmo um

conhecimento específico e único. Os encontros não são diretamente relacionados entre si, cada um tem sua própria simbologia, magia e importância.

Cada um dos encontros garante ao homem um vínculo com o mundo, em que esse mesmo mundo, repleto de configurações, mudanças e transformações, não garante ao homem nada de seguro; toda essa flexibilidade e rotatividade existente no universo traz para o homem uma certa insegurança, fazendo-o desconfiar dele a todo tempo. Assim, como mesmo diz Martin Buber:

Ele não é denso, pois nele, tudo penetra; ele não tem duração, pois, vem ser chamado e desaparece quando se tenta retê-lo. Ele é confuso, se tu quiseres esclarecê-lo, ele escapa. Ele vem a ti para buscar-te; porém se ele não te alcança, se ele não te encontra, se dissipa; ele virá novamente, sem dúvida, mas transformado. Ele não está fora de ti. Ele repousa no âmago do teu Ser, de tal modo que, se te referes a ele como (alma de minha alma), não dizes nada de excessivo (*ibid.*, p. 37).

O mundo do ISSO é coerente no espaço e no tempo, já o mundo do TU não tem coerência nem no espaço nem no tempo, assim que o evento se vai e toda a comunicação cessa, o TU se transforma em um ISSO. Da mesma forma, cada ISSO pode, na medida em que se relaciona e penetra em um evento, tornar-se um TU. O ISSO é sempre mutável, dependendo das circunstâncias que ele presencia, ou seja, é um privilegiado por poder transforma-se nesses dois polos, pois na medida em que o ISSO aparece, diretamente também surge uma série de acontecimentos no mundo.

O homem está dentro de um ambiente existencial mutável, onde o EU-TU e o EU-ISSO se apresentam como duas maneiras de ser, de existencial pessoal. Entretanto, nos nossos tempos e no período contemporâneo essa relação que existe entre o EU-TU acaba por apresentar outra ou outras formas distintas da original dita pelo autor. Pelo fato de muitas das relações humanas estarem baseadas em experiências e, com isso, em falta com a significação existencial, Martin Buber se preocupa muito por essas relações estarem no mundo do EU-ISSO e absorverem a maior parte do tempo das pessoas, privando-as de uma relação autêntica e verdadeira.

Quando nos aproximamos desse tipo de relação (EU-ISSO), muitas das vezes nos distanciamos da verdadeira relação (EU-TU), e é esse o divisor de águas para Buber, pois é uma das suas grandes preocupações e uma parte central da sua obra tentar solucionar esse problema humano e existencial. Buber tenta a todo tempo lembrar-nos da importância desse tipo de relação (EU-TU) e de todos os acontecimentos que podem ocorrer no mundo através dessa forma de atitude dialógica, em que o EU de uma palavra-princípio é sempre diferente do EU de outra palavra.

A diferenciação entre o EU de uma palavra-princípio não vai representar a existência de dois “EUs”, mas talvez a existência de várias possibilidades existenciais, assim, o EU poderá se desenvolver e se manifestar. Como já sabemos, existem dois princípios da existência humana: dialógico e monológico, ou seja, EU-TU e EU-ISSO, respectivamente. Aqui o EU se mostra mutável e transformador, assimilando formas diante do mundo que o cerca, nas quais poderá ser um objeto preso na experiência, como também o próprio Ser, criador e aberto para a relação e o encontro.

A abstração em relação ao mundo ou a capacidade de sentir o mundo como ele é, de vivê-lo na experiência do cotidiano, será sempre representado pelo EU-ISSO, usando sempre a palavra para ordenar, conhecer e definir o mundo. Claro que é nesse tipo de encontro não presente que dorme a objetivação das coisas, isto é, o outro se tornará um objeto, nada mais, cheios de definições e limitações impostas por esse tipo de tratamento do TU (ISSO).

Devemos evitar, a todo custo, a experimentação do outro; devemos nos distanciar do detalhamento do outro. Estamos a todo tempo observando as pessoas que estão ao nosso redor, analisando suas qualidades e ações, descrevendo-as e tratando todas elas como se fossem estranhas pelo simples fato de serem diferentes em suas particularidades e pensamentos. Martin Buber adverte sobre essa forma de observação do outro, pois é dessa forma que colocamos o objeto na frente do ser humano bem como congelamos seus sentimentos e destruimos seus sonhos pessoais.

Buber chama de experienciar algo ou alguém essa forma de tratamento do outro, essa maneira de observação e de descrição do homem, pois é na experiência

que sempre trataremos aquilo enquanto objeto. Já pelo contrário, se observo o outro com um olhar de presença, se me abro para ele dando espaço para exercer uma ação não pensada, mais aberta ao momento presente, se não o delimito e nem o defino, estou bem perto de construir uma relação e transformar o objeto em um ser. “A experiência é o distanciamento do TU” (Buber, 1979, p.10).

Como fazer para não tratar o outro como objeto diante de um mundo cheio de experiências, onde o viver coletivo já se apresenta cheios de regras e políticas? Como nos distanciarmos da experiência para só assim nos aproximarmos do TU, se já está presente no nosso sistema social a qualificação e especificação do outro? Parece uma tarefa não tão fácil de se fazer, mas é algo que deve ser trilhado e perseguido para, só assim, chegarmos a uma sociedade justa e harmoniosa. Ver o outro como pessoa e não como objeto é esquecermos a nossa própria percepção das coisas e assumir outro comportamento diante do que está à nossa frente.

O que Martin Buber tenta nos dizer, diante de todas essas dificuldades relacionais que se apresentam perante uma relação genuína, diz respeito ao fato de não podermos deixar de enxergar as percepções à nossa frente, tampouco podemos fazer a experiência deixar de existir. E que todas essas coisas não possam ser maior do que o próprio outro, que todas as especificidades humanas e particularidades não venham destruir a totalidade do EU-TU.

2.4 Diálogo e Educação em Martin Buber

Para Martin Buber, as relações humanas e interpessoais são as mais importantes para todo esse processo dialógico, são elas as responsáveis sobre a quebra da objetivação no encontro, como também criadoras de um encontro genuíno e são representadas pelas palavras-princípio EU-TU. Todas as regras existentes na sociedade, tais como: econômicas, políticas, sociais e religiosas, são esquecidas quando essas palavras são manifestadas no encontro.

Como já sabemos, todo encontro é marcado pela abertura e pela falta de interesse mútuo, destruindo toda e qualquer forma materialista e objetivista que se encontra em relações baseadas em pensamentos com algum tipo de semelhanças

ou simpatias. A relação busca certa abdicação, certa renúncia de si mesmo, algo fora do egoísmo e singularidade. Ambas as partes devem estar dispostas a jogarem fora toda forma de interesse e estarem abertas ao encontro.

A presença é o fator determinante para a construção e vivência da relação para que, só assim, cada uma dessas partes possa ter a capacidade plena de poder enxergar o outro, estar imersa em uma totalidade, como também estar disposta a ceder algum espaço antes adquirido por essas partes. Uma espécie de espírito de alteridade. Quando ambas as partes participam desse movimento, quando ambos estão dispostos a cederem e serem recíprocos um para com o outro, a magia da relação começa a acontecer. É na ação e na reciprocidade que se constrói a relação dialógica.

Todo processo relacional é como se fosse uma construção subjetiva e indireta; a abertura e a alteridade são elementos importantes para se fazer presente o diálogo. Desse modo, a magia se faz quando as partes não sabem como bem isso vai acontecer, apenas querem que aconteça. A graça é algo muito importante para Martin Buber, pois para ele é ela que irá iniciar todo esse processo dialógico e relacional. A graça traz a abertura total para o diálogo, é algo sem precedente e independente da vontade dos sujeitos.

A relação EU-TU é construída e finalizada quando não existe vontade própria das pessoas que constituem essa relação, ou seja, a relação é forjada e manifestada quando ambos os sujeitos se desprendem das amarras sociais cheias de regras e políticas e agem de forma independente, livres de sua própria vontade, algo intrínseco e involuntário. A predisposição é algo que pode até existir, porém não pode ser fator determinante para tal construção. A predisposição pode até criar essa abertura, mas nunca se pode querer que aconteça.

Sempre a totalidade e a alteridade farão parte do diálogo de Buber, pois o diálogo para ele é encontro. O encontro totalizador entre o EU e o TU faz com que as pessoas não apenas se vejam, mas se enxerguem. Um encontro cheio de aberturas e reciprocidades, em que essas mesmas pessoas estão dispostas a cederem uma as outras, formando assim o TU verdadeiro e, conseqüentemente, ocasionando a total destruição do ISSO objetivador.

A reciprocidade garante para a relação a confiança mútua que ambas as partes têm uma com a outra, ela traz segurança para a relação, pois quando demonstramos ser recíprocos uns com os outros, ali também estamos exercitando a alteridade, que é outro elemento de grande importância para a criação da relação. Como já vimos, para Martin Buber não há como existir uma relação sem alteridade, pois as relações dialógicas, fora desse aspecto, acabam por destruir essa relação dual entre o EU e o TU.

Todo encontro e todo processo relacional traz em si mesmo certa preparação, ou seja, traz em si uma exigência do próprio homem, pois o mesmo tem que estar preparado para esse processo de abertura e para os futuros acontecimentos. Para Buber, é de inteira responsabilidade do homem procurar em si mesmo recordações que possam servir de base para a presença do encontro. Algo que os antigos filósofos chamavam de “sono dogmático”. O EU-ISSO só poderá ser percebido e, posteriormente, acabado quando o homem tiver a plena capacidade de abstração de tal problema.

É de plena responsabilidade do homem obter a capacidade de saber entrar em uma relação da qual está diante e de poder quebrar regras sociais e políticas valorizando, assim, o diálogo e a relação. Os ajustes e mudanças são de grande importância para tudo isso acontecer; é de responsabilidade do homem fazer algumas mudanças para poder obter o diálogo com o outro. Essas mudanças e ajustes são para poder atender a todas às necessidades do outro, como também de uma convivência social harmoniosa. É a partir das pequenas mudanças que acontecem no cotidiano do homem que o mesmo será capaz de construir uma relação dialógica e transformadora, capaz de mudar até mesmo os preceitos sociais e universais.

Descrever o pensamento de Martin Buber é algo muito difícil de se fazer pela sua complexidade e multiplicidade de significados. As interpretações são, muitas das vezes, únicas e, em muitos casos, não cabem novas formas de leituras, sendo difíceis de absorverem novas temáticas. Em todas as suas obras, sejam elas falando da relação propriamente dita entre EU-TU ou em outras obras, o diálogo sempre esteve presente. No discurso sobre a educação, Martin Buber fala sobre o proceder do educador em relação à forma de agir, falar e ensinar, como também descreve como se comunicar com o educando.

O que Martin Buber busca é uma mudança, uma transformação, uma essência do diálogo que seja capaz de transformar e modificar as coisas e criar novos horizontes tanto para a filosofia, quanto para a educação. Poder tornar uma relação pedagógica em uma relação dialógica é o grande desejo e desafio que Buber tenta obter. Todo o processo da educação é algo próprio do sistema educacional, porém Martin Buber quer fazer com que esse processo possa ser também algo dialógico, trazendo o diálogo sob diferentes aspectos e formas.

O diálogo é uma ideia que está no centro do discurso de Buber, é o objeto central de estudo e abstração e para ele não tem como existir uma educação verdadeira que não tenha em sua base um diálogo aberto, totalizante e presente. Para ele, é de grande e total importância que as relações contenham em sua fórmula uma base sólida no diálogo, que a pedagogia seja também uma dialogicidade e que as pessoas possam encontrar uma nas outras além da presença marcada do encontro, a abertura, algo de grande importância para o encontro entre elas.

Os seres humanos são diferentes por natureza e destruir essas diferenças traz, na visão de Buber, um grande problema, como também uma grande violação na própria essência do ser. Cada ser é um ser único, plural e singular, mas também universal. Nesse sentido, respeitar essas variações é o que vai valorizar o ser em sua totalidade e essência. Temos que respeitar as desigualdades humanas, não podemos educar de forma geral sem que também possamos valorizar a individualização. Para Martin Buber, educar de forma a destruir as desigualdades é ferir a existência de cada um.

A educação busca várias formas de educar, porém em todas elas, ou em sua maioria, traz em si mesma a essência da singularidade. A forma de educação contemporânea não observa nem valoriza o único, ela busca igualar todos e, dessa forma, rotular todos os seres, assim objetivando todo o processo ou sistema de educação. A liberdade é algo que deve ser cultivado, buscado e respeitado, criar um único método não é o caminho, e sim apenas a criação de metas educacionais que sevem somente para distanciar a educação da dialogação.

Buber afirma que o educador verdadeiro é aquele que irá sempre conduzir o educando pelo melhor caminho, uma espécie de maiêutica socrática na qual o

professor não ensina nada para seu aluno, mas antes o conduz de forma que ele mesmo encontre o seu trajeto em direção à verdade. O caminho aqui que Buber tanto busca é o que pode levar o educando ao seu próprio interior. A intuição é de grande importância para se alcançar o melhor destino, para ele a intuição é algo que traz uma grande base para seu pensamento.

A intuição vai trazer ao educador plena capacidade de enxergar as possibilidades e variedades do caminho a ser percorrido pelo educando e até mesmo por ele próprio. É ela que poderá fazer com que ele possa ver o interior do educando, observá-lo de forma única e verdadeira, finalizando todo esse processo e aproximando o EU do TU, que até então estão ainda em um processo de conhecimento e estranhamento. A intuição ajudará a criar a relação, fornecendo ao diálogo elementos antes escondidos e secretos. Cabe aqui ao educador ter essa capacidade intuitiva tão necessária para finalização desse encontro.

2 EDUCAÇÃO

Muitos são os problemas que atingem a educação e muitos são os espinhos que são espalhados em seu caminho. Tanto em períodos antigos, como nos momentos atuais, a educação sempre foi objeto de problemas políticos, sociais e culturais. Se traçarmos ao longo da história uma linha, vamos perceber que o currículo foi inserido na educação como sendo um meio de poder ditar as regras, ou seja, que o currículo surgiu para servir como um lineador das normas constitucionais da educação, fazendo com que a mesma possa seguir uma conduta política estabelecida por pensamentos universais.

Muitas são as interferências presentes no meio educacional. Em períodos mais atuais, vemos o monstro chamado Capital ditar regras e normas que mais definem a educação como um produto do que um estudo ou ciência capaz de mudanças e transformações na sociedade, como um caminho para os mais jovens. Os problemas educacionais, na verdade, são mundiais; a educação vem sofrendo interferências em seu núcleo também por se tratar de um problema de cunho universal. Tanto para uma cultura que está por vir quanto para a nossa própria, um debate sobre a educação e suas variáveis é algo que deve ocorrer para sua melhor compreensão e aplicabilidade.

Políticas educacionais são criadas constantemente para a manutenção, como também para o controle da educação. Os educadores estão presos em uma redoma na qual não podem ter voz própria: a autonomia do professor é tirada cada vez mais, o engessamento da função ou profissão docente é cada vez maior, onde palavras como “liberdade de expressão” e “de profissão” assim como “gestão própria” são esquecidas em prol de um pensamento político com base capitalista que nada soma à educação local e regional, mas apenas traça um olhar universal e estrangeiro.

O Filósofo Farejador: “Numa passagem do livro A República, Sócrates (470-399 a. C.) diz que o cão é o animal mais filósofo do mundo (cf.376a). De fato, chama a atenção no comportamento canino esse desejo de aprender e de nos mostrar que aprendeu. Ser e manter-se curioso, procurar pistas, agir como pesquisador (noções incluídas no adjetivo philomantés). Em ambas as palavras destaca-

se o antepositivo “filo”, que remete à ideia de amor ao conhecimento (Introdução à Filosofia e a Educação, Gabriel Perissé, p. 7).

Nessa passagem do livro *A República*, podemos ver que desde os tempos antigos já se buscavam mecanismos e fórmulas para se alcançar o conhecimento. A metáfora do cão aqui descrita, apenas retrata como uma pessoa deve ser para poder alcançar o saber de forma mais rápida e verdadeira. O farejar, a curiosidade e o procurar das pistas, devem ser substituídos pelas pesquisas científicas e humanas em que o homem, além do estudo, também deverá ter o amor pela a educação e o conhecimento.

Tardif nos explica o quanto a função e profissão de professor é engessada e o quanto é difícil exercer a mesma. O docente frente ao discente não consegue exercer sua atividade, tampouco agir com liberdade na execução da mesma, pois, como já falado anteriormente, a grade curricular é usada de forma a não dar espaço de trabalho para o professor, fazendo com que ele siga apenas algumas regras já pré-estabelecidas por algum órgão estadual ou federal, o qual este também está seguindo outra regra universal.

De modo geral, a educação é formada e forjada por pensamentos que muitas vezes desconsideram o que está ocorrendo naquele espaço territorial da escola, já que este é de grande importância para a formação do discente. Gramsci diz que é a própria escola o chão da escola, a sociedade e a comunidade que a cerca, são as mesmas. Sejam problemas relacionados com a interferência estatal, ou pelo comando do capitalismo universal, o que podemos concluir é que fica muito difícil exercer uma educação livre de políticas e, sendo assim, nasce uma educação presa a normas curriculares.

3.1 Paulo Freire: Educação e Diálogo

O diálogo foi, é e sempre será um elemento de grande importância nas relações pedagógicas. Ele traz em si mesmo um conceito capaz de construir ao seu redor uma grande discussão. Em sua maioria, as relações se constituem de formas

personais e interpessoais, e são criadas através de um diálogo com base no respeito, cumplicidade e harmonia, ou seja, as relações para existirem têm que ser compostas por uma série de caracteres que compõe o diálogo genuíno e pleno. Não podemos esquecer outro elemento construtor desse mesmo diálogo que é a confiança e o respeito. Os aspectos sociais são de grande importância para a criação dialógica em Freire. Lembrando mais uma vez que a presença do diálogo em Paulo Freire aqui não tem nenhum caráter de confrontação ou comparação com o diálogo de Martin Buber. Não estamos querendo traçar um diálogo entre os dois, mas apenas trazer alguma contribuição Freiriana no âmbito da educação.

Decifrar todos os códigos do diálogo traz para todos grandes esforços; o compreender do outro se faz presente nesse conjunto relacional, pois as relações inter-humanas são em sua maioria feitas dessas mesmas compreensões mútuas. Da mesma forma, nas relações educacionais é necessário um comprometimento de ambas as partes (educador e educando), para que se possa existir e construir um diálogo verdadeiro, já que a educação também se faz na abertura e na confiança entre essas duas partes.

Falar do diálogo na relação educador e educando não é uma tarefa fácil, nem de tão pouca compreensão, mas é algo extremamente necessário para toda a magia do ensinamento. Pode-se aqui dar várias definições sobre o que é esse tal diálogo na educação, mas será apresentada uma definição que parece bem peculiar no âmbito da educação: o diálogo pode ser visto como uma expressão de comunicação dos indivíduos que se comunicam e interagem uns com os outros; em suma, uma capacidade de interação e comunicação mútua, uma transmissão de saber.

Se na educação encontramos vários problemas em sua transmissão como também outra série de conflitos entre as partes que as compõem (docente e discente), o diálogo entra aqui, sem dúvidas, como um ingrediente social capaz de amenizar ou destruir todos os obstáculos presente na educação e sua transmissão. Guerras e conflitos existem por conta da falta desse pequeno ser chamado diálogo e, dessa mesma forma, problemas envolvendo professor e aluno são constantes nessa relação e uma pedagogia própria, com o intuito de harmonizar esses elementos, pode ser de grande valor para qualquer instituição.

O escutar o outro, a observação das coisas e o respeito ao silêncio podem ser adquiridos pelo uso de um diálogo genuíno e puro, aproximando assim todos os indivíduos. O diálogo pode ser apresentado de várias formas, e pode se fazer presente em vários meios; na política poderá ser objeto de relações de Estado, no amor aproximar as pessoas. Pode também se apresentar na forma verbal ou na corporal e, em ambos os casos, será objeto de aproximação entre os seres e comunicação entre as pessoas dentro de uma sociedade ou cultura. De maneira geral, o diálogo tem o poder de quebrar as barreiras das culturas diversas, convertendo-as em uma só.

A educação e todo o seu processo dependerá, para o seu sucesso, de um diálogo que tenha a capacidade de transformação do Ser e que possa também unir uma série de práticas da educação, harmonizando entre si os elementos presentes nelas. As políticas educacionais são um grande exemplo presente da imensidão de teorias e práticas educativas existentes. Interferências globais e regionais ocupam os espaços deixados pela falta de uma política educacional que possam favorecê-las.

Também podemos notar a grande presença do capitalismo universal e o quanto sua presença tem afetado nosso sistema educacional, no entanto, apesar de todas essas formas de se fazer educação e de toda a interferência que ela sofre, não podemos negar que o diálogo é um grande elemento e instrumento nesse conjunto e uma grande peça dessa imensa engrenagem, ajudando a minimizar todos os conflitos existentes em todo esse sistema. Apesar do diálogo ser uma peça chave para as relações humanas e para a educação como um todo, para Buber não se deve tratá-lo com um instrumento ou ferramenta educacional, mas sim como uma capacidade intrínseca de perceber o outro e o mundo.

Paulo Freire traz em sua educação o diálogo como sendo algo necessário para um ensino de qualidade, em que o educador sabe que tanto o pensamento pedagógico quanto qualquer outro depende muito da capacidade de interagir com o outro e com o mundo que está à sua volta.

Paulo Freire é um grande pensador pernambucano e passou boa parte de sua vida e carreira dedicando-se à educação de pessoas esquecidas pela sociedade. Sendo assim, teve uma observação mais minuciosa do quanto o diálogo

pode ajudar a minimizar essas diferenças sociais e culturais, tornando cada vez mais fácil todo o processo de ensino e aprendizagem.

Todo o seu trabalho educacional foi também marcado por uma espécie de militância política, já que seus métodos de ensino muitas das vezes quebravam essa dicotomia professor-aluno, na qual o docente sempre está acima do discente. Com seu método próprio, ele conseguiu aproximar esses dois elementos e quebrar essa dualidade tornando-a uma só, de modo que trouxe a união quebrando o sistema de hierarquização da educação. O diálogo é algo que está muito presente na teoria de Freire.

Paulo Freire tem em sua obra uma concepção dialógica de ver o mundo e as coisas, e consegue relacionar sua educação com um imenso cuidado pelo outro, com aquele que está necessitado não apenas da educação tradicional, mas da vida. Talvez lembranças sobre sua infância e de seu contato com pessoas pobres possam ter influenciá-lo a ver o mundo de uma forma menos acadêmica e mais humana. Como é sabido, Paulo Freire nasceu em Recife – Pernambuco, situado no Nordeste, um estado pobre e com muitas dificuldades educacionais e sociais. Toda essa experiência pode ter levado-o a tornar-se um grande pensador mais do que professor.

A observação e a vida foram a primeira escola desse grande pensador e, dessa forma, aprendeu as necessidades do outro e o quanto a falta de uma educação específica pode dificultar a ascensão educacional. A escola de Freire é mais do que uma educação acadêmica presa a preceitos e conceitos educacionais. Toda a sua vida desde a sua infância vem ensinou-lhe o valor das relações pessoais, e preparou-o até a sua chegada ao cargo de docente, pois o mesmo já era professor da vida.

Jaboatão foi um espaço-tempo de aprendizagem e de alegrias vividas intensamente, que lhe ensinaram a harmonizar o equilíbrio entre o ter e o não-ter, e o ser e o não-ser, o poder e o não-poder, o querer e o não-querer, assim forjou-se Freire na disciplina da esperança (FREIRE, Ana Maria Araújo, apud FREIRE, 1998, p. 222).

Como o diálogo é algo construído no contato e na experimentação, com Paulo Freire não foi diferente. Sua filosofia educacional e seu diálogo sofreram diversas

influências ao longo de sua vida e carreira acadêmica, e sua estruturação, bem como sua produção teórica, foram sendo objetos de estudo e observação, adaptando elementos antes não existentes por falta de experimentação com a vida. Época, cultura, sociedade, são elementos que sempre acabam influenciando todo grande pensador (neste caso, pensador e educador).

O diálogo de Paulo Freire sofre muitas interferências de sua vida, sua própria vida é um diálogo experimental. Quando buscamos suas obras, vemos o quanto elas estão cheias de vida, suor e lágrimas; quando vemos sua forma de falar, também notamos o quanto o mundo influenciou-o a ser dessa maneira, na qual o discurso teórico é um elemento presente no seu método prático educativo, em que conseguiu unir educação e desejo, prática educacional e teoria.

Freire buscou unir uma educação de qualidade com uma educação popular. Ele sempre teve um olhar sobre o outro e sua forma de vida, sua educação nunca esteve desvinculada com sua forma de ver o mundo. Dessa maneira, Paulo Freire uniu sua educação a uma política educacional. Sua educação estava diretamente ligada a preceitos sociais preocupados e dedicados ao outro, ou como ele mesmo diz, oprimidos.

A revolução pensada por Freire não pressupõe uma inversão nos pólos oprimido-opressor, antes pretende re-inventar, em comunhão, uma sociedade onde não haja a exploração e a verticalização do mundo, onde não haja a exclusão ou a interdição da leitura do mundo aos segmentos desprivilegiados da sociedade (apud GADOTTI, 1996. p. 40).

A práxis educativa foi uma das identidades de Paulo Freire, foi com ela que ele pôde estabelecer para o mundo uma nova forma de ver a educação, como também trazer outras perspectivas. Obteve muitas homenagens ao redor do mundo e pôde unir, nesse tipo de educação, uma pedagogia própria com culturas locais. Também pôde fazer de sua educação um lugar onde o oprimido tenha vez e palavra, em que a voz dos esquecidos possa ser escutada e lembrada e, conseqüentemente, existente.

Fazer da educação uma práxis foi o que tornou o professor um educador mundial. Freire colocou em sala de aula sua própria vida e experiência pessoal e intelectual, com um pensamento grandioso e aberto para as mudanças da vida, ele

fez do mundo sua sala de aula e os oprimidos seus alunos. O conceito de diálogo para ele pode até parecer diferente de outros existentes, porém ao longo de sua obra, Freire tentou mostrar sua importância e conceito como pedagogia prática e filosófica.

A categoria “diálogo” em Freire pode assumir um caráter singular e único em suas obras, mas o que será mostrada é a importância do diálogo em si mesmo, na vida do ser humano e em todo o processo de ensino e aprendizagem. De modo geral, será feito um paralelo entre a educação e suas maneiras de se expressar e agir, e o quanto o diálogo pode ser importante nesse processo de transposição do pensamento e elevação do ser. Fazendo, dessa forma, com que o educando se sinta à vontade para o aprendizado e também que o mesmo traga sua experiência para a sala de aula.

Compreender o que o discurso Freiriano pode trazer de contribuição não apenas para a formação humana, mas ainda para a vida do ser humano, é algo que não se aprende apenas nos livros, mas em uma educação com prática da Liberdade e uma Pedagogia voltada para o Oprimido. Podemos notar muito bem o quanto a relação entre educador e educando é importante e o quanto o diálogo pode intermediar essa relação, estreitando os laços e quebrando as barreiras políticas. Também nota-se em seu discurso a importância da práxis na vida do educador e como o educando se relaciona com ela.

A educação enquanto ação específica do homem é o que mostra a sua práxis. Para que isso possa acontecer, é importante trazermos alguns pontos consideráveis em seu conceito e obra, para que o diálogo e a comunicação possam se unir e construir toda essa magia discursiva educacional. A verdade e a autenticidade devem fazer parte de toda essa engrenagem educacional para a construção de um diálogo genuíno, simples e eficaz, no qual a reflexão e uma postura crítica são fundamentais para absorção das palavras e entendimento do mundo.

A criticidade e a reflexão clara da vida são pressupostos fundamentais para Paulo Freire para uma comunicação clara entre os homens. Não pode haver uma práxis verdadeira sem antes assumirmos uma postura crítica diante das coisas que estão ao nosso redor. Parafraseando Freire, o mesmo nos diz sobre uma realidade

objetiva, independente dos homens, mas que é possível de ser conhecida e encontrada. Nesse contexto, o outro sempre será o outro, sempre terá seu espaço e existirá como pessoa, tendo sua própria identidade e valor.

O diálogo só poderá existir se houver uma aceitação mútua entre os indivíduos, isto é, um tratamento respeitoso e aberto, e é nessa abertura que irá se construir todo o processo dialógico e educacional. Aceitar o outro em suas particularidades é algo que constrói uma relação sólida e verdadeira. A criticidade é algo que deve existir nesse processo, como dito anteriormente, porém a crítica pessoal de cada um deve ter o mesmo peso e importância, demonstrando um equilíbrio e respeito entre as partes envolvidas nesse encontro.

A crítica aqui é para o pleno discernimento dos acontecimentos políticos e sociais existentes na vida cotidiana. Sem essa clareza dos fatos e sem uma perfeita racionalização do mundo que nos cerca, ficará difícil manter um diálogo claro. Paulo Freire tenta aqui nos mostrar a importância de saber bem as coisas que estão presentes no mundo para, só assim, poder fazer alguma abstração dele. Aqui, o diálogo chega para mutualmente trazer a verdade à tona e construir, através do método prático e pedagógico, um caminho que possa levar para a plena libertação do ser.

Todos que estão à margem de um lugar, de uma sociedade, ou até mesmo de sua própria cultura são os que poderão ser chamados de oprimidos, pois são esses que sempre estão submetidos a normas e regras que eles discordam ou desconhecem; por isso a importância da reflexão e da criticidade, para eles poderem sair dessa redoma político-social. Os que detêm o poder sempre encontrarão jeitos de esconderem a verdade, tentarão achar mecanismos para manter seu pensamento e sua hegemonia erguida e, desse modo, toda e qualquer forma de diálogo será destruída.

A realidade social do Brasil e do mundo, apesar de suas particularidades, se parecem muito, pois ambas têm o poder como um instrumento de manipulação e controle da massa. A relação oprimido e opressor se acentua ainda mais quando não temos a clara noção do que está acontecendo à nossa volta. Desde o processo de colonização do Brasil até os dias atuais, vemos as desigualdades aumentarem para alguns, enquanto para outros a situação só tende a melhorar.

A relação de poder existente em algumas classes sociais acaba por permitir a exploração de outras em prol de suas próprias causas. O caráter da exploração social, econômica e até cultural vem se arrastando até os dias de hoje na sociedade brasileira; a cultura local vem sendo esmagada desde o início, quando o nativo perde além da sua cultura, sua própria existência. Desigualdade é algo que está sempre presente na realidade dessa classe social.

O que Paulo Freire busca, dessa forma, é uma saída para essa desigualdade social. Em outras palavras, Freire tenta com sua pedagogia destruir uma política global capitalista e elitista que desde sempre vem esmagando e destruindo toda uma população de oprimidos. É aqui que a reflexão pode e deve se fazer presente para poder, só assim, ser criado um novo senso, só que este longe do comum, e bem perto da realidade.

A falta da criticidade em relação à sua vida, como também a ausência de uma postura reflexiva, tem ajudado em muito na criação desse monstro chamado alienação. Quando o sujeito que está inserido em uma sociedade não tem a mínima capacidade de abstrair sobre a mesma todos os seus acontecimentos, ele acaba sendo vítima de sua própria ignorância. A falta de saber não é o principal problema social de uma classe subalterna, mas sim a falta da conscientização de que se deve aprender para poder ser livre.

A democracia não é algo que se faz apenas com a liberdade de expressão de um povo ou com sua opinião, mas com a abstração de tudo o que está acontecendo em relação a essa mesma democracia. Quando não temos a plena clareza do que está acontecendo ao nosso redor é quando nos tornamos nossas próprias vítimas. Vítimas da ignorância de não abrir nossos olhos para enxergar a verdadeira situação.

O caminho democrático é cheio de obstáculos sociais e só com o conhecimento claro é que poderemos chegar à verdade. “A inexperiência do diálogo, da investigação, da pesquisa, que por sua vez, estão intimamente ligadas à criticidade, nota fundamental da mentalidade democrática” (Freire, pag.104). A falta da experiência tem mostrado, ao longo do tempo, um grande problema social, pois quando não se tem uma mentalidade com bases na experiência e na crítica, destruimos qualquer forma de diálogo.

A educação de Paulo Freire é, de fato, uma educação idealizadora, em que se busca muito mais do que apenas educar. Apresenta uma formação cheia de ideais e com uma capacidade reflexiva muito grande, capaz de destruir todo o alicerce dos mecanismos políticos opressores, pois esse poder opressor é capaz de criar uma grande limitação em toda a sociedade, tornando o que seria um pensamento livre e crítico em uma prisão alienadora.

Paulo Freire deseja um sistema ou metodologia pedagógica que busque a criação de um homem alfabetizado para o mundo, com um olhar sobre si mesmo, para só assim poder enxergar também o mundo (uma espécie de maiêutica socrática, como um “conhece-te a ti mesmo”), porque quando temos a plena capacidade de nos conhecermos, estamos aptos a conhecer também o outro em todas as suas particularidades, como também o mundo.

Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará (FREIRE, 2005, p. 34).

A pedagogia de Paulo Freire tende a buscar uma luta social e política. Ele afirma com suas palavras e ações que sua pedagogia busca o fim de toda opressão, e está engajado não apenas na libertação daquele que está perdido socialmente ou culturalmente, mas deseja que o oprimido consiga se organizar dentro de um sistema educacional libertador, longe de toda e qualquer forma de prisão social e histórica, e que a injustiça e a marginalidade consigam ser vencidas e destruídas pela verdade.

Uma educação que tenha em sua constituição o bem maior da sociedade e a construção de uma política justa não se pode dar o luxo de abrir mão de uma pedagogia voltada para os excluídos, mas antes deve buscar o desenvolvimento cognitivo de um povo e a libertação das correntes da opressão. Freire busca a destruição total da cultura do silêncio, ou aquela cultura que só valoriza o opressor e a sua opinião, na qual o oprimido não tem o direito de voto nem o direito de exercer sua opinião.

Como foi dito anteriormente, não há como obtermos um diálogo verdadeiro onde exista um sistema hierárquico e uma hegemonia de uma classe superior. Para que possamos verdadeiramente criar um diálogo, devemos antes destruir toda e qualquer forma de dominação, para que só assim se possa iniciar um processo de abertura e confiabilidade entre os seres envolvidos. Aqui a alteridade deve fazer-se presente e aquele que está em uma situação de superioridade, em uma classe melhor ou detém em suas mãos algum tipo de poder, poderá abrir mão de suas vantagens em detrimento do outro, nesse caso, do oprimido.

A alteridade é a plena capacidade de deixar o seu lugar e estar no lugar do outro, sentindo suas angústias e aflições, exercitando sua capacidade humana sobre os problemas alheios. A alteridade é um grande meio de se exercitar uma forma de humildade e compreensão, deixando o seu lugar de conforto e superioridade e abrindo mão de todo o seu poder em detrimento de uma experiência que possa lhe trazer a plena capacidade de conscientização do problema do outro.

O diálogo proposto por Freire traz a presença dos mesmos ideais que, em sua maioria, são sempre pela liberdade e igualdade. O encontro entre os sujeitos se fará de forma dialógica, cuja maior conquista será, além do mundo, a verdade antes escondida pela falta de conhecimento do outro e pela falta de respeito pela existência do ser. O nivelamento ou igualdade é para que ambos possam estar em sintonia e harmonia, e possam alcançar os mesmos objetivos e interesses.

A partir do momento em que ambas as partes se abrem para o diálogo, a magia do conhecimento começa a agir e ambos tornam-se seres dialógicos, não havendo mais espaço para a tirania e para palavras como opressor e oprimido. Como o ensinamento de Freire não se limita aos conhecimentos acadêmicos, mas se abre para as possibilidades, acaba dando espaço para a construção de um diálogo em que duas ou mais pessoas possam manter uma relação na qual o mundo possa estar presente, tanto quanto os seus conhecimentos.

Nessa relação dialógica entre as pessoas envolvidas, podemos perceber que o processo torna os homens ainda mais humanos e conscientes de sua existência, já que o diálogo também traz em si a noção de percepção do outro e de si mesmo. O diálogo, com esse tipo de característica, traz em sua composição um fator libertador para todos aqueles que estão aprisionados em uma cultura opressora ou

limitante, assumindo assim o caráter libertador que Freire deseja que exista nesse processo.

Quando há a possibilidade do opressor abrir os olhos para tudo aquilo que o aprisiona e o impede de ter uma vida verdadeira, o processo de criação do bom senso acaba tornando-se realidade; todo aquele senso comum acaba por ser destruído através da capacidade de reflexão, assumida por essa nova postura crítica. Também, após toda a criação crítica, cria-se um caminho que antes não existia e nem poderia existir, capaz de unir o opressor e o oprimido. Só após o oprimido ser capaz de pensar sobre a vida e si mesmo é que poderá existir um diálogo entre essas duas esferas paradoxais.

Paulo Freire, assim como outros grandes educadores, acredita que para existir a possibilidade de um diálogo, deve antes existir também uma quebra de relação ou estrutura de dominação entre os membros. Em outras palavras, toda e qualquer forma de dominação deverá ser abominada pelo ser que está em uma situação superior, assumindo, assim, uma atitude de alteridade e respeito. A comunicação só poderá fluir se for estabelecida essa relação de respeito, pois toda reflexão não aceitará qualquer desvio dessa conduta moral.

Se houver qualquer forma de dominação ou superioridade, que seja a do homem sobre o mundo que o cerca, e não um sobre o outro. Quando as duas partes estão dispostas a perceber o mundo e interagir sobre ele, tentando modificá-lo e transformá-lo de forma a ser um local mais equilibrado e seguro, o diálogo começa a tomar corpo e se estabelecer como um meio de relação e interação entre eles, quebrando toda barreira da opressão e da ignorância. O diálogo vai acontecer no encontro entre os sujeitos dialógicos, cujo objetivo será a construção de um mundo melhor.

O diálogo só poderá assumir um caráter libertador se antes conseguir libertar o próprio ser, pois, de outra forma, como esse mesmo ser poderá trazer a libertação do outro? Para a construção de tudo isso um certo nivelamento entre esses seres deve existir, para que só assim ambos possam ter a plena capacidade reflexiva de agir da melhor maneira possível. Uma atitude construtora só se fará presente com tal criticidade. Parafraseando Hans Georg Gadamer na *Falência da Palavra*, só através do diálogo é possível aprender.

Como o diálogo de Paulo Freire busca tanto a compreensão do mundo como também a do outro, num respeito mútuo e verdadeiro, valorizando a cultura e a posição na sociedade seja ela qual for, o diálogo pode servir de um meio de desarmamento entre as partes envolvidas e, dessa forma, contribuir para a construção de uma abertura com base na compreensão de uma relação em que o desejo esteja presente para a entrega total e para tudo aquilo que esteja sendo vivido no momento.

Em um diálogo autêntico e verdadeiro vários são os acontecimentos e entre eles muitos erros e acertos são inevitáveis, mas o que está em jogo aqui é o possível conhecimento trazido através da abertura deixada entre as duas partes. As quebras das barreiras e a destruição das hierarquias ajudam na construção de um diálogo verdadeiro, no qual a verdadeira realidade das coisas possam aparecer e não a realidade imposta pela classe dominante e opressora. Segundo Platão em *A República*, “A palavra não é cópia da realidade”. “O antidiálogo que implica na relação vertical de A sobre B é o oposto a tudo isso. É desamoroso. É acrítico, e não gera criticidade” (FREIRE, 2005, p.116).

Aqui Paulo Freire faz uma crítica à forma de ação de alguns discursos que se propõem a serem diálogos, quebrando todas as formas de respeito e compreensão do outro. Tudo aquilo que chega a ser desamoroso não pode ser visto como diálogo, a arrogância estará presente, criando assim o “antidiálogo”. Toda e qualquer relação que esteja com suas bases em um antidiálogo estará fadada ao fracasso, pois conseguirá destruir toda a simpatia presente em uma relação verdadeira.

Como já dito, o diálogo que Freire preza e admira é aquele no qual pessoas se unem em prol de um mundo melhor, em que ambas buscam uma relação com esse mundo de forma igualitária e justa, buscando a destruição das desigualdades e colocando o oprimido em uma situação de privilégios em relação ao opressor. O domínio e a arrogância não poderão existir em um mundo justo, pois para Freire o diálogo deve ser um encontro reflexivo, cheio de subjetividades e criticidades entre aqueles que o compõe.

O diálogo implica certa comunicação, mas não é qualquer comunicação e sim uma que possa valorizar a reciprocidade entre as partes envolvidas, na busca de uma clara e legítima compreensão, valorizando o senso crítico dos membros e

trazendo à tona um pensamento significante em relação à vida e ao mundo. Como Freire mesmo diz: comunicar é comunicar-se em torno do significado significante. Toda e qualquer forma de comunicação deve ter em sua essência uma comunicação clara e cheia de significação, deve estar disposta à compreensão da realidade e abstração das coisas.

Aqui Paulo Freire deixa claro que para que possa existir de fato a comunicação, ela deve estar cheia de significado para o sujeito. A ação é algo de grande relevância nesse processo, pois o sujeito deverá ser ativo e nunca passivo, deverá expor suas realidades e pensamentos, ser crítico em relação às coisas e a si mesmo, trazendo ao diálogo significação e conteúdo. O diálogo deve ser comunicativo e eficiente para a sua construção, no qual possa existir uma perfeita harmonia e reciprocidade entre os sujeitos.

O diálogo é uma comunicação e uma comunicação é um diálogo. A reciprocidade é algo que deve estar presente nesse encontro dialógico para que no processo marcado pelo encontro entre os sujeitos ativos possa, de fato, existir compreensão entre eles. A educação é uma via de mão dupla, toda ação educativa deverá ter em sua composição uma via que exista mais de um caminho a ser percorrido, para que o educador e o educando possam caminhar juntos, partilhando suas experiências e arbitrações sobre a vida e o mundo.

Esta alguma coisa deveria ser o novo conteúdo programático da educação que defendíamos. E nos pareceu que a primeira dimensão deste novo conteúdo, com que ajudaríamos o analfabeto, antes ainda de iniciar sua alfabetização, para conseguir a destruição da sua compreensão mágica e a construção duma compreensão crescente crítica (FREIRE, 1979, p.70).

A alfabetização é um caminho que deverá tirar o educando de sua vida opressora, trazendo para ele uma nova dimensão do mundo e das coisas, destruindo sua antiga compreensão de tudo que está ao seu redor e criando uma nova visão de mundo. A construção de uma dimensão crítica para o aluno é algo capaz de tirá-lo da redoma da ignorância e trazê-lo de volta à vida. A magia de uma compreensão falsa é o fator de criação também de um mundo falso. Há necessidade

de destruição dessa dimensão pseudo-mágica para a formulação e criação de uma nova e verdadeira.

Para Freire, a educação não pode ser objeto de domesticação; a educação deve estar livre dessas amarras política-educacionais, que mais servem a um propósito político do que à própria educação. Uma atitude dialógica deve existir entre todos aqueles que formam a educação e o seu sistema. Uma relação com base em um EU-TU, que Buber tanto fala e admira, deve ser algo que se possa usar nesse processo educacional, destruindo toda objetivação do sujeito e transformando-o em Ser. Tal relação entre o EU-TU de Buber foi mencionada anteriormente.

Essa pedagogia adotada por Paulo Freire valoriza muito a experiência do indivíduo e, com isso, enriquece a relação, fortalecendo essa dualidade entre educando e educador. Também traz um entendimento claro na relação dialógica entre essas mesmas partes, pois a experiência traz consigo um equilíbrio necessário entre as partes envolvidas, valorizando as diferenças e as ideias divergentes. O diálogo não pode ser de forma alguma uma disputa ideológica nem uma guerra política e social, antes deve estar assentado numa razão.

Os argumentos contraditórios e divergentes não devem se constituir em um cabo de guerra, mas devem estar essencialmente assentados com características no respeito, na tolerância e na paciência. O diálogo é também razão, o diálogo também é reflexão, mas nunca força e autoridade, pois, como já citado, a experiência e a razão são necessárias para um diálogo simples e verdadeiro. É no diálogo que o encontro se faz presente; é no diálogo que todo o processo de criação acontece, mesmo com toda presença do risco.

Todo encontro é risco, porém é necessário se correr esse risco para que se possa tornar presente todo o encontro entre as partes. Para que as partes envolvidas não estejam apenas no local do encontro, mas realmente presentes para a constituição do diálogo, faz-se necessária a abertura para esse mesmo encontro. Alguns falam que o diálogo é visto como uma hermenêutica do ser em suas relações, outros dizem que o diálogo é apenas uma abertura despreziosa, já outros alegam uma quebra de hierarquia. Seja lá o que for, a pedagogia aqui

apresentada por Freire tende a valorizar o outro em seu próprio mundo, mas, sobretudo, o próprio mundo.

Como dito anteriormente, o diálogo é uma abertura e não se deve criar em torno dessa mesma abertura uma expectativa, mas apenas uma presença no momento do encontro para que tal relação se constitua verdadeiramente em uma reflexão e uma criticidade em relação ao mundo. Uma conversa é apenas o que podemos esperar de imediato nessa abertura, em que toda aquela experiência vivida deve agora ser transformada em um entendimento, para que se possa ter uma clara compreensão das coisas.

Paulo Freire, autor da *Pedagogia do Oprimido* e tantos outros livros educacionais, buscou em sua educação não apenas educar o ser pelos moldes escolares e acadêmicos, mas de outra forma, então, traçou sua própria maneira de ensinar, forçando o homem a buscar o mundo em que está inserido, arbitrando sobre sua própria vida e maneira de ser.

Paulo Freire buscou educar para a vida, quebrando regras e paradigmas educacionais. Fez do mundo e das suas experiências de vida sua sala de aula, e uniu tudo isso aos conteúdos acadêmicos. Com uma visão diferente da tradicional (visão do oprimido para o oprimido), Freire sempre tentou mostrar para seu aluno a importância do aprendizado para a vida e não apenas no ambiente escolar. Assim como Gramsci, que tinha em sua educação a sociedade como parte da escola, Paulo Freire também buscou a união desses dois elementos culturais.

A leitura do mundo, e não somente da escola, é para Paulo Freire uma maneira que o aluno tem de poder entender tudo o que está ao seu redor, considerando a possibilidade de modificar as coisas. A transformação do mundo começa na própria transformação do Ser. É entendendo a si próprio que o homem poderá entender o que lhe cerca; um conhece-te a ti mesmo socrático, não havendo outra forma de mudar o mundo sem antes mudar a nós mesmos.

Como Freire também gostava muito de educar adultos, já demonstrava em seu próprio método dialógico uma quebra de preconceito em relação aos paradigmas existentes na sociedade e em uma vida inteira do educando, trazendo para o educador uma maior responsabilidade de causar a transformação, destruindo toda ignorância social. Dentre os vários livros escritos, *A Pedagogia do Oprimido*

traz conceitos e teorias que visam à elevação intelectual e à destruição das normas educacionais vigentes e tradicionais, que mais criam padrões sociais do que educam.

Toda e qualquer forma de educação tem que ter, por princípio, a possibilidade de criação e produção de conhecimento. Para Freire, o professor não pode querer apenas ensinar ou transmitir algo ao aluno, pois dessa forma seria algo vago e sem vida. O professor, segundo o seu pensamento, tem a obrigação de apresentar vários conteúdos para seus alunos, mostrar para eles as diversas formas de saber e suas aplicabilidades. Porém, não pode de maneira alguma colocá-las como uma verdade universal e singular; deve deixar claro para o aluno que não existe verdade absoluta, mas que cabe a ele a responsabilidade também de sair à sua procura.

Todo ser, independente de sua educação, já possui sua própria cultura e é dessa cultura que Paulo Freire fala e valoriza. O mundo entra aqui como o chão da escola do próprio aluno (Gramsci), onde Paulo Freire não pretende apenas ensinar preceitos escolares, mas trazer ao aluno uma leitura do mundo e da realidade das coisas. O objetivo de Paulo Freire é fazer com que o aluno possa ser o autor do seu próprio mundo e criador do seu universo. Tudo está no mundo da transformação e da interação; nesse caso, o aluno deve tornar-se ciente do que está à sua volta e ter a plena capacidade de perceber e abstrair as coisas. Este estudo não se limita à sala de aula, mas traz em si mesmo um rompimento de barreiras educacionais vigentes.

Segundo Freire, as pessoas não têm a capacidade de aprender sozinhas; também ninguém por si só pode ensinar o outro, mas antes depende do convívio com o mundo e todas as suas abstrações. A educação se aprende no convívio mútuo entre os homens, o mundo e a vida. A vida aqui entra como uma segunda escola (ou por que não dizer como sua primeira escola?), já que todo aluno que chega à sala de aula já chega com uma bagagem intelectual e cultural, a qual será de início confrontada com a do discente ou pela instituição escolar.

3.2 Alguns Desafios e Demandas da Educação nos Dias de Hoje

Há muito tempo existe um embate e um debate acerca da educação no Brasil e sua relação direta com o trabalho, por se tratar de um tema de bastante relevância para a construção de uma nova educação brasileira e, conseqüentemente, para a construção também de um novo trabalho e suas objetividades, transformações e novas construções para o Brasil e o mundo. Isso nos mostra a delicadeza do assunto e sua devida importância nesse processo. Mudar uma realidade influenciada por bases capitais, subordinadas por políticas públicas de mercado, torna esse tema mais que um desafio educacional, mas um paradoxo contemporâneo e político a ser quebrado, aproximando elementos (política, educação, trabalho) que historicamente vêm sendo divergentes ao longo do tempo além de serem objetos de muitos conflitos.

As diversas políticas públicas são bem enxergadas no próprio corpo docente e educacional, refletindo no currículo. Esse objeto chamado currículo acaba sendo parte do conjunto capital global, fortalecendo cada vez mais o mercado produtor que vê no sistema educacional outra forma de se fazer política. Emancipação é, talvez, um sentimento a ser criado para a quebra desse sistema mercantil ou pelo menos para a capacidade de criação de uma reflexão desse sistema opressor e dominador.

Um pensamento crítico deve existir para o necessário combate às regras, às leis e diretrizes impostas ao processo educacional, que tanto engessam os professores e seus saberes docentes em seus cotidianos como menciona Tardif. Uma complexa rede constitui as práticas docentes, e o pleno conhecimento e respeito a elas são alicerces necessários para a constituição de uma pesquisa escolar múltipla, lógica e histórica. A humanização deve ser um fator presente nos projetos de pesquisa. A pesquisa cotidiana nas escolas ou centros não devem se limitar aos aspectos metodológicos e teóricos presentes na estrutura do trabalho. A materialização e a sistematização do currículo devem ser substituídos e reestruturados de forma que os conhecimentos acadêmicos sejam também transformados em conhecimentos humanos.

Diferenças e contradições podem ser elementos constituintes de uma boa educação, na qual o estreitamento das relações sociais serve de base para a nossa observação prática. Uma militância existencial deve compor nosso objeto, valorizando a interação e o olhar do outro, construindo um projeto educacional cuja finalidade seja, também, a aproximação e interação entre as pessoas

desmaterializando, dessa forma, alguns projetos educacionais e acrescentando a eles um novo elemento chamado respeito.

Um lineamento estrutural sobre a educação escolar ajudará a entender aspectos educacionais presentes e também aqueles constituintes do passado. A própria história relata a essência da escola pública do Brasil e algumas discussões sobre esses aspectos pedagógicos, muitas vezes antagônicos, ajudariam a construir no futuro um currículo emancipatório, capaz de quebrar as políticas públicas educacionais, modificando a globalização presente em nossas escolas e fazendo surgir uma nova política curricular.

Uma educação formal ou não-formal, curricular ou não curricular, mas que possam em sua gênese conter uma faísca de reflexão, poderia ter a capacidade de quebrar os paradigmas políticos e de fazer-se perceber os anseios e perspectivas além das determinantes políticas-educacionais vigentes. Uma educação que possa ser moldada e construída no cotidiano escolar de forma empírica é um dos objetivos de qualquer política autônoma e com bases sociais anticapitalistas, sabendo que o verdadeiro currículo é forjado nas relações diárias e ontológicas e não apenas em uma epistemologia política curricular. Os estudos científicos e as pesquisas acadêmicas são de grande importância nessa engrenagem pedagógica, porém a educação ampla oferecida por Gramsci e enfatizada por Tardif mostram a importância também de uma educação não formal, com uma prática observacional no cotidiano periférico das escolas.

A educação não formal pode ser vista como um importante meio para a elaboração de uma educação não dogmática e livre das sistematizações educacionais, tendo a liberdade e autonomia como pilares de uma metodologia emancipatória. Dessa maneira, as metodologias não convencionais trazem uma nova proposta de pesquisa, cuja função é estabelecer e criar possibilidades nesse universo educacional e político, reestruturando o trabalho e fomentando elementos antes não observáveis ou não aceitos pela política tradicional, quebrando os paradigmas teórico-práticos ao mesmo tempo que abre condições para pensar o fenômeno educativo de forma ampla, que tem como objetivo o auxílio dos trabalhadores e estudantes.

O que se busca aqui é mostrar um outro tipo de visão político-pedagógica no que se refere ao papel do diálogo crítico sobre as atuais políticas educacionais exercidas pelo estado, seu pensamento e maneira de agir. Tenta-se mostrar não apenas os problemas existentes nessa política, mas procura-se uma saída desse processo educacional influenciado por um sistema globalizado que tanto vem interferindo nesse contexto político-educacional, modificando a própria essência da educação formal e trabalho, construindo uma nova educação não-formal e trabalhista. Isso é importante nesse processo de ensino e aprendizagem e mercado por expor os problemas contemporâneos dessa dicotomia política-educação. Tentar achar um caminho que possa levar a educação e o trabalho a uma emancipação das políticas públicas vigentes é um dos papéis dessa nova forma de pensar, é algo que vai além de redefinir o papel do estado, mas alcança uma educação universal livre das amarras da globalização estatal.

Uma visão global tenta mostrar que a educação e, conseqüentemente, seus processos e sistemas, estão diretamente ligados a uma forma universal de pensamento, a uma educação globalizada, em que as políticas educacionais são vistas num âmbito mundial, sendo o estado apenas uma parte dessa engrenagem. Em uma educação institucionalizada pelos mecanismos globais, sendo diretamente influenciada por esse pensamento, existe uma idealização que é pressuposta à própria educação, uma espécie de cultura que é exercida mundialmente pela comunidade internacional, fazendo com que o estado perca um pouco de autonomia diante desse pensamento e cultura internacional, refletindo diretamente no trabalho vigente.

Também podemos observar, em outra perspectiva, que uma educação que seja capaz de estabelecer metas e normas sobre o sistema global existente é capaz de trazer muito mais autonomia e liberdade para a educação estatal. Os estados seriam mais livres para gerir seus próprios projetos, que poderiam até ser diferentes de outros estados, trazendo a centralização do poder educacional, antes globalizado e estabelecido de uma só forma. Esses projetos poderiam ser criados com mais gerência do próprio estado, garantindo assim mais licitude na formulação de uma teoria educacional regional, demonstrando projetos e programas mais humanos e preocupados com o ser em si mesmo.

Sabemos que são vários os fatores internacionais que interferem e influenciam a educação nacional e, conseqüentemente, no trabalho. O processo de globalização além de trazer um pensamento único e universal para a educação mundial, tem em sua composição elementos do capitalismo, que há muito tempo vem ditando as regras da educação, do trabalho e da política, e interferindo nos processos educacionais vigentes, chegando até a modificar o próprio currículo.

A ideologia de uma educação globalizada destrói a capacidade de criação de uma educação local, comprometendo cultura, linguagem e pensamento de uma região, que tanto contribui para uma educação social e igualitária e para um trabalho humano e justo. A perspectiva de uma educação global despreza a institucionalização de uma educação nacional e comum, desvalorizando as especificidades que nela se encontram.

A superioridade e hegemonia do capitalista aqui é um fator modificador na estrutura educacional global. Essa influência capitalista valoriza os estados mais fortes economicamente, tornando-os influentes perante outros, o que reflete nos processos nacionais e nas suas articulações com a dinâmica globalizada. Nesse contexto, perguntas são feitas e respostas são procuradas para o que ensinar, como ensinar e quem deve ensinar, demonstrando uma grande carência de um sistema educacional que supra esses anseios.

Os inúmeros problemas educacionais e políticos que compõem não apenas a educação brasileira, mas mundial, provêm de uma falta de equilíbrio entre uma educação com fins sociais e trabalhistas e outra que contenha aspectos de uma educação humana e da falta de uma educação que contém uma prática educativa e social, cujo objetivo não é amenizar os problemas, mas sim resolvê-los com a política educacional capital.

As mudanças históricas vêm trazendo com elas as desigualdades das classes sociais, interferindo no processo de ensino e aprendizagem e colocando como verdade universal seus anseios e objetivos, em que as novas práticas exercidas pela sociedade interferem e modificam os processos metodológicos. Essas mudanças sociais adentraram aos cursos, modificando os currículos e diretamente determinando os tipos de trabalho, e adaptando-os ao pensamento dessa classe

social. Com isso, afetam não apenas os trabalhadores e a sociedade, mas também a educação básica que desde já é influenciada por essas ideais capitalistas.

Todas as doenças educacionais contemporâneas (ensino sistematizado, senso comum acadêmico, falta de diálogo, educação capital, trabalho alienador), somadas às mazelas da modernidade (desemprego, violência, fome), constituem a essência da exclusão social-trabalhista e o descaso do Estado. Mesmo sendo esses problemas entre sociedade e Estado arrastados há anos, eles são potencializados por uma política contemporânea que nada tem a ver com os pensamentos sociais e humanos que tanto buscamos, mas tem a ver com uma idealização capitalista capaz de romper a cultura, modificar as ideias da população e trazer o convencimento de que não há outra forma melhor de sociedade, de trabalho e de educação. Com isso, cria-se uma pseudo-mentalidade entre sociedade e mercado, em que este influencia diretamente as camadas populares, construindo uma nova sociedade com base elitista.

Os paradigmas educacionais servem como inspiração para as ciências sociais e humanas por trazerem o desafio e a possibilidade da criação de uma educação construtora de uma nova sociedade. A quebra desses paradigmas e a mudança desse pensamento estabelecido formam uma sociedade e uma teoria social humanizadora e libertadora, tão necessária em um período escravo dos ideais do capitalismo, que veem a educação apenas como uma ferramenta industrial para concatenar e fazer exercer sua política mecanizadora, capaz de transformar o indivíduo em um objeto. A quebra dos paradigmas pode trazer a emancipação como um todo, pois poderá construir alternativas sociais significativas e, conseqüentemente, a felicidade das massas populares.

A educação como política pública requer uma militância e um enfrentamento cujos objetivos sejam o combate e a dissolução das desigualdades. Os conhecimentos políticos juntos a uma educação emancipadora fomentarão novos saberes, visando processos sociais que possam combater a influência desse sistema, no qual o grande desafio da educação vigente será a busca por mecanismos que possam não apenas construir uma sociedade justa e verdadeira, mas desconstruir essa educação presente em nosso cotidiano, cuja essência mercantil dificulta a saída do senso comum, criando uma redoma que impede a

entrada do bom senso acadêmico e político, a formulação de novas ciências educacionais e, por fim, a gênese de uma política educacional emancipatória.

Como vimos, muitos são os problemas existentes em uma educação, sejam eles nascentes de uma política influenciada pelo capital, trabalho ou políticas públicas excludentes. Um diálogo que possa trazer a união para todos que fazem parte desse conjunto social é de grande importância para a construção de uma nova sociedade. O diálogo pode ser uma grande alternativa para a criação de uma relação social e humana, unindo as pessoas e diminuindo os problemas existentes. A humanização também faz parte dessa ferramenta dialógica (visão Freiriana), já que o diálogo propõe a quebra da hierarquia e a busca pela igualdade. O diálogo pode ser a grande gênese dessa tal sonhada educação, auxiliando os docentes na relação direta com seus respectivos discentes e também trazendo um novo caminho para esse sistema contemporâneo.

3.3 O Diálogo para uma Educação na Sociedade

Educar para a cidadania é um papel de grande importância social, de inúmeros desafios não apenas educacionais, mas políticos, em que surge o gargalo estrutural por onde passa nossa educação contemporânea. Uma educação para a construção do cidadão não pode ser considerada utopia, apesar de toda a falta de apoio pedagógico e acadêmico. Uma dose de paciência e persistência será necessária para o alcance desse grande objetivo. Inúmeras discussões a respeito de uma educação formadora do cidadão foram feitas ao longo do tempo na busca de uma forma que traga uma revolução na educação.

A educação nos dias atuais está subordinada a uma política de desvalorização ético-pedagógica, em detrimento de uma educação subordinada a um pensamento universal de bases capitais, políticas e industriais. Uma educação ética, que busque uma reflexão da vida em sociedade e de uma educação justa e igualitária, é o que se espera para a construção e realização do sonho educacional autônomo e livre das amarras do Estado. A ética tem que ser um objeto de relação

não apenas para a educação, mas que esteja presente também na vida familiar e trabalhista, para só assim alcançarmos uma educação cidadã.

Uma militância contra o Estado deve existir para podermos dar início a esse processo educador. Paulo Freire sempre nos advertiu sobre a importância de uma educação libertadora e emancipatória para a formação do homem. O Estado, por sofrer também influências políticas externas, acaba cedendo a leis e regras universais, acabando com sua própria cultura local e construindo currículos sistemáticos e lineadores que tanto dificultam a educação cidadã. Não lutar contra o Estado e suas vontades alheias é estar ao seu bel prazer e à sua vontade deliberada. É estar subordinado às suas ideologias e vontades.

A crítica ao Estado e as lutas contra todas as formas de domínio Estatal devem existir para que se possam garantir todos os nossos direitos e garantias fundamentais. O Estado deve cumprir com suas obrigações, porém muitas vezes isso não é o suficiente para se chegar a um estado pleno e a uma educação de qualidade. Por isso o educar para a cidadania é, sem dúvida, uma arma contra toda desigualdade social e contra a falta de ação do Estado. O Estado é sempre representado por pessoas que estão no poder e essas, por vezes, se alternam, trazendo consigo seus ideais particulares e crenças políticas, éticas e filosóficas. Estar a mercê desses representantes é estar à deriva em um mar, que por vezes vai para um lado e em outras nos levam para o outro. No que diz respeito à luta contra o Estado, me refiro a um sentimento emancipatório capaz de quebrar as regras políticas e educacionais vigentes. Uma luta que seja capaz de modificar o quadro atual da educação e quebrar os paradigmas contemporâneos. A luta aqui é sinônimo de uma ação em prol da educação.

A vigilância deve ser constante e contínua. Como educadores, temos muito que fazer não apenas pela educação, mas também por nós mesmos, já que somos os principais responsáveis pela vida que vivemos. Adequar a vida pública e os pensamentos do Estado à nossa vida e ao nosso pensar é o grande desafio e talvez a única saída para toda essa falta de equilíbrio educacional e político.

A cultura e toda a sua diversidade é algo que deve ter total atenção do Estado por tratar-se diretamente das vidas das pessoas e das suas formas de enxergar o mundo à sua volta. O Estado deve equalizar bem esse ponto para que possa manter

uma total harmonia entre todos os membros que constituem essa sociedade. Nenhuma arte é casual, nenhuma forma de expressão pode ser desprezada; a valorização individual de cada parte da sociedade e suas maneiras e formas de manifestações devem ser respeitadas e valorizadas por aqueles que estiverem à frente da máquina pública. Mais à frente será mostrada a importância de se obter um diálogo claro e justo entre os diversos setores do Estado e trataremos do quanto o diálogo ajudará a equalizar esses diversos setores que compõem a sociedade.

Um olhar crítico sobre tudo que acontece na sociedade é de grande importância para a construção de um mundo melhor. A educação servirá como bússola para o homem caminhar por estradas mais seguras. A leitura, as teorias educacionais trarão para todo ser uma prática necessária para a realização e estruturação de uma educação de qualidade.

A educação é construída de forma diária e contínua, não pode ser vista como algo pronto e acabado, nem tampouco algo mágico. Ela é feita de forma lenta e construída no alicerce feito pelo próprio homem em seu caminhar, ou seja, enquanto o homem caminha e atravessa seu deserto, ele encontra na sua experiência a saída e vai adquirindo potencial. As palavras que poderiam descrever corretamente essa experiência humana é que a educação é um processo que nunca para, não tem prazo de validade e é sempre potente.

Ocorre uma pulsação entre o jogo de forças que constitui a sociedade e o jogo de forças que concretizam na educação, de tal modo que, de um lado, a forma desta se organizar reflete e reproduz integralmente a forma de estruturação da sociedade; mas, de outro lado, o processo de atuação especificamente educacional pode ter efeitos desestruturadores sobre a sociedade, sendo então fator de mudança social (SEVERINO, 1994, p. 71).

Há tempos que a educação vem sendo uma prática mais que social, mas também uma atividade histórica cheia de concretude e significações, na qual toda essa pulsação é responsável pela criação do mundo em que o homem se encontra e caminha. É nessa pulsação de ida e volta, de entrada e saída na sociedade, que o homem vai se educando e se relacionando com o próximo, trazendo à tona toda a gênese social necessária para a construção desse processo humano-social.

Se a educação pode ser vista como uma prática política, ou se realmente é, vai depender do ponto de vista em que ela é colocada ou de como o homem está inserido na sociedade. A prática diária exercida pelo homem dentro de um contexto social faz com que a política seja sim uma forma da educação ser aplicada nessa mesma relação, pois a pedagogia e seus mecanismos procuram meios para que o homem possa se expressar e se educar da melhor maneira e, sendo assim, a política pode facilmente ser constituída como uma forma totalizadora das vivências do homem dentro de uma determinada sociedade.

Anteriormente foi falado sobre as políticas públicas que agem diretamente nas políticas educacionais e estas, por fim, são influenciadas por pensamentos universais que muitas vezes ferem uma cultura local, em que pensamentos oriundos de um coletivo acabam por determinar a educação diretamente. Nesta ótica, a escola pode ser vista como uma instituição social, onde a relação existente entre ela e as formas de educação que irão ser trabalhadas serão determinadas por algumas formas de políticas educacionais.

A escola é uma instituição educativa, esforça-se por colocar em ação os meios mais eficazes para alcançar as finalidades educativas perseguidas pela sociedade. Transmite às crianças modelos explicitados e estilizados de comportamentos, isto é, modelos mais puros, mais esquematizados do que aqueles que as crianças adquirem através do contato social [...] (CHARLOT, 1973).

A educação, a sociedade e o homem são elementos presentes na atual política global. Como sabemos, essa política global é, em muitas das vezes, e pode-se dizer em sua maioria, subordinada a pensamentos com bases capitais. Logo, toda a estrutura educacional também estará sujeita a todas as normas do pensar político-capital. O professor, diante desse universo de idealismo global em que o que prevalece não são as ideias da educação para a educação, mas um conjunto de outros interesses, perde boa parte da compreensão de seu próprio trabalho docente e isso não é uma coisa muito difícil de acontecer; a escola, antes seu abrigo e local seguro, agora passa a ser mais um campo de disputas políticas.

Entendemos a educação como sendo algo feito e criado pelo próprio homem em suas faculdades. A educação se dará e existirá quando pessoas estiverem

dispostas para tal criação. A manifestação social dessa forma de pensamento cria o pensar coletivo, em que todos buscam uma relação capaz de construir uma educação de qualidade, na qual essa forma de pensar torna-se um dos pilares da sociedade. Todo ser humano necessitado de determinadas coisas, precisa e depende de uma série de fatores que têm uma ligação direta com suas próprias necessidades, e as relações acabam sendo um grande apoio para o homem em suas criações e realizações.

4 DIÁLOGO NA EDUCAÇÃO: UMA POSSIBILIDADE FORMATIVA

Este capítulo trata da relação entre o primeiro capítulo e o segundo, tentando mostrar um pouco de cada um, traçando um panorama pedagógico e dialógico entre ambos e mostrando a importância que cada um possui dentro desse universo educacional e suas possíveis relações. Como se sabe, o primeiro capítulo trata do Diálogo em Martin Buber, seus pensamentos e crenças, e o segundo mostra uma pequena parte do que é a educação e alguns fatores que interferem em seu funcionamento. Não existe aqui uma relação hierárquica entre as partes envolvidas: tanto a relação Dialógica de Buber quanto a pedagógica de Freire são importantes para todo esse processo educacional, porém a visão dialógica Buberiana, que é tratada nesse trabalho em sua maioria, nos apresenta uma formação educacional de abertura e respeito, importante para qualquer relação. Já o terceiro capítulo fala de uma possibilidade formativa em todo esse processo educacional e relacional.

Este capítulo apenas quer mostrar um pouco do que é o Diálogo em relação a Martin Buber e o que vem a ser a educação: antiga, moderna ou contemporânea. Só a partir de então, ciente do conteúdo das partes, será possível pensar em uma relação entre as mesmas, ou como uma poderia complementar a outra. O diálogo chega aqui como uma práxis na qual todo o aprendizado adquirido será colocado em uso no cotidiano do ser e também um sentimento criacional das relações humanas. Uma disposição entre as partes que fazem parte do encontro.

No primeiro capítulo, foi mostrado o quanto o diálogo é importante para a vida de uma pessoa, já que o mesmo faz parte da forma de ver o mundo de Martin Buber. O diálogo para Buber é muito mais do que um preceito acadêmico, uma escrita filosófica ou publicação literária, mas é sua própria vida, é a maneira como ele enxerga o mundo à sua volta e como ele convive consigo mesmo.

Martin Buber fez de sua própria vida o seu Diálogo, viveu o que escreveu, por isso acredita-se que o seu diálogo possa ser algo que venha a somar e muito com a educação em todas as suas formas, sejam elas acadêmicas ou não. Como é visto, ao longo do tempo a educação vem sofrendo diversas interferências em sua estrutura e formação e vem sendo alvo de políticas públicas capitalistas e elitistas, cada vez mais sendo colocada em um recipiente chamado currículo, cada vez mais

materializada e institucionalizada, destruindo particularidades importantes para sua formação e desempenho.

O que se quer fazer aqui é tentar mostrar o quanto o diálogo pode ser importante para quebrar ou auxiliar a educação em sua luta diária pela sua própria sobrevivência e autonomia. Pelo fato do diálogo de Buber ser algo vivido por ele e experimentado em seu próprio cotidiano, uma espécie de práxis particular, é possível ver o quanto esse diálogo pode ser de grande importância para a educação. Durante sua vida, Buber experimentou diversos problemas, sejam eles pessoais ou acadêmicos, mas o que será mostrado é que ambos trouxeram-lhe o auxílio da experiência vivida.

O diálogo Buberiano o acompanhou durante todo o seu percurso, desde criança até a sua maioridade. Todas as experiências traumáticas vividas por conta da separação dos seus pais até a guerra só o fez ver cada vez mais o quanto as pessoas precisam de algo que possam aproximá-las e servir de uma interpretação para suas maneiras e formas diferentes de ver o mundo. Como já falado, a educação vem apresentando, ao longo do tempo, diversas formas de interpretações e pode ser vista em um momento como ciência, e em outro não. O mais importante é que o diálogo possa se apresentar diante dessas diferenças não como mediador, mas como algo que acontece sem pretensão de ajudar, e que acaba por trazer a luz para muitos problemas.

[...] assumo para com ele um comportamento, que não o considere e não o trate como seu objeto, mas como seu parceiro num acontecimento da vida, mesmo que seja apenas uma luta de boxe. Fator decisivo de não-ser-objeto (BUBER, 1979, p.137).

Como se sabe, o diálogo acontece de forma simples e espontânea, sem pretensões e hierarquias. Uma espécie de diálogo genuíno é quando ambas as partes se encontram em uma abertura e sem nenhum compromisso firmado, apenas a presença e o respeito, dessa forma, a abertura acontece e a criação se torna possível. É com esse espírito que é necessário que a educação se constitua, com respeito mútuo entre todas as partes: professor e aluno, instituições e Estado e entre os próprios professores. Da mesma forma que Martin Buber pode fazer do diálogo a

sua experiência de vida, também acredita-se que os educadores com esse pensamento pedagógico e espiritual, auxiliados pelo dialógico, possam agir e viver de formas mais genuínas.

A criação de um ambiente saudável para as interações é de grande importância para um pleno convívio entre todos. A educação, em todas as suas ramificações e singularidades, busca respeito e autonomia para praticar suas atividades educacionais e acadêmicas. Surge a partir disso a grande necessidade de uma reflexão sobre a vida, as coisas e sobre si mesmo. A velha máxima socrática que diz para “conhecer a si mesmo” vale muito aqui. O indivíduo que se conhece diante de todas as suas limitações e fraquezas e em todos os seus acertos e suas vitórias, poderá de forma mais fácil observar o outro em todas as suas particularidades.

O terceiro capítulo tenta mostrar isso: o quanto é importante o conhecer da vida e de tudo o que nos rodeia, mas também de nos conhecermos e nos respeitarmos como seres humanos individuais e ao mesmo tempo coletivos. O diálogo é tão importante quanto a educação, e ambos têm sua própria expressão e vida. Com uma plena capacidade de compreensão do universo, podemos sim ter uma educação mais humana e justa. Não há um paralelo aqui sobre essas partes nem nenhuma confrontação, apenas uma pequena observação dessas partes em seus mundos.

O terceiro capítulo traz também o que foi falado sobre o segundo, que a educação pode modificar a sociedade e o próprio indivíduo. Sabe-se que a educação e a sociedade não podem ser vistas de formas diferentes e separadas, pois vivemos em conjunto e, dessa forma, somos seres sociais e a educação também faz parte de nossas vidas. Porém, pontos devem ser observados diante desse conjunto, pois a educação vem sofrendo, ao longo do tempo, modificações e influências de diversas áreas. A sociedade também vem se modificando e se adequando a essas novas regras.

Diante de todas essas modificações sociais, chegar ao ponto é importante para se manter um certo equilíbrio entre todas as pessoas que fazem parte dessa mesma sociedade, é aqui que a educação e o diálogo poderão servir de alicerce para uma sociedade justa e equilibrada, livre de injustiças e opressão. A educação é

capaz de formar uma grande sociedade, ela tem o poder de construir um ambiente favorável para todos que nela se encontram, aparando arestas existentes e equalizando conflitos individuais e coletivos.

Da mesma forma que a educação social tem o poder de transformação entre os seres envolvidos, o diálogo Buberiano também traz uma forma filosófica e reflexiva sobre os problemas existenciais de todos que pertencem a um grupo, pois as suas vivências, a partir da separação dos seus pais, lhe trouxeram experiência em relação ao convívio entre duas partes. Da mesma forma, todos os horrores da guerra lhe fizeram perceber o que é necessário para que tais coisas não aconteçam; que todos os homens possam ter em sua consciência que o outro é tão importante quanto nós.

Mortes e destruição, elementos presentes em toda guerra, não são muito diferentes de conflitos existentes em uma sociedade injusta. Essa é a questão dialógica que Buber tentou nos mostrar e nos alertar, que quando não há entendimento entre as pessoas, quando não existe nenhuma possibilidade de acordo e conversas entre as partes, catástrofes e guerras acontecem, mostrando o quanto somos vulneráveis à falta de silêncio e reflexão, e o quanto somos frágeis para dialogarmos uns com os outros.

Dura e triste foi sua infância – traumática para uma criança –, entretanto todas essas coisas lhe trouxeram a plena capacidade de observação. Essa observação foi capaz de trazer a reflexão sobre o quanto o diálogo é importante para a manutenção e criação de um ambiente familiar e feliz. Martin Buber, apesar de todas as infelicidades e frustrações vividas ao longo de sua vida, pôde perceber que somente uma educação verdadeira e séria pode trazer não apenas a paz entre as pessoas, mas a convicção de que todos nós somos seres humanos.

Outro ponto abordado no segundo capítulo diz respeito a um grande pensador e educador brasileiro, o pernambucano Paulo Freire. Ele fala sobre sua pedagogia e sua forma própria de educação. Freire escreveu diversos livros, entre eles *A Pedagogia do Oprimido*, que relata aspectos sobre a educação, problemas sociais, políticos, entre outros. Freire tem em sua pedagogia um diálogo voltado para o menor e o oprimido, para todos aqueles que necessitam de ajuda.

Paulo Freire nos adverte sobre a necessidade de se manter um diálogo para aqueles que foram esquecidos pela sociedade e esse mesmo diálogo acaba sendo uma expressão do próprio indivíduo. Freire fala da capacidade que todos nós temos de interagir uns com os outros e de quanto isso é importante para a nossa vida em sociedade. Paulo Freire viveu muito tempo com populações ribeirinhas e povos afastados da civilização contemporânea, dessa forma ele pôde ver de perto o quanto essas pessoas precisavam de ajuda e o quanto o sistema educacional vigente era omissivo com seus problemas.

(...) foi aí que Paulo Freire aprendeu a dialogar com a classe trabalhadora, a compreender a sua forma de apreender o mundo, através de sua linguagem. Foi aí, aprendendo na prática, que se tornou um educador (FREIRE, 1989, p. 24).

Esse olhar de Paulo Freire em relação a todas as pessoas que estavam à margem da sociedade o fez perceber que era necessária a criação de uma forma própria de educar essas pessoas e o quanto um modelo pedagógico voltado para suas necessidades era importante para educá-las de forma precisa e verdadeira. Uma espécie de práxis na qual dia após dia ele poderia não apenas enxergar seus problemas, mas também resolvê-los. Freire fez algo parecido com o que Martin Buber fez no passado (apesar de seus diálogos serem diferentes). Fez do mundo sua sala de aula, do chão e da lama componentes educacionais capazes de educar.

Paulo Freire e Martin Buber usaram o diálogo como forma de expressar suas experiências de vida (um de forma mais prática e outro de forma mais subjetiva) e foram capazes de transformar todas as suas experiências em uma pedagogia própria e iluminadora. Tornaram o diálogo algo capaz de aproximar as pessoas, quebrar as barreiras culturais e transformá-las em uma única. O diálogo tem a capacidade de transformar o homem, pois traz em sua essência elementos causadores de transformação e mudança.

3.1 O DIÁLOGO E A EDUCAÇÃO COMO CONSCIÊNCIA DA REALIDADE

A educação tem a plena capacidade de trazer ao homem o verdadeiro sentido da vida, como também o da sua própria existência, de modo que o ser humano, ciente da sua existência e potencialidade, pode conscientemente enxergar tudo ao seu redor, projetando uma nova realidade para sua vida cotidiana, buscando o que antes parecia impossível – pela falta de discernimento e capacidade cognitiva – para perceber todo o mundo a sua volta. Para a criação de uma verdadeira educação, se faz necessária também a criação de uma nova vida e consciência, pois só assim uma nova realidade poderá ser idealizada, formada e realizada.

Todo o mundo que está em torno do homem deve ser compreendido como sua própria extensão, pois é de suma importância que o ser humano tenha o poder de percepção das coisas que estão ao seu redor; que ele possa ter a sensibilidade de se envolver com o mundo para poder fazer parte dele. Educação e mundo podem ser um só. Cabe ao homem o poder de olhar e ver o que está à sua frente, perceber as coisas e sentir o próprio universo. Agora o grande desafio para o ser humano é encontrar o melhor caminho para entender o mundo e o melhor elo entre o mundo e o homem.

O diálogo pode ser um dos caminhos que tem a capacidade de ligar o homem ao mundo e tem o poder de fazer o ser humano se comunicar com tudo o que está ao seu redor. Como o diálogo não se dá apenas em palavras, mas em atitudes, sentimentos, respeito e amor, da mesma forma poderá trazer vida e interação entre o ser e todos os elementos que constituem sua existência nesse mundo. Uma educação de qualidade precisará de uma forma clara de comunicação entre todos os seres que estão envolvidos nesse processo entre mundo e homem e a linguagem, por sua vez, tem uma capacidade dialógica que é imprescindível ao homem nesse mundo.

Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará (FREIRE, 2005, p.34).

Quando o homem adquire plena consciência do que está à sua volta ele começa a ficar conectado com o mundo, percebendo a realidade e o momento

presente. Assim, ele não mais está flutuando no espaço sem sentido, nem tampouco sem sentir a vida, mas interagindo, antes de tudo, em sua própria vida, sendo o autor de sua história. Isso porque a consciência de si mesmo também traz diretamente a percepção do mundo. Diálogo e educação, consciência e realidade são os elementos que poderão trazer vida e realizações para a educação, transformando e unindo em uma só coisa educações antes distintas. Em outras palavras, poderemos ter uma educação pedagógica e uma educação dialógica como sendo uma, porque é isto que faz a consciência de si mesmo e de tudo que está ao nosso redor: unir o que, antes, estava separado.

Como existem várias concepções de educação, aqui, especificamente, aborda-se uma visão de educação voltada para a construção da humanidade e das superações dos seres humanos em seus problemas e aflições, como também todo desenvolvimento cultural que está a sua volta. Com isso, a educação tem a plena capacidade de modificar o homem e tudo que está à sua volta, trazendo-lhe sentido das coisas e de sua própria vida. As práticas educativas podem interferir diretamente na construção do homem, quebrando modelos pré-definidos que mais têm o poder de escravizar do que de educar.

Modelos pré-definidos de educação são um grande problema para o homem pelo fato de impossibilitar o exercício de todo o seu poder de criação e de observação sobre o mundo. Delimitam o que o homem tem que fazer ou deixar de fazer, diminuem sua capacidade subjetiva, como também criam uma penumbra sobre suas reflexões e abstrações, não lhe dando possibilidade de ter uma consciência clara da sua realidade. Nesse caso, uma prática de educação com essência dialógica traz ao ser o poder de percepção. Quando unimos uma capacidade reflexiva sobre nós mesmos e os outros, com toda a interação e ajuda mútua, mostrando respeito e alteridade, criamos uma grande educação.

O diálogo pode ser apresentado como o caminho próprio da filosofia, isto é, a filosofia é criada também pela capacidade dialógica. Isso é notado com mais facilidade quando vemos o grande Sócrates perguntar a si mesmo sobre as coisas por meio do diálogo e como procurava o conhecimento do mundo em relação à sabedoria e à ignorância. O diálogo sempre busca o conhecimento de algo, quer que todos aqueles que estão envolvidos possam alcançar o saber. A grande questão

aqui é como esse diálogo será conduzido e qual o nível de respeito e comprometimento para sua realização.

Todo processo de ensino e aprendizagem possibilita escolhas, cabendo ao educador e ao educando escolher todas aquelas que possam levá-los em direção ao autoconhecimento e ao conhecimento humano. O diálogo nessa perspectiva educacional nunca poderá levar à dominação de um ser sobre o outro, a articulação aqui é só para entender melhor o sentido da vida, a vivência em sociedade e fazer do aprender e ensinar uma só coisa. O mundo nessa visão é uma grande escola, tendo em vista que Martin Buber pode aprender mais sobre ela por meio dos anos e de suas experiências do que na escola; assim também, todos têm condições de fazer de suas experiências uma aprendizagem própria.

O diálogo traz também em si um caráter filosófico, ou seja, tem em sua essência o poder de questionar as coisas, refletir sobre os acontecimentos e observar o outro e tudo à sua volta. Dessa mesma forma, o diálogo, como parte construtora da educação, pode facilmente contribuir para sua formação, pois a educação pedagógica pode ser modificada para uma educação dialógica e, dessa forma, poderá trazer uma maior soma para todos os seres que se comprometeram nesse encontro. Educar é também se abrir, falar e pensar, assim, quando aplicamos o diálogo na educação estamos também vivendo o momento com o outro, com presença e mutualidade. A alteridade aqui é de importância grandiosa porque terá a plena capacidade de nivelar pessoas e quebrar hierarquias existentes nesse sistema. Como sabemos, muitas são as interferências políticas que a educação sofre, e tendo em mãos mais um elemento como a alteridade, talvez possamos minimizar ainda mais os problemas existentes e aparar as arestas das desigualdades.

O diálogo sempre pede aos seus interlocutores disposição para sua concretude, consciência e plena capacidade subjetiva para o julgamento correto das coisas. Não há espaços para julgamentos pré-estabelecidos e convicções idealizadoras, o que há é uma quebra de tudo isso, uma abertura necessária e despretensiosa, destruindo toda forma de agir, juízos de valor e conceitos prontos. O diálogo não pode ser, de forma alguma, algo pronto e acabado, mas sim algo suspenso no ar do movimento, no pulsar da consciência e no calor da aproximação.

O importante no diálogo não pode ser a pergunta, nem tampouco a resposta, mas o pensamento e a reflexão sobre a pergunta é o mais importante. Com isso o respeito deve estar presente nesse momento, trazendo pra si a consciência para tal encontro. Quando a aproximação de um com o outro vem desprovida de resultados e perspectivas, quando ambos se encontram pelo simples fato de quererem estar juntos, a educação dialógica começa a existir, e a improvisação começa a aparecer, pois ambos não sabem bem o que querem ao certo, mas sabem que querem estar juntos naquele momento e presentes não só de corpo, mas também de alma consciente. Esperar o inesperado, falar o que ainda não se sabe, e sentir algo ainda não vivido ou retirado pela distância do outro é o que faz o diálogo quando é verdadeiro. Assim, querer estar presente é de grande importância para a construção do diálogo.

Toda educação implica responsabilidade, e ser responsável na relação dialógica é estar presente e sentir o momento, puxar para si a direção, estar ciente da sua parte e fazê-la de forma perfeita, apropriando-se dos sentidos das coisas e do mundo, tornando, desse modo, consciente o inconsciente. O diálogo é sempre uma necessidade humana. Muito anteriormente, Aristóteles já falava sobre o quanto é importante o exercício do diálogo e a interação humana, chegando a afirmar que o homem só será homem no pleno exercício do falar, e vai mais longe dizendo que a partir do momento que o mesmo deixar de se comunicar, também deixa a condição de ser humano. Toda a construção se faz pelo diálogo, o mundo e a sociedade necessitam desse elemento, isso porque a relação e o confronto com o outro traz em sua gênese a construção do mundo.

O diálogo é constituído por pessoas reais e verdadeiras, e tem sentido e vida própria. É algo como se o homem se potencializasse a partir do encontro com o outro e também através de sua relação com o mesmo. A relação dialógica não pode existir sozinha, não pode ser construída através do nada, somente existirá quando forjada no fogo do encontro e nas contradições das ideias e saberes. O diálogo é subjetividade e reflexão, prática e teoria, vivência do mundo e da vida. Além disso, o diálogo também é encontro, interação, práticas educativas e um olhar sobre o outro capaz de transformar o mundo e trazer vida às coisas. Quando isso não acontece ocorre o antidiálogo, ou seja, a quebra de toda relação e a separação dos homens entre si, como também um desequilíbrio na relação.

É acrítico, e não gera criticidade. Exatamente porque desamoroso. Não é humilde. É desesperançoso. Arrogante. Auto-suficiente. No antidiálogo quebra-se aquela relação de simpatia entre seus polos que caracteriza o diálogo (FREIRE, 2005, p.116).

A busca por uma educação que possa transcender os limites da ingenuidade e que possa, ao mesmo tempo, alcançar um pensamento crítico perante todas as coisas existentes na sociedade é um dos caminhos para se alcançar uma boa educação. O educador desempenha um grande papel no meio, sua ajuda é de grande valor para todos os aspectos educacionais, porém temos que estar atentos para todas as influências que essa mesma sociedade exerce nesse educador, pois essa influência poderá determinar a sua visão e o seu agir perante o educando e, dessa forma, poderá destruir os aspectos fundamentais da educação.

Um grande educar deve, além de superar as influências que a sociedade e a cultura lhe impõem, fazer que o seu educando possa sair das armadilhas das ingenuidades, abrindo-lhe os olhos para a realidade das coisas. Como dito, o diálogo tem esse poder transitório de mudança e criação crítica do ser, já que ele tem o poder de gerar além da reciprocidade, o amor e a fé um no outro. O diálogo é, pois, além de tudo, também uma fonte de comunicação e vida.

O diálogo também pode ser visto como fenômeno humano. Dessa forma, ele nos apresenta um meio de ação e de reflexão necessária para a sua efetivação, e isso é feito pela práxis, em que toda a palavra tem o pleno poder de transformação universal. A palavra aqui é o elemento capaz de modificar as coisas e trazer vida às outras. Quando exercitamos nossa capacidade reflexiva e agimos, estamos criando nosso mundo e as coisas ao nosso redor. A transformação do mundo começa em nós. Quando transformamos a nós mesmos, com nossa subjetividade e ação, estamos tirando algo de um lugar e colocando em outro. Criamos nosso universo com nossas ações e pensamentos, assim, dialogar é também ação e reflexão.

Agora, se ao invés da ação e da reflexão, tão necessárias para a compreensão do mundo e das coisas, fossem usadas palavras sem importância e sem objetividade, e fosse esgotada toda a reflexão e esquecida toda a ação, sacrificando todo processo criatório e humano, bem como fazendo da palavra

apenas mero vocabulário jogado ao vento, teríamos nesse caso um completo descaso com o mundo e sua formação. Todas as palavras se tornam vazias se não pronunciadas com uma reflexão prévia e se aplicadas sem uma ação justa e verdadeira. Se não existe um compromisso com a palavra dita e se não houver uma aliança com a práxis verdadeira, pode-se destruir o diálogo.

Martin Buber acredita plenamente que toda relação tem a capacidade de aproximar as pessoas. Acredita também que o processo de dialogação é, além de tudo, um processo de humanização, que o diálogo é muito mais do que uma maneira de comunicação entre duas ou mais pessoas; sendo assim, uma forma de conhecer melhor um ao outro e de demonstrar respeito e carinho mútuo. Quando estamos em um diálogo aberto e respeitoso um para com o outro, ali estamos exercitando nossas formas de ser, de estar e de viver. Dessa maneira, a humanização também é dialogação.

Como anteriormente falamos um pouco sobre o pensar e dialogar de Paulo Freire, já se sabe que, para ele, o processo de humanização do homem é toda mudança ou transformação que este pode fazer em relação a si mesmo, a capacidade que ele tem de transformar um indivíduo (objeto) para um sujeito. Freire diz que o homem quando consegue modificar a si mesmo e o outro, transformando a objetivação em uma humanização, ele consegue também criar uma abertura para um diálogo e cria também, com isso, condições para uma sociedade mais justa. Logo, Freire acredita que o diálogo é interação.

Martin Buber quando se refere a todo esse processo de humanização, nos traz uma visão um pouco diferente em relação a Freire, pois o mesmo relata que o próprio ser humano pode ser o criador de sua vida, ou seja, que ele mesmo é responsável por criar sua história de vida sozinho, seja ela em uma vida pública e social, em que ele se relaciona com todos dessa mesma sociedade, ou uma criação de vida estritamente política. Quando Paulo Freire fala sobre seu processo de humanização em relação ao diálogo, ele também fala sobre o caminho que temos que percorrer para alcançar tal objetivo dialógico, que é a transformação do outro em ser e a destruição do objeto.

Em relação ao caminho traçado por Paulo Freire, sabemos que é um caminho difícil de percorrer, mas necessário para a destruição do objeto, e a criação do

homem; porém o caminho original que ele tanto fala pelo qual os homens necessitam percorrer, é o caminho que todos mais se afastam. Uma série de questões políticas e sociais acabam se envolvendo e desvinculando o homem desse caminho. Também, todas as opressões que estão presente em nossa sociedade acabam por minimizar esse processo, transformado e mudando a rota.

Martin Buber, em relação a todo esse processo de humanização e dialogação, enxerga no sujeito uma unidade e, ao mesmo tempo, uma totalidade, em que a tal mudança do homem em sujeito e a tão esperada quebra do objeto só poderão ocorrer nas relações e no diálogo. Para Buber, só as relações dialógicas têm o poder de transformar o objeto em sujeito, só o ato de dialogar uns com os outros é que pode construir o homem em todas as suas particularidades. Martin Buber afirma que o homem já tem plenos poderes de se relacionar uns com os outros, que em sua essência já possui condição de sujeito e pode sim manter um diálogo diário e constante com todos ao seu redor. E completa em relação ao encontro, pois “Por meio do espírito humano e do ato humano, com a vida do homem e com a morte do homem ele crê, disse eu, o que equivale dizer: ele se oferece ao encontro” (BUBER, 1979, p.70).

O mundo, a vida em sociedade fora da realidade humana, e a própria história do Ser podem ser modificados pelos seus caminhos tortuosos, que além de trazer sofrimentos, também trazem experiências e alegrias. O perder da essência dialógica, no que se refere à destruição da capacidade relacional pelo próprio homem, quando se distancia do diálogo e do outro, materializa-o e o transforma em objeto, acabando com toda a sua forma humana de ser. O sujeito deixa de existir à medida que o homem se distancia de sua capacidade dialógica, e o objeto começa a ganhar força e poder na mesma proporção que o sujeito se destrói. Com isso, a relação EU-TU não mais existe, e a relação EU-ISSO começa a ter o espaço necessário para a morte do ser e do homem, ou seja, o EU-ISSO ocupa o lugar na relação.

As ações do homem são de grande importância para a criação do diálogo ou destruição do mesmo. A forma como o homem procede e age faz toda a diferença em relação à quebra do objeto e a formação do sujeito, pensamentos e ações políticas, junto a ideologias, acabam tirando o homem do caminho dialógico e formador de sujeitos. A forma que o homem está inserido na sociedade, seu

comportamento e sua visão, aproxima-o ou o distancia do melhor caminho, pois toda ação vai trazer diretamente uma maneira de viver e estar na sociedade. Para Buber, a reflexão acerca das ações e vida é uma grande maneira para não se distanciar da vida dialógica.

O homem deve ter em si uma visão de mundo, e em termos dialógicos temos que ter uma reflexão clara sobre eles, além de uma visão sobre o que seja um mundo verdadeiro. Aquele que tem ideologias e políticas quebradas por um processo de humanização e de valorização do outro, sabe agir de uma melhor maneira. O mundo real, para Buber, é aquele no qual o homem seja capaz de viver uma vida substancial, cuja realidade seja pautada na verdade e na coerência entre o mundo e suas ações. A visão de mundo real só poderá ser alcançada pelo homem que esteja disposto a fazer parte da verdade, longe das ações inconsequentes e impensáveis do agir humano.

Problemas e crises na política vigente sempre trouxeram divergências de pensamentos e ações. Martin Buber, como tantos outros, passou por esse tipo de problema, porém o mesmo não se deixou influenciar e continuou com sua visão de mundo e com seu processo dialógico humanizador. Para Martin Buber, todos os problemas sociais e políticos não podem estar acima da forma em que vivemos e experimentamos o diálogo, pois a vivência que o homem tem em sua vida e todas as suas experiências servem de base para a formação de um diálogo verdadeiro e de aceitação do outro como sujeito.

Para Martin Buber, a vida em si mesma já é uma escola. Nesse sentido, todas as suas experiências do pós-guerra, como também a separação traumática dos seus pais, trouxeram-lhe uma fonte de visão em relação à vida grandiosa, proporcionando-lhe uma experimentação do outro em sua plenitude. Por isso ele mesmo afirma que não se pode deixar os acontecimentos externos, sejam eles políticos ou não, influenciarem nossa visão de mundo e de vida, tampouco deixar que qualquer revolução política ou social, econômica ou educacional transforme e materialize o diálogo em coisa.

O diálogo também pode, pelo seu poder transformador, ajustar uma sociedade desequilibrada nos aspectos sociais e políticos, transformando-a em uma sociedade mais equilibrada e justa. Ao longo da vida de Martin Buber, muitos foram

os acontecimentos que marcaram e forjaram o seu diálogo, porém ele se manteve firme em relação ao seu conceito e conteúdo dialógico. O diálogo e a educação fazem parte dessa história contada por Buber, ou seja, o diálogo é também educação, em que a educação deve ser a todo tempo orientada pelo processo dialógico.

Enquanto vários autores falam que a relação deve ser recíproca nos processos pedagógicos, Buber afirma que a relação pedagógica não pode ser medida pela reciprocidade, pois para ele a maior parcela de responsabilidade está por conta do educar, visto que o educar é que deve tomar a frente nesse processo e levar ao caminho mais fácil e seguro, educando o homem, transformando-o e ensinando-o diante de uma sociedade politicamente divergente. Claro que todo o processo educacional durante algum tempo apresenta algumas mudanças; nesse caso, se o educando aprender de forma similar ao educar, toda a ecologia também muda e, nesse caso, o processo pedagógico acaba transformando-se em um processo dialógico.

De modo geral, para Martin Buber, a educação não é reciprocidade. Para ele, o processo de educação coloca nas mãos do educador uma maior parcela de responsabilidade, posicionando o educando em um lugar mais de aprendizagem. Contudo, como dito antes, todo processo educacional implica mudanças ao longo de seu caminho, e a natureza das coisas podem sim ocuparem outros lugares e seguirem outros caminhos, nivelando o educador e o educando, dificultando essa mudança entre a relação pedagógica e a dialógica. O que Buber quer aqui é a plena transformação das relações, ou seja, o crescimento nos processos educacionais é o grande objetivo. As relações educacionais devem, na sua visão, transformarem-se em relações dialógicas, já que as “[...] coisas comuns da vida cotidiana, [vão] levá-lo a descobrir as exigências de cada momento e enfrentar a realidade que o cerca” (ZUBEN, 1985, p.2).

Podemos ver uma diferenciação nesse tipo de processo educativo no que diz respeito ao pensamento de Paulo Freire, pois o mesmo declara que não há nenhum tipo de diferença entre a relação pedagógica e a dialógica, isso porque ele acredita que a verdadeira relação pedagógica já é em si mesma e em sua essência uma relação dialógica. Da mesma forma, Freire afirma que a reciprocidade deve existir na relação, afirma que toda relação educacional que se preze deve conter em sua

formação uma ação recíproca entre todos que a compõe. Toda relação existente entre educador e educando já possui em sua formação e estrutura a gênese da relação dialógica, não precisando de todo o processo estabelecido por Martin Buber entre a relação pedagógica e a relação dialógica.

Para Freire, a própria relação dialógica é uma reciprocidade entre o educador e o educando. Já para Buber, toda relação na educação é unilateral e singular, na qual o caminho não é encontrado através do conjunto e da ajuda para um com o outro, mas sim de uma responsabilidade do educador e um comprometimento e abertura do educando. É o que Martin Buber chama de movimento: o educador vai em direção ao educando. Não se trata de uma didática Freiriana nem de um modelo a ser seguido e praticado, pois, para Buber, o diálogo nunca vai ser uma finalidade nem um conjunto de normas, mas algo de graça e de livre vontade, porque a abertura e o descomprometimento com o que vai acontecer é o que destrói todo método e didática.

A relação verdadeira e educacional deve ser sempre horizontal e humana, na qual ambos (educador e educando) possam caminhar juntos na construção dessa relação dialógica. A pedagogia tem um papel importante nesse processo educacional, porém a mesma deverá ser superada para poder, junto aos envolvidos diretos no processo educacional já citados, encontrar caminho dialógico. O educando será uma parte de grande importância nesse processo pedagógico, porém cabe ao educador a transformação desse processo, porque o mesmo tem capacidades superiores em relação ao educando, pelas suas experiências de mundo e os seus saberes superiores e maiores.

A relação entre educador e educando além de ser uma relação de ensino e aprendizagem, também é uma relação de respeito na qual o educador tem a responsabilidade de levar o conhecimento ao educando, fazendo com que este tenha a plena capacidade de encontrar a si mesmo que, por sua vez, deverá seguir os conselhos e caminhos trilhados pelo seu mestre. Para Buber, a relação educacional não é algo pronto e acabado, ela é incompleta, de modo que só a relação dialógica poderá trazer vida e completude para essa dicotomia educador e educando.

4.2 A Educação e Aquele que Ensina

O que podemos notar nas obras de Martin Buber, apesar delas apresentarem contos, é o aspecto educacional em todas elas. A educação está presente nas relações humanas nas quais Buber acredita e no que o seu Diálogo representa e constitui. O pensamento hassídico está diretamente ligado também com os aspectos educacionais que Buber nos fala, inclusive podemos ver esse aspecto educacional de forma mais clara em alguns trechos de artigos, como o artigo “Elementos do Inter-Humano”.

Martin Buber nos apresenta em sua visão educacional algumas formas que possam agir sobre as pessoas e influenciar de forma direta os homens. Buber nos apresenta uma relação entre um educador e um propagandista, e nos relata as formas que esses dois elementos podem agir e influenciar os outros. O propagandista apresenta uma forma que traz certa dificuldade na realização e concretização do diálogo, pois traz em sua essência certo ar de superioridade diante do outro, quebrando assim toda a relação dialógica.

A realização do Inter-Humano, nesse caso, é de grande importância para a abertura do diálogo e para a realização do conceito de educação buberiano, pois a imposição de um ser sobre o outro acaba por quebrar toda a lógica estabelecida pelo diálogo. Após quebrar essa barreira da imposição e da superioridade, quebramos também todos os aspectos hierárquicos que rodeiam essa espécie de relação, promovendo assim uma total abertura para a realização do encontro. A abertura é um fator de suma importância não apenas para a realização do diálogo, mas também para a efetiva formação da educação.

A influência é um elemento capaz de destruir todo o diálogo, pois ela traz em si uma maneira de imposição de um ser sobre o outro, destituindo a própria pessoa das suas relações. Martin Buber faz um alerta sobre uma relação com bases em imposições as quais determinam esses tipos de relações e envolvimentos como uma propaganda, uma divulgação de algo, e que está muito distante do conceito de relação, já que toda forma de relação que tem bases em uma propaganda é uma relação sem nenhum tipo de interesse com o outro.

A relação com bases em uma troca ou análise apenas busca uma forma de vantagem ou aproveitamento que uma das partes pode ter em relação à outra, não há aqui uma preocupação com a pessoa em si mesma, mas no que ela pode proporcionar e devolver para o outro. E como já colocado, se há uma troca em uma relação, destrói-se toda a possibilidade relacional entre esses seres. O aproveitamento aqui é o mais importante nesse tipo de encontro; o que vale mais é o quanto um pode tirar de vantagem sobre o outro.

Martin Buber vai mais além quando afirma que uma relação com bases em um sistema propagandista é uma relação extremamente individualista, na qual o outro ser não passa de um objeto sem nenhuma importância, e mais, não basta apenas o aproveitamento de suas ideias, não basta o “tiramento” de proveito do outro, mas ainda é buscado pelo propagandista o controle e comando inteiro sobre o outro, uma espécie de fantoche humano que servirá apenas para seu uso e, logo após isso, será descartado como um simples objeto.

O interessante em todo esse sistema de propaganda é que ele cria um sentimento envolvente, ou seja, ele é capaz de trazer à tona uma essência maléfica a tal ponto que nem mesmo o autor de tal sentimento é capaz de percebê-lo muitas das vezes, fazendo-o acreditar que esse tipo de atitude é livre e espontânea, é cheia de vontade própria e liberdade. É, portanto, um sentimento enganador e opressor, e o ser além de ser enganado é também preso a esse sentimento que o escraviza e o engana.

Nesse contexto, em relação a todo o sentimento criado pelo propagandista e todas as armadilhas por ele criadas para enganar o outro, podem ser vistos de forma totalmente contrária ao educador, pois este é alguém que está disposto a uma abertura total, a um compromisso com o ser e toda a criação que essa relação é capaz de criar, já que a atitude e a postura tomada pelo educador vai de encontro com toda essa farsa gerada pela propaganda.

Uma postura educacional traz em si mesma uma abertura dialógica, ou seja, uma atitude voltada para o diálogo entre as duas partes envolvidas da relação, criando, com isso, uma relação verdadeira e genuína, e destruindo de uma vez o individualismo propagandista. Nesse tipo de relação educacional, não existe

imposição ou autoridade, apenas abertura para o encontro desprovido de interesse e malícia; traz consigo somente a gênese da possibilidade da criação, da abertura.

A humanização, o respeito e o amor são elementos presentes quando um dos seres se abre e se coloca na posição de educador, que é sempre aquele cheio de preocupações pelo próximo que se compromete em ajudar e que reflete sobre seus problemas e tenta de alguma forma resolvê-los, sempre de modo cuidadoso com a individualização do mesmo, algo que é de grande importância na relação. Assim, todo educador deve sempre valorizar os aspectos individuais do outro para que se possa criar uma relação singular para cada um e plural no sentido do encontro e da abertura que ambos terão que dar.

Todo professor quer que seu aluno possa expressar suas próprias convicções. Todo professor espera que seu aluno tenha a liberdade de agir como acha melhor e que tome suas atitudes de maneira livre, porque só assim ele poderá exercer e criar de forma natural sua história e caminho. A liberdade aqui é o único caminho a ser percorrido pelo educador e pelo educando para o encontro da verdade, pois à medida que ambos vão se relacionando e se envolvendo, a magia da relação educacional acontece.

Para Martin Buber, uma relação pedagógica é também uma relação dialógica na visão daquele que está educando e tem a responsabilidade de tornar o outro um ser com maiores capacidades reflexivas sobre a vida, o mundo e si mesmo. O educando tem que ter a capacidade de enxergar que há uma relação estreita entre a relação pedagógica e a dialógica. O educador deve estar sempre alerta em relação às atitudes do educando, para só assim mantê-lo e direcioná-lo para o melhor caminho.

Compreender e enxergar as necessidades do educando, buscando percebê-lo de forma reflexiva, é de grande importância para a melhor obtenção da educação. Buscar a essência do educando não é uma tarefa fácil para o educador, porém é de sua responsabilidade fazê-lo, para só assim ter plenas condições de se tornar singular e único no que diz respeito ao ser e à pessoa. O educador é uma espécie de complementar do educando, alguém capaz de ajustar suas falhas e corrigir seus erros.

O educador é um eterno socrático. É aquele que, através de uma maiêutica, conduzirá o educando para a verdade e para o seu caminho, tornando-o cada vez mais a melhor versão de si mesmo. Mesmo com toda a falta de discernimento por arte do educando e de toda a falta de reciprocidade criada pela relação pedagógica, ainda assim é de grande importância para ele que o educar possa guiá-lo pelo melhor caminho. Talvez, um sentimento de alteridade deva ser criado para que possa existir uma relação entre os dois de forma verdadeira. Aqui mostra-se a importância de se manter uma as características do outro, e a importância de conduzi-lo pelo melhor caminho. Pois, para Freire (1998), “O diálogo tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro” (p.118).

A falta de compreensão por parte do educando traz em si um problema para a própria educação pelas inúmeras dificuldades criadas, porém o educador deverá sobrepor essa barreira pedagógica e encontrar a melhor solução para essas dualidades: educador e educando, relação pedagógica e relação dialógica. Esse caminho pedagógico único e inseguro, que irá percorrer o educando, deverá, mais tarde, com a ajuda do educador, transformar-se em um caminho duplo e seguro cheio de por quês e dúvidas, aberturas e pluralidades para só assim construir-se outro caminho, o da dialogicidade.

O relacionamento dialógico só poderá existir quando o relacionamento pedagógico tiver sido ultrapassado pelas partes envolvidas. Nesse conjunto de relação e nessa caminhada conjunta entre educador e educando, a reciprocidade se fará presente e será de grande valia para as partes, pois nela há elementos capazes de aproximar as pessoas tornando-as especiais umas para as outras, fazendo-as enxergarem particularidades que algumas vezes até fogem do âmbito educacional e se constituem verdadeiramente em uma relação dialógica. Logo, a relação pedagógica aqui é superada pela relação dialógica.

É nesse processo de transição que as coisas acontecem, ou seja, é da mudança do pedagógico para o dialógico que a magia da educação se constrói, pois é nesse sentido que o próprio homem se constitui homem. É a partir da presença do diálogo que o ser se apresenta como tal e o homem se funda em sua própria essência. Todo o processo educacional, apoiado pela gênese dialógica faz com que

o indivíduo seja ele mesmo ou possa até se construir outro. No entanto, o que mais importa, nesse caso, é que esse processo seja executado.

Toda construção relatada no parágrafo anterior e toda a mudança construtora feita pela passagem do educacional pedagógico para o então dialógico, não poderá ocorrer de forma tão precisa e verdadeira se não houver o envolvimento do próprio educador. É de grande importância para o educando que o educador se faça presente em todo esse processo. A orientação, supervisão e encaminhamento feito pelo educando é algo capaz de trazer a própria vida do outro. Levar o educando para o conhecimento de si mesmo é um desafio, mas também uma satisfação para todo aquele que se propõe ao ato de educar.

Muitas das vezes todo conhecimento necessário para a libertação do homem já existe nele próprio, ou seja, a verdade tão procurada e tão desejada pelo ser já está em sua posse, ele só precisa se abrir para o que está em sua volta e dentro de si, para só então conhecer a sabedoria. Aqui, o educador vai servir de uma espécie de cão-guia, ou seja, vai poder mostrar-lhe o caminho certo, orientando-o em sua caminhada, pois qualquer pessoa que esteja diante de um processo educacional, deve ter o auxílio de um educador.

A responsabilidade de levar o conhecimento ao educando e guiá-lo rumo a todo ato educacional é do educador, por isso pede-se que o mesmo esteja disposto à abertura do ensinamento e à orientação do outro em relação a todas as suas particularidades. O educando tem a sua própria responsabilidade. Ele tem também que buscar o saber e o conhecimento, mas cabe ao educador fazer que esse caminho seja mais ameno e simples. A responsabilidade é de ambos, há uma dualidade entre educador e educando no que se refere ao processo educacional.

O educador é aquele que tem a visão da educação e aquele que tem a plena capacidade de ver que o outro é um ser dotado de saber e conhecimento, que tem em si mesmo o poder de obtê-lo e controlá-lo. O caminho que é capaz de transformar um simples homem em um indivíduo dotado de conhecimento é sinuoso. Porém, com o auxílio de um mestre, toda singularidade e individualidade existentes no propagandista são destruídas. É preciso que o educador esteja aberto a novos tipos de conhecimentos, que conheça a si mesmo e ao mundo, a fim de não cair na armadilha da educação formal e todas as suas limitações.

Toda sistematização da educação e todas as regras impostas a ela são, na visão de Martin Buber, um empecilho para a construção de uma relação entre o educador e o educando, como também é objeto de perda da autonomia e liderança de todo o sistema educacional. O diálogo tem em sua essência a criação de uma relação verdadeira, construída no dia a dia e no corpo a corpo. Sendo assim, toda forma doutrinária de educar só servirá de base para a formação de uma educação metodológica. Cabe também a todo aquele que dedica boa parte de seu tempo para o ensino, que esteja sempre atualizado perante as coisas para que sejam somadas às suas experiências particulares.

O diálogo quebra esse sistema de perguntas e respostas pré-estabelecidas, como também aproxima os seres uns dos outros, dando início a uma abertura antes não criada pelos sistemas educacionais tradicionais. A escola não se resume aos perímetros ao seu redor, nem seu aprendizado é resumido pelos exercícios e livros presentes nela. A escola antes é o mundo e a própria vida do educando, são suas experiências e frustrações, acertos e fracassos. Nem mesmo o próprio educador pode ser resumido como ator principal nesse processo de ensino e aprendizagem, e sim mais um orientador e auxiliador educacional.

[...] O diálogo não é tagarelar. Por isso pode haver diálogo na exposição crítica, rigorosamente metódica, de um professor a que os alunos assistem não como quem come o discurso, mas como quem apreende sua inteligência (FREIRE, 2000, p. 80).

É posto para o educador uma parcela grande na contribuição do educando, devido a sua experiência acumulada durante todo o seu tempo de estudo e trabalho. Martin Buber sempre exige do educador uma parcela de empenho grande na educação do educando. Todo educador tem que ter uma experiência grande em relação ao mundo e às coisas, pois o educando tende a errar por agir, em muitas das vezes, por impulso, desviando-se sempre do melhor caminho da educação.

O homem, sem uma educação adequada e sem o auxílio de alguém com experiência na área, tende a agir de forma muito emocional e, dessa forma, se precipita diante das coisas. Desequilíbrios emocionais e mudanças de comportamentos são frequentes durante esse processo de ensino e aprendizagem e

durante o caminhar inicial do educando. A busca por um conhecimento intrínseco e uma autorreflexão poderão ser de grande ajuda para que o educando possa não apenas encontrar a verdadeira educação, mas encontrar-se.

O único sentimento existente em um propagandista é o do individualismo, pois o mesmo não acredita ou não quer acreditar no educando pelo fato deste não ser importante para ele, apenas seus serviços. Também o propagandista não tem certeza que pode mudar o outro, ou convencê-lo sobre a verdade das coisas, por isso é muito mais fácil descartá-lo do que perder seu tempo. A educação é, em todo o seu processo, uma estrada complexa; não é fácil alcançar uma forma de ensino que possa ser rápida e fácil para ambas as partes, educador e educando, com isso, o propagandista dúvida de tudo e não acredita no outro.

Não há como existir uma educação de qualidade e uma forma equilibrada de ensino quando agimos de forma impositivista, ou seja, com imposição de sistemas educacionais, da hierarquia e da posição de uma política Estatal. Só com a quebra da hierarquia e sem o auxílio da imposição que podemos construir uma relação entre o educador e o educando. O respeito é uma das bases que devem existir numa relação dualista entre essas partes, porém o educador deve estar ciente da sua parcela e não se desviar dela até que o educando possa ter alcançado o conhecimento.

A única força que deve prevalecer em uma relação educacional, para Martin Buber, é a do diálogo, do respeito mútuo e da amizade. Caso contrário, quebrando-se o diálogo só restaria a força física e psicológica, em que ambas poderão destruir todo o processo dialógico. O diálogo é a única força que pode fazer o educando se abrir, não apenas para a educação, mas para todo o universo. O diálogo é capaz de transformar um ser em uma pessoa melhor, pois a modificação aqui é benéfica pelo fato de ser praticada pela cumplicidade e respeito, ao contrário dos padrões pregados pelo propagandista.

Quando se fala da responsabilidade que o educador tem perante o educando e de como sua forma de educar pode ser para o outro um caminho de sucesso, refere-se a sua forma de dialogação em relação ao outro, isto é, sua maneira de agir e pensar, praticando o bem e buscando uma abertura que só pode ser encontrada antes pelo poder do diálogo. Diferente do diálogo, a força que a imposição traz em si

acaba destruindo o homem e afastando-o do mundo real e de sua realidade também. A abertura é algo que faz nascer uma força original, distante de qualquer outro tipo de força. Devemos sempre fazer um grande esforço para poder minimizar qualquer distância que possa existir entre as pessoas, procurar encontrar um discurso que seja capaz de trazer união e destruir qualquer elemento nocivo à relação.

As qualidades ou virtudes são construídas por nós no esforço que nos impomos para diminuir a distância entre o que dizemos e o que fazemos. Este esforço, o de diminuir a distância entre o discurso e a prática, é uma das virtudes indispensáveis: a da coerência (FREIRE, 2005, p. 65).

No que diz respeito a uma força original, refere-se a um poder que todos temos dentro de nós, ou seja, uma força que vai além de pensamentos egoístas e preconceituosos, mas antes busca a verdade das coisas em si mesmo, fazendo com que cada ser humano busque dentro de si sua própria força. Já foi dito anteriormente o quanto é importante o papel do educar para poder guiar o educando nessa estrada, onde um elemento é de grande importância para que se possa manter o foco no objetivo final que é o conhecimento, e não se desviar para outro caminho, o da fé.

Faz-se necessário que o educador tenha fé no educando; que aquele não duvide da capacidade que este tem para poder aprender tudo que seja necessário para sua vida. A fé aqui entra como um ingrediente especial nesse bolo do conhecimento, servindo como o trigo que dará sustentação para que ele cresça. A fé é um elemento que não pode deixar de existir nessa relação entre educar e educando, pois servirá de auxiliar em toda essa construção.

Já foi dito anteriormente o quanto é importante que exista numa relação aberta a reciprocidade, pois ela trará a ambas as pessoas envolvidas na relação um espírito de confiança e respeito, pois toda relação educacional é também uma relação recíproca, cheias de elementos e alteridades. Não tem como fugir de sua responsabilidade, da sua importância e do que Martin Buber chama de presença. Fala-se aqui do educador, do quanto ele se faz importante na relação e, assim como

numa relação entre pai e filho existe o amor e a presença, também aqui o educador terá que se fazer presente mostrando o quanto o educando é importante para ele e o quanto ele o ama.

A educação traz em si um processo de relacionamento pedagógico, porém o diálogo tem o poder de transformá-lo em uma relação dialógica, por isso quando fazemos uso da amizade, do amor, do respeito e do carinho na educação, estamos transformando esse modelo educacional vigente com bases pedagógicas em um novo modelo de relacionamento dialógico. A presença aqui chega como um elemento educador, que mais do que demonstrar carinho e amor, também tem a plena capacidade de educar e transformar vidas. Não é uma tarefa fácil educar, pelo contrário, é um desafio diário e constante, uma tarefa, de fato, desafiante.

Quando falamos do propagandista e suas formas de agir singulares e pessoais, cheias de pretensões individuais e egoístas, não estamos falando aqui de um ser que nasceu apenas para isso, ou que só poderá agir dessa mesma maneira. Da mesma forma, quando estamos nos referindo ao educador e todos os seus atributos amorosos em relação ao seu educando – sua maneira de olhar o outro de forma respeitosa e carinhosa, a sua vontade de querer ajudar e guiar o outro por um caminho seguro – não queremos dizer que ele é um ser predestinado para isso, ou que tem atributos subjetivos para agir de tal forma, mas estamos apenas dizendo que existem tendências que podem ir para um lado ou para o outro, ou seja, tendências das almas que acabam influenciando-os de como agirem em alguns momentos.

O EU-TU e o EU-ISSO, como já mencionado anteriormente, são os elementos que constituem todo o processo dialógico, servem de base para manter-se uma relação ou não, como também arbitram a posição que cada um tem no processo educacional, na vida e na relação entre o educador e o educando. O propagandista e todas as suas particularidades, como o educador e seus pensamentos e ações, podem também serem representados por esses elementos, em que o mesmo ser pode representar ambos os casos, ou seja, que o educador pode ser o TU ou o ISSO da relação; da mesma forma o propagandista pode aparecer como sendo o TU em alguns casos e pode ser o ISSO em outros.

O dia-a-dia pode mostrar-nos diferentes formas de agir e pensar. Nossas almas e nossos pensamentos podem modificar-se constantemente, nos fazendo agir de maneiras diferentes. O cotidiano do indivíduo apresenta surpresas para o mesmo, nas relações onde o EU-TU está presente. Assim, nota-se que o educador ali também se encontra, ou seja, existe então uma relação verdadeira e presente, um respeito entre as partes e uma abertura para o momento. Do mesmo modo, quando o EU-ISSO está se fazendo presente, o propagandista assume o controle, destruindo com isso qualquer possibilidade de diálogo e relação.

Apesar de falarmos da importância do EU-TU na relação e do quanto ela é benéfica para o processo de ensino e aprendizagem, além de como ela pode aproximar o educador do educando, não podemos esquecer que é na presença do EU-ISSO que a criação também acontece, e quando o EU-ISSO aparecer a ciência também pode florescer e o homem poderá criar e materializar suas ideias, bem como fazer o que ele quiser em relação às suas aspirações e desejos. Assim, apesar do EU-ISSO ser materializador e fazer parte da vida do propagandista, também ele pode se fazer presente e muito útil no cotidiano do educar.

Apesar de parecer que existe uma divisão e a presença de dois seres extremamente diferentes e distintos, Martin Buber nos fala que o mesmo homem pode ser ambos, ou seja, que o homem pode ser um TU e um ISSO, um propagandista e um educador. As relações muitas das vezes nos aparecem de forma antagônicas e contraditórias, no entanto um mesmo indivíduo pode encontrar-se em ambas dessas relações. Saber diferenciá-las e poder usá-las de forma correta é o grande desafio do homem dentro das relações pedagógicas e dialógicas. Aqui vai um exemplo de um TU.

O TU inato atua bem cedo, na necessidade de contato (necessidade de início, tátil, e em seguida, um contato visual com o outro ente), de tal modo que ele expressa cada vez mais claramente, a reciprocidade que visa à ternura (BUBER, 1979, p. 31).

Aqui o que vale é saber que o homem deve procurar o melhor caminho para si, que deve estar atento para todas as mudanças relacionais e tentar entendê-las. A busca por uma vivência responsável é o segredo para o acerto nas relações. Viver o

cotidiano com responsabilidade e verdade, buscando não apenas mudar o outro ou o mundo, mas também a si mesmo, é o que deve fazer o ser que foi transformado ou que está buscando essa mudança. A relação é dialógica, a dialogicidade requer cumplicidade e amor. Para educar é preciso sempre está disposto a amar o outro e ajudá-lo, tarefa difícil e longa, porém necessária para uma vida de aprendizagem, já que educar é também aprender.

O diálogo, assim como o educar, implica responsabilidade de ambas as partes, pois quando um lado não está disposto a agir de forma recíproca, o elo dialógico é quebrado e a relação desfeita. Quando se refere aqui a uma responsabilidade ambígua entre os membros que constituem a relação, não se quer relacionar essa responsabilidade com um tipo de agir emocional, como algum tipo de orgulho ou simplicidade, mas apenas que tanto o educador quanto o propagandista possuem, em alguns casos, ações diferentes e sentimentos também contrários, porém ambos têm o seu valor na construção do homem.

Sabemos que inúmeros são os problemas que existem na sociedade, e o quanto a educação pode, de forma dialógica, minimizar essas arestas. Muitas são as formas sociais e muitas são também as comunidades, aqui o diálogo pode sim ser um elo para ligar essas formas sociais e esses pensamentos muitas vezes divergentes, pois as comunidades e suas ramificações podem contribuir não só para a construção de uma sociedade justa e verdadeira, como também trazer uma grande contribuição no âmbito educacional. Uma sociedade que tem em sua formação pessoas com visões coletivas, com respeito mútuo e responsabilidade, fortalece as interações pessoais e interpessoais, tão importantes na relação. A relação dialógica necessita de uma relação subjetiva entre os seres que a compõe, já que o diálogo se constitui do concreto, da vida, do mundo, como também do abstrato.

Mas como construir uma relação justa e verdadeira? Como estabelecer responsabilidade para ambas as partes sem que se fira uma delas? Martin Buber nos fala que é preciso existir a tolerância nas relações, pois é ela que vai trazer a criação de uma relação humana. Quando estamos tolerantes uns com os outros, estamos dizendo que o outro é o outro, ou seja, que ele é um ser único e deve ser respeitado. Por isso, a tolerância traz o sentido da diferença, nos faz ver o quanto somos diferentes e como é importante essa diferença. Martin Buber diz que a

tolerância é muito mais do que diferenciação, mas que ela está relacionada diretamente com a alteridade.

A alteridade nos faz ver e compreender que o outro é diferente, porém também nos faz entender que ele também é singular e único. A totalidade do ser está diretamente ligada à alteridade, ou seja, sem esse sentimento não há como perceber o outro e respeitá-lo. Quando os seres estão imensos na totalidade, ali existe o diálogo verdadeiro. A alteridade traz a visão para o homem, o faz enxergar o outro, como também a si próprio. Acredita-se que a alteridade é o único caminho seguro para a realização e concretude da relação, pois traz a luz onde havia escuridão, visão para o que estava cego.

Entender a si mesmo, perceber o outro enquanto outro, diante das suas diferenças, é um caminho para a constituição do EU-TU, pois quando deixamos de lado a tolerância e nos vestimos da intolerância, estamos também automaticamente deixando de ser o que somos, estamos esquecendo de nós mesmos. A mudança de pensamento sobre o outro e nós mesmo é importante para entendermos a educação de forma mais clara, todavia Martin Buber nos adverte que toda forma de mudança deve ser lenta e gradual para podermos entender de uma melhor forma todos os aspectos que envolvem o ato educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi colocado e exposto em todos os capítulos e subcapítulos, buscou-se analisar de maneira simples como o autor Martin Buber conceitua seu diálogo e como o mesmo foi formado, não pretendendo de forma alguma estabelecer metas e ações a serem tomadas e seguidas, mas antes demonstrando o quanto o seu conceito de diálogo foi importante em sua vida e como os problemas vividos por ele foram de grande valor para a construção do seu diálogo. Também mostrou-se alguns aspectos dos processos educacionais e o quanto uma relação dialógica é importante para todos eles.

Será mostrado um resumo pequeno de cada capítulo desde o primeiro que fala sobre o diálogo em Martin Buber, passando pelo segundo capítulo que descreve um pouco sobre a educação e algumas de suas formas entre elas a visão educacional e pedagógica de Paulo Freire, como também o seu diálogo, até a chegada do terceiro e último, onde se verá mais um pouco do diálogo de Buber, porém com uma visão mais voltada para a educação de modo geral, como também será discorrido mais um pouco sobre a educação, trazendo alguns pontos de vista de Paulo Freire e sua forma de entender e praticar o diálogo.

A partir de todos os objetivos propostos e a tentativa de se trazer alguns esclarecimentos sobre eles e suas possíveis aplicações, cada tipo de diálogo pode ser visto e entendido em cada caso, ou seja, na visão e orientação de Martin Buber ou no entendimento de Paulo Freire, como também uma visão social da educação, políticas públicas e a relação entre pedagogia e diálogo no âmbito educacional. Não existe aqui uma comparação entre as diversas formas de diálogos, apenas como cada autor apresentam-nas, e o que elas podem trazer de contribuição para a educação em geral.

Evidentemente foram apresentados dois tipos de diálogos específicos aqui, tanto o de Buber quanto o de Freire, porém será dada uma maior importância para o pensamento e dialogação de Buber por acreditar-se que sua forma dialógica pode trazer uma grande contribuição em relação ao sistema educacional contemporâneo. A forma como o diálogo de Buber se apresenta é muito peculiar por trazer aspectos de sua própria vida e experiência, o que para a educação poder ser de grande valia.

A transformação de uma educação estritamente pedagógica em uma educação que valorize o diálogo é algo que estreita ainda mais os laços pessoais e coloca uma maior humanização ao processo da educação brasileira e mundial.

O diálogo de Martin Buber é cheio de vida por descrever a sua própria educação e filosofia, pois o mesmo soube como ninguém fazer de suas angustias e frustrações uma contribuição para a educação e todo o seu processo mutável. É de grande importância e de muita significação para essa dissertação descrever e pontuar o quanto a teoria dialógica de Martin Buber é importante para todo o processo educacional, por tratar-se de uma educação que busca não apenas a humanização de uma classe ou cultura, mas transformar os objetos em pessoas, ou seja, trazer vida para aquele que antes era visto apenas como coisa. Dessa forma, transformando o EU-ISSO em EU-TU.

Sabemos que a teoria dialógica de Martin Buber e sua forma de educação é pouco falada e usada aqui no Brasil. Todo seu processo de educação pautado em uma relação dialógica ainda é olhado com certa dúvida nas políticas educacionais do País, até mesmo nas universidades, e em todo o meio acadêmico ainda não temos uma plena aceitação sobre sua teoria, contudo não podemos descartar a sua importância, não apenas no que diz respeito aos processos de educação, ou no que é usado em sala de aula, mas também por todo o seu valor social; o quanto sua filosofia pode acrescentar para a formação do homem em suas relações com os outros. As relações além de aproximar as pessoas também têm o poder de quebrar as barreiras culturais e dogmas existentes na sociedade.

Para Buber todas as relações e atividades que envolvem a educação devem, de maneira direta, passar pelo caminho do diálogo, ou seja, não se restringir apenas ao âmbito escolar ou acadêmico, mas ultrapassar esse nível adentrando também nas famílias. O diálogo em Martin Buber nunca poderá ser visto como um instrumento ou objeto de uso entre as pessoas, não poderá ser o meio para se alcançar o outro, pois dessa forma irá ferir o próprio conceito de diálogo do autor. Para Buber, o diálogo é abertura de forma despretensiosa, sem rótulos ou maneiras de ação sobre o outro. O diálogo é presença e verdade e nunca objeto. É uma relação inter-humana.

Como o diálogo é algo que tem a capacidade de criar laços entre as pessoas, dessa forma, é também uma maneira de educar. Sabemos que tudo que está ao redor do homem, como aspectos econômicos e sociais, pode acabar interferindo em sua vida de forma direta ou indireta, porém o aspecto espiritual é o mais importante para ele, pois é o que pode trazer uma iluminação ampla sobre o ser humano. Para Martin Buber, o ser humano pode ser compreendido por si mesmo como possuidor de várias dimensões, entre elas, a emocional, a política, a psicológica e, é claro, a dialógica. Essas várias dimensões podem ser agraciadas se o ser estiver totalmente íntegro, para só assim ter a plena capacidade de poder enxergar o outro ser de maneira geral e total.

A espiritualidade que existe no homem tem o poder de unir as diversas dimensões, pois tem condições de fazer parte do universo dialógico, como também o pedagógico. Porém, para Buber, o aspecto espiritual é de grande valor em sua teoria, pois para ele o diálogo também é espiritualidade. A espiritualidade também pode ajudar o ser humano na contemplação de uma relação verdadeira, trazendo à luz os aspectos ocultos que vão aparecendo à medida que a relação vai deixando de ser pedagógica e vai se transformando em dialógica, já que ambas são diferentes. Nesse tipo de relação e mudança, a graça entra como papel principal já que ela acontece de maneira independente.

A relação dialógica, para Buber, é ou faz parte direta da essência humana. Elementos como simpatia e ideologias podem até ajudar, porém nunca vão determinar e possibilitar verdadeiramente o diálogo. O mesmo só poderá ser representado pela gênese da essência humana, pela orientação do espírito, e pela relação genuína. O indivíduo só poderá tornar-se homem no fogo das relações e na vivência do inter-humano, que será sempre representada pela reciprocidade criada pela dialogação. A reciprocidade tem o poder de quebrar todos os obstáculos sociais, econômicos e religiosos.

O diálogo de Buber traz a gênese da diferenciação, e possibilita a criação de novos olhares e diversas formas de aplicação. A educação pode, de várias maneiras, utilizar a teoria de Buber por apresentar caracteres da totalidade humana, valorizando a integração entre as pessoas e toda a humanização presente nessa perspectiva educacional. O diálogo Buberiano vai para além do que a educação pode apresentar, ele busca a transcendência do homem e a transformação do

sujeito em ser humano; aspectos éticos e morais não podem determinar e nem guiar o diálogo, apenas o transcender humano.

De maneira geral, o diálogo e a educação podem sim andar de mãos dadas e agirem em busca de um só objetivo: a transformação humana e uma vida em sociedade mais equitativa, justa e verdadeira. O diálogo de Martin Buber tem esse potencial de mudança do ser, isto é, através de todo esse processo que pode transformar um ser pedagógico em um dialógico; pode, além de educá-lo, transformá-lo em ser humano. Essa capacidade de mudança do sujeito que ocorre quando o mesmo se torna um ser, em sua totalidade e plenitude, é a grande gênese educacional de Buber.

Sabemos que o diálogo de Paulo Freire é de grande importância e contribuição para a educação e para o ser humano, que sua pedagogia é capaz de transpor as barreiras impostas por culturas locais e regionais, e que todos os fatores sociais, éticos, morais, religiosos e tantos outros influem e interferem diretamente na construção desse diálogo e do ser. Porém, acredita-se que o olhar de Buber em relação ao outro com sua abertura, e à toda vivência necessária para a fundição do diálogo, acaba por ser também outra grande fonte de contribuição para a educação como um todo.

Este trabalho limita-se apenas a uma pesquisa simplesmente de natureza teórica e bibliográfica, procurando perceber um pouco sobre o que é o diálogo para Martin Buber e como podemos aplicá-lo na educação ou como o mesmo pode ser capaz de além de educar, transformar. Ou seja, além de todos os aspectos educacionais envolvidos nesse processo, também pode-se trazer humanização para o homem. Não colocou-se aqui suas práticas educacionais nem a aplicação do diálogo na educação de forma direta, apenas foi teorizado sobre sua concepção teórica e sobre a vivência que teve para criar e transformar dificuldades em formas práticas de vida.

Na educação, falou-se sobre o impacto que a educação causa na sociedade, e como a mesma tem o poder de mudá-la, interferindo diretamente nas formas de ação do homem, fazendo-o perceber sobre suas próprias atitudes. Os aspectos éticos e morais não serão mais elementos distintos e fora da sua realidade, mas pelo contrário, agora eles farão parte de sua constituição, fazendo-os perceber o

quanto são importantes para a construção do diálogo e para o respeito ao próximo. Enquanto Paulo Freire afirma em seu diálogo e em sua teoria que todos os aspectos sociais agem diretamente sobre o homem e determinam as suas ações, Martin Buber acredita que o homem tem pleno poder de mudar essa mesma sociedade e todos os seus aspectos que a constituem.

Um grande aspecto que tem que ser levado em consideração em relação ao diálogo em Martin Buber é que ele ajuda a construir o ser, aspecto educacional em relação à pedagogia, ou seja, pelo conhecimento de sua educação e sua teoria dialógica, ele pôde perceber como a relação pedagógica age e interfere no educando, e com isso tem condições para poder escrever a sua própria pedagogia, o seu diálogo educacional. Como já dito antes, o termo diálogo pode apresentar algumas formas no qual poderá ter grande importância ou nenhuma. Para Buber, o diálogo é vida, pois representa sua vivência desde quando criança. O seu diálogo é mais que um simples termo ou palavra, mas representa uma atitude em relação ao próximo. Representa respeito e amor. Dentre tantas coisas que podemos dizer sobre o diálogo e a educação em relação ao pensamento buberiano, é que elas têm a preocupação de humanizar o homem e transformação da sociedade.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Política**. Coleção Obra prima de cada autor. [Trad. Pedro Constantin Tolens] São Paulo: Politikón Ed. 6ª 2013.

_____. **Organon**. Coleção os Pensadores [Trad. Leonel Vallandro] São Paulo: Nova Cultural, 1987.

BUBER, Martin. **Cumplicidade e diálogo**. [Trad. Nilton Aquiles Von Zuben] Bauru: Edusp 2003.

_____. **Do diálogo e do dialógico**. [Trad. Marta Ekstein de Sousa Queiroz e Regina Wein Berg] São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **Eu e Tu**. [Trad. Nilton Aquiles Von Zuben] São Paulo: Centauro, 2001.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Rio de Janeiro: Autêntica, 2009.

_____. **Diálogo em educação** (Platão, Habermas, Freire). – João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011. (1.Educação, 2.Pedagogia dialógica, 3.Produção de conhecimento, 4.Linguagem e comunicação, 5.Diálogo).

COUTINHO, Nelson Carlos. **Caderno do Cárcere**. Vol. 2. Os intelectuais. Os princípios educativos. Jornalismo. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra.,1987.

Paolo, Nosella. **A Escola de Gramsci**. 5. Ed. Editora cortez, São Paulo. 2017.

Platão, **Apologia de Sócrates**. Seleção de textos de José Américo Mota Pessanha; tradução de Jaime Bruna, Libero Rangel. Ed. São Paulo: Nova Cultura, 1987.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. São Paulo: Autores Associados, 2008.

Sionismo. **Wikipedia**. Disponível em: <<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Sionismo>>>. Acesso em: 22 de ago. 2017

TARDIF, Maurice. **Saberes docente e formação profissional**. Rio de Janeiro ed. 9ª, Vozes, 2008.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2014.